GRACILIANO
RAMOS
Alexandre e
outros heróis
RECORD

GRACILIANO RAMOS

Alexandre e outros heróis

57ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R143v
57ª ed.

Ramos, Graciliano, 1892-1953
Alexandre e outros heróis [recurso eletrônico] / Graciliano Ramos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501404374 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-01843

CDD – 869.93
CDU – 821.134.3(81)-3

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

posfácio Rui Mourão
capa eg.design / Evelyn Grumach
ilustração Tomás Santa Rosa
foto do autor Arquivo de família
finalização da capa eg.design / Fernanda Garcia
projeto gráfico de miolo eg.design / Evelyn Grumach e Fernanda Garcia

Direitos exclusivos desta edição
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 9788501404374

Nota do editor

Esta nova edição de *Alexandre e outros heróis* teve como base a 1ª edição de *Histórias de Alexandre* (exemplar gentilmente cedido por José Aderaldo Castello ao Instituto de Estudos Brasileiros) e os manuscritos de *A terra dos meninos pelados* e *Pequena história da República* que se encontram no Fundo Graciliano Ramos, Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Este projeto de reedição da obra de Graciliano Ramos é supervisionado por Wander Melo Miranda, professor titular de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais.

As histórias de Alexandre não são originais: pertencem ao folclore do Nordeste, e é possível que algumas tenham sido escritas.

Sumário

Apresentação de Alexandre e Cesária
Primeira aventura de Alexandre
O olho torto de Alexandre
História de um bode
Um papagaio falador
O estribo de prata
O marquesão de jaqueira
A safra dos tatus
História de uma bota
Um missionário
Uma canoa furada
História de uma guariba
A espingarda de Alexandre
Moqueca
A doença de Alexandre
A terra dos meninos pelados
Pequena história da República
Posfácio
Vida e Obra

Apresentação de Alexandre e Cesária

No sertão do Nordeste vivia antigamente um homem cheio de conversas, meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro, já velho, chamado Alexandre. Tinha um olho torto e falava cuspindo a gente, espumando como um sapo-cururu, mas isto não impedia que os moradores da redondeza, até pessoas de consideração, fossem ouvir as histórias fanhosas que ele contava. Tinha uma casa pequena, meia dúzia de vacas no curral, um chiqueiro de cabras e roça de milho na vazante do rio. Além disso possuía uma espingarda e a mulher. A espingarda lazarina, a melhor espingarda do mundo, não mentia fogo e alcançava longe, alcançava tanto quanto a vista do dono; a mulher, Cesária, fazia renda e adivinhava os pensamentos do marido. Em domingos e dias santos a casa se enchia de visitas — e Alexandre, sentado no banco do alpendre, fumando um cigarro de palha muito grande, discorria sobre acontecimentos da mocidade, às vezes se enganchava e apelava para a memória de Cesária. Cesária tinha sempre uma resposta na ponta da língua. Sabia de cor todas as aventuras do marido, a do bode que se transformava em cavalo, a da guariba mãe de família, da cachorra morta por um caititu acuado, pobrezinha, a melhor cachorra de caça que já houve. E aquele negócio de onça-pintada que numa noite ficara mansa como bicho de casa? Era medonho. Alexandre tinha realizado ações notáveis e falava bonito, mas guardava muitas coisas no espírito e sucedia misturá-las. Cesária escutava e aprovava balançando a cabeça, curvada sobre a almofada trocando os bilros, pregando alfinetes no papelão da renda. E quando o homem se calava ou algum ouvinte fazia perguntas inconvenientes, levantava os olhos miúdos por cima dos óculos e completava a narração. Esse casal

admirável não brigava, não discutia. Alexandre estava sempre de acordo com Cesária, Cesária estava sempre de acordo com Alexandre. O que um dizia o outro achava certo. E assim, tudo se combinando, descobriam casos interessantes que se enfeitavam e pareciam tão verdadeiros como a espingarda lazarina, o curral, o chiqueiro das cabras e a casa onde eles moravam. Alexandre, como já vimos, tinha um olho torto. Enquanto ele falava, cuspindo a gente, o olho certo espiava as pessoas, mas o olho torto ficava longe, parado, procurando outras pessoas para escutar as histórias que ele contava. A princípio esse olho torto lhe causava muito desgosto e não gostava que falassem nele. Mas com o tempo se acostumou e descobriu que enxergava melhor por ele que pelo outro, que era direito. Consultou a mulher:

— Não é, Cesária?

Cesária achou que era assim mesmo. Alexandre via até demais por aquele olho: Não se lembrava do veado que estava no monte? Pois é. Um homem de olhos comuns não teria percebido o veado com aquela distância. Alexandre ficou satisfeito e começou a referir-se ao olho enviesado com orgulho. O defeito desapareceu, e a história do espinho foi nascendo, como tinham nascido todas as histórias dele, com a colaboração de Cesária. São essas histórias que vamos contar aqui, aproveitando a linguagem de Alexandre e os apartes de Cesária.

10 de julho de 1938.

Primeira aventura de Alexandre

Naquela noite de lua cheia estavam acocorados os vizinhos na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordeduras de cobras. Das Dores, benzedeira de quebranto e afilhada do casal, agachava-se na esteira cochichando com Cesária.

— Vou contar aos senhores... principiou Alexandre amarrando o cigarro de palha.

Os amigos abriram os ouvidos e Das Dores interrompeu o cochicho:

— Conte, meu padrinho.

Alexandre acendeu o cigarro ao candeeiro de folha, escanchou-se na rede e perguntou:

— Os senhores já sabem por que é que eu tenho um olho torto?

Mestre Gaudêncio respondeu que não sabia e acomodou-se num cepo que servia de cadeira.

— Pois eu digo, continuou Alexandre. Mas talvez nem possa escorrer tudo hoje, porque essa história nasce de outra, e é preciso encaixar as coisas direito. Querem ouvir? Se não querem, sejam francos: não gosto de cacetear ninguém.

Seu Libório cantador e o cego preto Firmino juraram que estavam atentos. E

Alexandre abriu a torneira:

— Meu pai, homem de boa família, possuía fortuna grossa, como não ignoram. A nossa fazenda ia de ribeira a ribeira, o gado não tinha conta e dinheiro lá em casa era cama de gato. Não era, Cesária?

— Era, Alexandre, concordou Cesária. Quando os escravos se forraram, foi um desmantelo, mas ainda sobraram alguns baús com moedas de ouro. Sumiu-se tudo.

Suspirou e apontou desgostosa a mala de couro cru onde seu Libório se sentava:

— Hoje é isto. Você se lembra do nosso casamento, Alexandre?

— Sem dúvida, gritou o marido. Uma festa que durou sete dias. Agora não se faz festa como aquela. Mas o casamento foi depois. É bom não atrapalhar.

— Está certo, resmungou mestre Gaudêncio curandeiro. É bom não atrapalhar.

— Então escutem, prosseguiu Alexandre. Um domingo eu estava no copiar, esgaravatando as unhas com a faca de ponta, quando meu pai chegou e disse:

— "Xandu, você nos seus passeios não achou roteiro da égua pampa?" E eu respondi: — "Não achei, nhor não." — "Pois dê umas voltas por aí, tornou meu pai. Veja se encontra a égua." — "Nhor sim." Peguei um cabresto e saí de casa antes do almoço, andei, virei, mexi, procurando rastos nos caminhos e nas veredas. A égua pampa era um animal que não tinha aguentado ferro no quarto nem sela no lombo. Devia estar braba, metida nas brenhas, com medo de gente. Difícil topar na catinga um bicho assim. Entretido, esqueci o almoço e à tardinha descansei no bebedouro, vendo o gado enterrar os pés na lama. Apareceram bois, cavalos e miunça, mas da égua pampa nem sinal. Anoiteceu, um pedaço de lua branqueou os xiquexiques e os mandacarus, e eu me estirei na ribanceira do rio, de papo para o ar, olhando o céu, fui-me amadornando devagarinho, peguei no sono, com o pensamento em Cesária. Não sei quanto tempo dormi, sonhando com Cesária. Acordei numa escuridão medonha. Nem pedaço de lua nem estrelas, só se via o carreiro de Sant'Iago. E tudo calado, tão calado que se ouvia

perfeitamente uma formiga mexer nos garranchos e uma folha cair. Bacuraus doidos faziam às vezes um barulho grande, e os olhos deles brilhavam como brasas. Vinha de novo a escuridão, os talos secos buliam, as folhinhas das catingueiras voavam. Tive desejo de voltar para casa, mas o corpo morrinhento não me ajudou. Continuei deitado, de barriga para cima, espiando o carreiro de Sant'Iago e prestando atenção ao trabalho das formigas. De repente conheci que bebiam água ali perto. Virei-me, estirei o pescoço e avistei lá embaixo dois vultos malhados, um grande e um pequeno, junto da cerca do bebedouro. A princípio não pude vê-los direito, mas firmando a vista consegui distingui-los por causa das malhas brancas. — "Vão ver que é a égua pampa, foi o que eu disse. Não é senão ela. Deu cria no mato e só vem ao bebedouro de noite." Muito ruim o animal aparecer àquela hora. Se fosse de dia e eu tivesse uma corda, podia laçá-lo num instante. Mas desprevenido, no escuro, levantei-me azuretado, com o cabresto na mão, procurando meio de sair daquela dificuldade. A égua ia escapar, na certa. Foi aí que a ideia me chegou.

— Que foi que o senhor fez? perguntou Das Dores curiosa.

Alexandre chupou o cigarro, o olho torto arregalado, fixo na parede. Voltou para Das Dores o olho bom e explicou-se:

— Fiz tenção de saltar no lombo do bicho e largar-me com ele na catinga. Era o jeito. Se não saltasse, adeus égua pampa. E que história ia contar a meu pai? Hem? Que história ia contar a meu pai, Das Dores?

A benzedeira de quebranto não deu palpite, e Alexandre mentalmente pulou nas costas do animal:

— Foi o que eu fiz. Ainda bem não me tinha resolvido, já estava escanchado. Um desespero, seu Libório, carreira como aquela só se vendo. Nunca houve outra igual. O vento zumbia nas minhas orelhas, zumbia como corda de viola. E eu então... Eu então pensava, na tropelia desembestada: — "A cria, miúda, naturalmente ficou atrás e se perde, que não pode acompanhar a mãe, mas esta amanhã está ferrada e arreada." Passei o cabresto no focinho da bicha e, os calcanhares presos nos vazios, deitei-me, grudei-me com ela, mas antes levei

muita pancada de galho e muito arranhão de espinho rasga-beiço. Fui cair numa touceira cheia de espetos, um deles esfolou-me a cara, e nem senti a ferida: num aperto tão grande não ia ocupar-me com semelhante ninharia. Botei-me para fora dali, a custo, bem maltratado. Não sabia a natureza do estrago, mas pareceu-me que devia estar com a roupa em tiras e o rosto lanhado. Foi o que me pareceu. Escapulindo-se do espinheiro, a diaba ganhou de novo a catinga, saltando bancos de macambira e derrubando paus, como se tivesse azougue nas veias. Fazia um barulhão com as ventas, eu estava espantado, porque nunca tinha ouvido égua soprar daquele jeito. Afinal subjuguei-a, quebrei-lhe as forças e, com puxavantes de cabresto, murros na cabeça e pancadas nos queixos, levei-a para a estrada. Aí ela compreendeu que não valia a pena teimar e entregou os pontos. Acreditam vossemecês que era um vivente de bom coração? Pois era. Com tão pouco ensino, deu para esquipar. E eu, notando que a infeliz estava disposta a aprender, puxei por ela, que acabou na pisada baixa e num galopezinho macio em cima da mão. Saibam os amigos que nunca me desoriento. Depois de termos comido um bando de léguas naquele pretume de meter o dedo no olho, andando para aqui e para acolá, num rolo do inferno, percebi que estávamos perto do bebedouro. Sim senhores. Zoada tão grande, um despotismo de quem quer derrubar o mundo — e agora a pobre se arrastava quase no lugar da saída, num chouto cansado. Tomei o caminho de casa. O céu se desenferrujou, o sol estava com vontade de aparecer. Um galo cantou, houve nos ramos um rebuliço de penas. Quando entrei no pátio da fazenda, meu pai e os negros iam começando o ofício de Nossa Senhora. Apeei-me, fui ao curral, amarrei o animal no mourão, cheguei-me à casa, sentei-me no copiar. A reza acabou lá dentro, e ouvi a fala de meu pai: — “Vocês não viram por aí o Xandu?” — “Estou aqui, nhor sim, respondi cá de fora.” — “Homem, você me dá cabelos brancos, disse meu pai abrindo a porta. Desde ontem sumido!” — “Vossemecê não me mandou procurar a égua pampa?” — “Mandei, tornou o velho. Mas não mandei que você dormisse no mato, criatura dos meus pecados. E achou roteiro dela?” — “Roteiro não achei, mas vim montado num bicho. Talvez seja a égua pampa, porque tem malhas. Não sei,

nhor não, só se vendo. O que sei é que é bom de verdade: com umas voltas que deu ficou pisando baixo, meio a galope. E parece que deu cria: estava com outro pequeno." Aí a barra apareceu, o dia clareou. Meu pai, minha mãe, os escravos e meu irmão mais novo, que depois vestiu farda e chegou a tenente de polícia, foram ver a égua pampa. Foram, mas não entraram no curral: ficaram na porteira, olhando uns para os outros, lesos, de boca aberta. E eu também me admirei, pois não.

Alexandre levantou-se, deu uns passos e esfregou as mãos, parou em frente de mestre Gaudêncio, falando alto, gesticulando:

— Tive medo, vi que tinha feito uma doidice. Vossemecês adivinham o que estava amarrado no mourão? Uma onça-pintada, enorme, da altura de um cavalo. Foi por causa das pintas brancas que eu, no escuro, tomei aquela desgraçada pela égua pampa.

O olho torto de Alexandre

— Esse caso que vossemecê escorreu é uma beleza, seu Alexandre, opinou seu Libório. E eu fiquei pensando em fazer dele uma cantiga para cantar na viola.

— Boa ideia, concordou o cego preto Firmino. Era o que seu Libório devia fazer, que tem cadência e sabe o negócio. Mas aí, se me dão licença... Não é por querer falar mal, não senhor.

— Diga, seu Firmino, convidou Alexandre.

— Pois é, tornou o cego. Vossemecê não se ofenda, eu não gosto de ofender ninguém. Mas nasci com o coração perto da goela. Tenho culpa de ter nascido assim? Quando acerto num caminho, vou até topar.

— Destampe logo, seu Firmino, resmungou Alexandre enjoado. Para que essas nove-horas?

— Então, como o dono da casa manda, lá vai tempo. Essa história da onça era diferente a semana passada. Seu Alexandre já montou na onça três vezes, e no princípio não falou no espinheiro.

Alexandre indignou-se, engasgou-se, e quando tomou fôlego, desejou torcer o pescoço do negro:

— Seu Firmino, eu moro nesta ribeira há um bando de anos, todo o mundo me conhece, e nunca ninguém pôs em dúvida a minha palavra.

— Não se aperreie não, seu Alexandre. É que há umas novidades na conversa. A moita de espinho apareceu agora.

— Mas, seu Firmino, replicou Alexandre, é exatamente o espinheiro que tem importância. Como é que eu me iria esquecer do espinheiro? A onça não vale nada, seu Firmino, a onça é coisa à toa. Onças de bom gênio há muitas. O senhor nunca viu? Ah! Desculpe, nem me lembrava de que o senhor não enxerga. Pois nos circos há onças bem ensinadas, foi o que me garantiu meu mano mais novo, homem sabido, tão sabido que chegou a tenente de polícia. Acho até que as onças todas seriam mansas como carneiros, se a gente tomasse o trabalho de botar os arreios nelas. Vossemecê pensa de outra forma? Então sabe mais que meu irmão tenente, pessoa que viajou nas cidades grandes.

Cesária manifestou-se:

— A opinião de seu Firmino mostra que ele não é traquejado. Quando a gente conta um caso, conta o principal, não vai esmiuçar tudo.

— Certamente, concordou Alexandre. Mas o espinheiro eu não esqueci. Como é que havia de esquecer o espinheiro, uma coisa que influiu tanto na minha vida?

Aí Alexandre, magoado com a objeção do negro, declarou aos amigos que ia calar-se. Detestava exageros, só dizia o que se tinha passado, mas como na sala havia quem duvidasse dele, metia a viola no saco. Mestre Gaudêncio curandeiro e seu Libório cantador procuraram com bons modos resolver a questão, juraram que a palavra de seu Alexandre era uma escritura, e o cego preto Firmino desculpou-se rosnando.

— Conte, meu padrinho, rogou Das Dores.

Alexandre resistiu meia hora, cheio de melindres, e voltou às boas.

— Está bem, está bem. Como os amigos insistem...

Cesária levantou-se, foi buscar uma garrafa de cachimbo e uma xícara. Beberam todos, Alexandre se desanuviou e falou assim:

— Acabou-se. Vou dizer aos amigos como arranjei este defeito no olho. E aí seu Firmino há de ver que eu não podia esquecer o espinheiro, está ouvindo?

Prestem atenção, para não me virem com perguntas e razões como as de seu Firmino. Ora muito bem. Naquele dia, quando o pessoal lá de casa cobrou a fala, depois do susto que a onça tinha causado à gente, meu pai reparou em mim e botou as mãos na cabeça: — "Valha-me, Nossa Senhora. Que foi que lhe aconteceu, Xandu?" Fiquei meio besta, sem entender o que ele queria dizer, mas logo percebi que todos se espantavam. Devia ser por causa da minha roupa, que estava uma lástima, completamente esmolambada. Imaginem. Voar pela capueira no escuro, trepado naquele demônio. Mas a admiração de meu pai não era por causa da roupa, não. — "Que é que você tem na cara, Xandu?" perguntou ele agoniado. Meu irmão tenente (que naquele tempo ainda não era tenente) me trouxe um espelho. Uma desgraça, meus amigos, nem queiram saber. Antes de me espiar no vidro, tive uma surpresa: notei que só distinguia metade das pessoas e das coisas. Era extraordinário. Minha mãe estava diante de mim, e, por mais que me esforçasse, eu não conseguia ver todo o corpo dela. Meu irmão me aparecia com um braço e uma perna, e o espelho que me entregou estava partido pelo meio, era um pedaço de espelho. "Que trapalhada será esta?" disse comigo. E nada de atinar com a explicação. Quando me vi no caco de vidro é que percebi o negócio. Estava com o focinho em miséria: arranhado, lanhado, cortado, e o pior é que o olho esquerdo tinha levado sumiço. A princípio não abarquei o tamanho do desastre, porque só avistava uma banda do rosto. Mas virando o espelho, via o outro lado, enquanto o primeiro se sumia. Tinha perdido o olho esquerdo, e era por isso que enxergava as coisas incompletas. Baixei a cabeça, triste, assuntando na infelicidade e procurando um jeito de me curar. Não havia curandeiro nem rezador que me endireitasse, pois mezinha e reza servem pouco a uma criatura sem olho, não é verdade, seu Gaudêncio? Minha família começou a fazer perguntas, mas eu estava zonzo, sem vontade de conversar, e saí dali, fui-me encostar num canto da cerca do curral. Com a ligeireza da carreira, nem tinha sentido as esfoladuras e o golpe medonho. Como é que eu podia saber o lugar da desgraça? Calculei que devia ser o espinheiro e logo me veio a ideia de examinar a coisa de perto. Saltei no lombo de um cavalo e larguei-me para o bebedouro,

daí ganhei o mato, acompanhando o rasto da onça. Caminhei, caminhei, e enquanto caminhava ia-me chegando uma esperança. Era possível que não estivesse tudo perdido. Se encontrasse o meu olho, talvez ele pegasse de novo e tapasse aquele buraco vermelho que eu tinha no rosto. A vista não ia voltar, certamente, mas pelo menos eu arrumaria boa figura. À tardinha cheguei ao espinheiro, que logo reconheci, porque, como os senhores já sabem, a onça tinha caído dentro dele e havia ali um estrago feio: galhos rebentados, o chão coberto de folhas, cabelos e sangue nas cascas do pau. Enfim um sarapatel brabo. Apeei-me e andei uma hora caçando o diacho do olho. Trabalho perdido. E já estava desanimado, quando o infeliz me bateu na cara de supetão, murcho, seco, espetado na ponta de um garrancho todo coberto de moscas. Peguei nele com muito cuidado, limpei-o na manga da camisa para tirar a poeira, depois encaixei-o no buraco vazio e ensanguentado. E foi um espanto, meus amigos, ainda hoje me arrepio. Querem saber o que aconteceu? Vi a cabeça por dentro, vi os miolos, e nos miolos muito brancos as figuras de pessoas em que eu pensava naquele momento. Sim senhores, vi meu pai, minha mãe, meu irmão tenente, os negros, tudo miudinho, do tamanho de caroços de milho. É verdade. Baixando a vista, percebi o coração, as tripas, o bofe, nem sei que mais. Assombrei-me. Estaria malucando? Enquanto enxergava o interior do corpo, via também o que estava fora, as catingueiras, os mandacarus, o céu e a moita de espinhos, mas tudo isso aparecia cortado, como já expliquei: havia apenas uma parte das plantas, do céu, do coração, das tripas, das figuras que se mexiam na minha cabeça. Refletindo, consegui adivinhar a razão daquele milagre: o olho tinha sido colocado pelo avesso. Compreendem? Colocado pelo avesso. Por isso apanhava os pensamentos, o bofe e o resto. Tenho rolado por este mundo, meus amigos, assisti a muita embrulhada, mas essa foi a maior de todas, não foi, Cesária?

— Foi, Alexandre, respondeu Cesária levantando-se e acendendo o cachimbo de barro no candeeiro. Essa foi diferente das outras.

— Pois é, continuou Alexandre. Só havia metade das nuvens, metade dos urubus que voavam nelas, metade dos pés de pau. E do outro lado metade do

coração, que fazia tuque, tuque, tuque, metade das tripas e do bofe, metade de meu pai, de minha mãe, de meu irmão tenente, dos negros e da onça, que funcionavam na minha cabeça. Meti o dedo no buraco do rosto, virei o olho e tudo se tornou direito, sim senhores. Aqueles troços do interior se sumiram, mas o mundo verdadeiro ficou mais perfeito que antigamente. Quando me vi no espelho, depois, é que notei que o olho estava torto. Valia a pena consertá-lo? Não valia, foi o que eu disse comigo. Para que bulir no que está quieto? E acreditem vossemecês que este olho atravessado é melhor que o outro.

Alexandre bocejou, estirou os braços e esperou a aprovação dos ouvintes. Cesária balançou a cabeça, Das Dores bateu palmas e seu Libório felicitou o dono da casa:

— Muito bem, seu Alexandre, o senhor é um bicho. Vou botar essas coisas em cantoria. O olho esquerdo melhor que o direito, não é, seu Alexandre?

— Isso mesmo, seu Libório. Vejo bem por ele, graças a Deus. Vejo até demais. Um dia destes apareceu um veado ali no monte...

O cego preto Firmino interrompeu-o:

— E a onça? Que fim levou a onça que ficou presa no mourão, seu Alexandre?

Alexandre enxugou a testa suada na varanda da rede e explicou-se:

— É verdade, seu Firmino, falta a onça. Ia-me esquecendo dela. Ocupado com um caso mais importante, larguei a pobre. A onça misturou-se com o gado, no curral, mas começou a entristecer e nunca mais fez ação. Só se dava bem comendo carne fresca. Tentei acostumá-la a outra comida, sabugo de milho, caroço de algodão. Coitada. Estranhou a mudança e perdeu o apetite. Por fim ninguém tinha medo dela. E a bicha andava pelo pátio, banzeira, com o rabo entre as pernas, o focinho no chão. Viveu pouco. Finou-se devagarinho, no chiqueiro das cabras, junto do bode velho, que fez boa camaradagem com a infeliz. Tive pena, seu Firmino, e mandei curtir o couro dela, que meu irmão tenente levou quando entrou na polícia. Perguntem a Cesária.

— Não é preciso, respondeu seu Libório cantador. Essa história está muito

bem amarrada. E a palavra de seu Alexandre é um evangelho.

História de um bode

— Outro caso que tenho pensado em contar a vossemecês é o do bode, anunciou Alexandre um domingo, sentado no banco do copiar. Podemos encaixá-lo aqui para matar tempo. Que diz, seu Firmino?

O cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro, os dois ouvintes daquela tarde, sem falar em Das Dores e Cesária, entusiasmaram-se:

— Está certo, seu Alexandre. Bote o bode para fora.

— Venha o bode, meu padrinho, exclamou Das Dores batendo palmas.

Alexandre tomou fôlego e principiou:

— Isso se deu pouco tempo depois da morte da onça. Os senhores se lembram, a onça que morreu de tristeza por falta de comida. Um ano depois, mais ou menos. Havia lá na fazenda uma cabra que tinha sempre de uma barrigada três cabritos fornidos. Três cabritos, pois não, três bichos que faziam gosto. Uma vez, porém, nasceu apenas um cabrito, mas tão grande como os três reunidos, tão grande que o pessoal da casa se admirou. Eu disse comigo: — "Isto vai dar coisa." Era realmente um cabrito fora de marca. Tanto que recomendei ao tratador das cabras: — "Deixe que este bicho mame todo o leite da mãe. Quero ver até que ponto ele cresce." Mamou e cresceu, ficou um despotismo de cabrito. Eu tinha uma ideia que parece maluca, mas os senhores vão ver que não era. Um

animal daquele podia perder-se como bode comum, seu Gaudêncio? Não podia. Foi o que pensei. Quando ele endureceu, botei-lhe os arreios e experimentei-o. Saltou muito, depois amunhecou, e vi que ele ainda não aguentava carrego. Passados alguns meses, tornei a experimentar: deu uns pinotes, correu feito um doido e aquietou-se. Achei que estava taludo e comecei a ensiná-lo. Sim senhores, deu um bom cavalo de fábrica, o melhor que vi até hoje. Mandei fazer uns arreios bonitos, enfeitados com argolas e fivelas de prata — e metido nos couros, de perneiras, gibão e peitoral bem preparados, não deixava boi brabo na capueira. Rês em que eu passasse os gadanhos estava no chão. A minha fama correu mundo. Não era por mim não, era por causa do bode. Talvez os senhores tenham ouvido falar nele. Não ouviram? Muito superior aos cavalos. Os cavalos correm, e o bode saltava por cima dos alastrados e das macambiras. Por isso andava depressa. A dificuldade era a gente segurar-se no lombo dele. Eu me segurava, conhecia todas as manhas e cacoetes do bicho. Quando me aprumava na sela, nem Deus me tirava de lá. Ora numa vaquejada que houve na fazenda vieram todos os vaqueiros daquelas bandas. Meu pai matou meia dúzia de vacas e abriu pipas de vinho branco para quem quisesse beber. Nunca se tinha dado festa igual. Cesária estava lá, de roupa nova, brincos nas orelhas e xale vermelho com ramagens. Hem, Cesária?

— É verdade, Alexandre, respondeu Cesária. Essa festa ficou guardada aqui dentro. Você apareceu de gibão, perneiras, peitoral e chapéu de couro, tudo brilhando, enfeitado de ouro.

— Exatamente, gritou Alexandre, tudo enfeitado de ouro. Trouxeram o bode arreado, montei-me e pensei: — “Vai ser uma desgraceira. Quem chegue perto de mim pode haver, mas quem passe adiante é que não.” Esse bode, meus amigos, era do tamanho de um cavalo grande. Sim senhores. Do tamanho de um cavalo grande, muito barbudo e com um par de chifres perigosos, inconvenientes no princípio. A gente se metia na catinga, e ele enganchava as pontas nos cipós, gastava tempo sem fim para se desembaraçar. Mas como era um vivente caprichoso e não tinha nascido para correr, logo viu que, pulando por cima dos

pés de pau, não se atrapalhava. E fazia um barulhão, soltava berros medonhos. Ora muito bem. No dia da vaquejada, quando me escanchei e peguei na rédea, o bicho largou-se pelo pátio, como quem não quer e querendo, num passinho miúdo que não dava esperança. Os vaqueiros caçoavam de mim: — “Que figura, meu Deus! Era melhor que estivesse montado num cabo de vassoura.” E eu calado, com pena deles todos, e o bode no passinho curto, mangando dos cavalos. De repente avistei uma novilha que não conhecia mourão e gritei para os outros: — “Aquela é minha.” A resposta foi uma gargalhada, mas só ouvi o começo dela, porque um minuto depois estava longe, percebem? É isto mesmo. O bode, que ia brincando, fazendo pouco dos cavalos, empinou-se e tomou vergonha. Foi um desespero. A novilha escapuliu-se, ligeira como o vento, e nós na rabada dela, pega aqui, pega acolá, íamos voando. Sim senhores, voando, que aquilo não era carreira. O mato me açoitava a cara e um assobio me entrava pelos ouvidos. Não se enxergava nada. Só uma nuvem de poeira, e dentro da poeira os quartos da novilha. Nunca vi boi correr daquele jeito, parecia feitiço. Eu me aproximava da bicha, ela torcia caminho e se afastava. Pelejamos assim muitas horas. Pega aqui, pega acolá, suponho que andamos umas sete léguas. Afinal chegamos à ribanceira de um rio seco, a novilha parou, eu consegui passar as unhas no sedenho dela e foi a conta. Arreou, despencou-se lá de cima e caiu numas pedras que havia no meio do rio. Desci a ribanceira, apeei e notei que a infeliz tinha desmantelado a pá direita na queda. Fiz o que pude para levantá-la e não houve remédio. Vejam vossemecês que eu estava num embaraço muito grande. Como havia de provar aos outros vaqueiros que a novilha tinha sido pegada? Hem? Como havia de provar? Aí é que estava o negócio.

Nesse ponto o cego preto Firmino fez uma pergunta:

— O bode tinha descido com o senhor ou tinha ficado na ribanceira?

— Não me interrompa, seu Firmino, resmungou Alexandre. Assim a gente não pode contar. Então eu já não expliquei? Desci e apeei, foi o que eu disse. Foi ou não foi?

— Exatamente, concordou mestre Gaudêncio.

— Pois é, continuou Alexandre. Se eu desci primeiro e apeei depois, naturalmente desci montado. Isto é claro. Desci montado, percebe? Com um salto. O natural do bode, como ninguém ignora, é saltar. E agora os senhores me façam o favor de escutar, para não me virem com perguntas tolas. Sabem que eu estava atrapalhado para dar aos outros vaqueiros a notícia da pega. Se contasse a história com todos os *ff* e *rr*, eles haviam de acreditar, mas eu queria chegar à fazenda com a rês. E, por desgraça, a pobre estava ali caída, ruim de saúde, com uma pá quebrada. Depois de muito pensar, resolvi, não podendo levá-la, mostrar ao pessoal ao menos uns pedaços dela. Acham que pensei direito? Não havia outro jeito, meus amigos. Puxei a faca de ponta, sangrei a novilha, esfolei-a, tirei um quarto dela e amarrei-o na garupa do bode. Botei o couro na maçaneta da sela, pisei no estribo e tomei o caminho de casa. Isto é, pisei no estribo, montei, o bode pulou para cima da ribanceira e tomou o caminho de casa. Para seu Firmino é preciso que a gente diga tudo, palavra por palavra. Se eu não escorresse tantas miudezas, talvez seu Firmino pensasse que eu tinha viajado com um pé no estribo e outro no chão. Pois é verdade. Larguei-me para casa, devagar, fumando, matutando. Passei por baixo de um pau a cavaleiro da estrada. Não liguei importância a isso: galhos tortos há muitos, e eu ia embebido, fora do mundo, sim senhores. De repente uma coisa me chamou a atenção: o bode começou a puxar uma perna traseira. Caminhava algumas braças e arrastava a perna, como se estivesse carregando um peso grande. — “Que diabo terá este bode?”, perguntei a mim mesmo. Um bicho que nunca tinha feito figura triste, acostumado a varar capueira, cansando à toa! Ali havia coisa. Olhei para trás. Sabem que foi que vi? Calculem. Imaginem que foi que eu vi, Das Dores.

Das Dores espiou a telha e ficou um minuto pensando. Baixou os olhos e confessou:

— Não sei não, meu padrinho. Como é que eu posso adivinhar o que o senhor viu? Uma alma do outro mundo?

— Não, Das Dores, respondeu Alexandre. Vi uma onça. Uma onça lombo-preto, sim senhora, trepada na garupa do bode e já com o bote armado para me

agarrar. — “Estou comido”, pensei. Mas não perdi a calma. Sou assim, nunca perdi a calma. Certamente aquela diaba estava em cima do galho torto e na minha passagem tinha voado na carne fresca. Virei o rabo do olho para o traseiro do animal. Só havia ali o cangaraço da novilha, osso esbrugado. Se eu não tivesse muito sangue-frio, era um homem perdido. Mas encomendei-me a Deus e disse baixinho: — “Morto eu já estou, morto e quase jantado por esta miserável. Agora cruzar os braços e entregar-me à sorte é que não vai. Nem cruzo nem me entrego. Quem está morto não se arrisca. Não vale a pena ter medo, e o que vier na rede é peixe.” Puxei o facão devagarinho, virei-me de supetão e — zás! — no pescoço da onça. Ela caiu no chão, meio azuretada, eu dei um salto e cortei-lhe a cabeça que foi amarrada na maçaneta da sela, junto ao couro da novilha. Montei-me de novo e uma hora depois estava no pátio da fazenda, conversando com os vaqueiros. Cesária pode confirmar o que eu digo.

— Perfeitamente, Alexandre, exclamou Cesária. Conte o resto.

— O resto é aquilo que você viu. Meu irmão tenente, isto é, meu irmão mais novo, pessoa de coragem que mais tarde chegou a tenente de polícia, ficou amarelo como flor de algodão. Eu expliquei a coisa com todos os pontos e vírgulas, mandaram buscar o resto da novilha e o corpo da onça. Foi uma admiração, meus amigos, e a festa da vaquejada rolou muitos dias. Meu irmão tenente...

— E o bode? murmurou o cego. Que fez o senhor do bode?

— Ora essa! rosnou Alexandre. O bode se finou, como todos os viventes. Se fosse vivo, tinha trinta anos, e nunca houve bode que vivesse tanto. Morreu, sim senhor. E fez muita falta, foi o melhor cavalo de fábrica daquela ribeira.

Um papagaio falador

Quem principiou a história do papagaio foi Cesária, mas os homens se aproximaram da esteira onde ela cochichava com Das Dores e depois de alguns minutos Alexandre concluiu a narração. Cesária falou assim:

— O nosso casamento foi pouco depois da vaquejada. Você se lembra, Das Dores? O caso da novilha se espalhou de repente e o nome de Alexandre correu de boca em boca. Ele não disse isto porque não gosta de pabulagem, mas acredite que ficou o homem mais importante do sertão. Os fazendeiros tiravam o chapéu quando passavam por ele e cumprimentavam com respeito: — "Como vai a obrigação, major Alexandre?" É isto, Das Dores. Alexandre num instante virou major. Meu pai era pessoa de muito cabedal, e todo mundo por aquelas bandas queria casar comigo. Eu não fazia conta de ninguém, mas quando Alexandre se apresentou, bem vestido e bem falante, quebrou-me as forças. Vinha preparado, com um rebenque de cabo de ouro, esporas de ouro...

— Montado no bode? perguntou Das Dores.

— Não, respondeu Cesária. O bode era para as vaquejadas. Vinha num cavalo baixeiro, arreado com arreios de ouro, espelhando. Só queria que você visse, Das Dores. Meu pai ficou muito satisfeito com o pedido e eu concordei logo: — "Se vossemecê acha que deve ser, está certo." Marcou-se o dia e

preparou-se o enxoval, que foi uma beleza, Das Dores. Só queria que você visse. Um enxoval em que trabalharam todas as costureiras do lugar. A festa do nosso casamento durou uma semana. Muita dança, muita bebida, muita comedoria. Não ficou peru nem porco para semente. Veio o vigário, veio o promotor, veio o comandante do destacamento, veio o prefeito. Meu pai estava-se estragando, mas era senhor de muitas posses e dizia: — "Festa é festa. Mais vale um gosto que quatro vinténs." Quando os derradeiros convidados se retiraram, fomos morar na nossa casa nova, uma casa bonita como as da cidade. E o pai de Alexandre deu a ele um baú cheio de moedas de ouro. Aí era preciso a gente tratar da vida. Eu vendia e comprava, dirigia as coisas direito. Sempre tive cadência para as arrumações. Mas as viagens e as transações de muito dinheiro quem fazia era Alexandre. Na primeira viagem dele encomendei um papagaio. Queria um papagaio falador, custasse o que custasse. Agora você conta o resto, Alexandre.

— Não senhora, respondeu o marido. Você não começou a história? Então acabe.

— Não senhor, replicou Cesária. Comecei porque podia começar, mas acabar não acabo. Contei a minha parte, que dei a encomenda, mas quem comprou o papagaio foi você.

Depois de muitas razões, Alexandre se resolveu a tomar a palavra.

— Em vista disso, eu conto. Isto é, conto o fim da história, que o princípio os senhores já sabem. E nesse princípio não acrescento nada, porque tudo quanto Cesária disse é a pura verdade. Amarro o negócio no ponto em que ela ficou. Realmente esse caso não tem importância, e até nem sei como Cesária foi mexer nele. Papagaio é bicho besta, ninguém presta atenção a lorotas de papagaio. Esse era melhor que os outros, sem dúvida. Eu nem me lembrava dele, mas como a patroa foi desenterrá-lo, vá lá. Escutem. Estávamos na viagem, não é isto? Viagem do sertão à mata, para vender gado. Como era a primeira que eu fazia, a separação foi custosa. Cesária chorou, deu-me conselhos, afinal se aquietou com a esperança de possuir um louro falador. Prometer eu não prometia, que não ia

oferecer a minha mulher um bicho ordinário, mas se aparecesse coisa boa, Cesária estava servida. Separei o gado, escolhi os tangerinos, despedi-me da mulher depois de muitos poréns e tomei o caminho do sul, sempre aumentando a boiada com o que havia de melhor por aquelas redondezas. Aves de pena vi em quantidade, araras, ararões, e canindés, mas viventes de pouca fala. Procurei, pedi informações — não achei nada que servisse. Larguei a encomenda e decidi levar uma lembrança diferente para Cesária, volta de ouro ou corte de pano fino. Ora um dia de calor bati numa porta, com vontade de pedir água: — “Ô de casa!” Uma voz de homem perguntou lá de dentro: — “Ô de fora! Quem é?” E eu respondi: — “É de paz. O senhor faz favor de arranjar uma sede de água para um viajante.” — “Não posso, tornou a voz. Não posso porque estou amarrado.” Espantei-me: — “Como? Quem amarrou o senhor? Diga, que eu desamarro.” — “Não se incomode não, moço, foi a resposta. Aqui em casa o costume é este. Vivo acorrentado.” — Nessa altura uma velha apareceu com um caneco de água e falou: — “Cala a boca. Deixa de tomar confiança com quem tu não conheces.” Bebi e ia agradecer quando percebi que ela se dirigia a um papagaio que batia as asas, na gaiola pendurada à parede. Não é que eu tinha sido embromado, comendo o bicho por gente? — “Sinha dona, perguntei, vossemecê me vende esse louro?” — “Não vendo não, moço, é de estimação.” Eu cantei a velha: — “Que seja de estimação não duvido. Mas pense direito, sinha dona. Quem tem vida morre. Se botarem mau-olhado nele, vossemecê fica sem mel nem cabaço. Eu pago bem. Faça preço no papagaio, dona.” A velha endureceu, depois chegou às boas e acabou pedindo pelo bicho um despropósito. Discutimos e findamos o ajuste, comprei o papagaio por quinhentos e cinquenta e quatro mil e setecentos réis. Vejam que dinheirão. Quinhentos e cinquenta e quatro mil e setecentos. Bem. Recebi a gaiola e fiquei atrapalhado. Como havia de levá-la numa viagem que ia durar meses? Depois de refletir, desocupei uma bolsa de roupa, fiz uns buracos nela e meti ali o papagaio, que protestou, muito contrariado. Arrumei a bolsa no meio de uma carga e tocamos para a frente. Onde andei e quanto ganhei não preciso contar, basta dizer que a boiada se vendeu e fiz bom negócio.

Conheci homens de consideração e vi sobrados. Quando voltei, trazia um surrão cheio de ouro e cargas de mantimentos. Dei uma festa quase tão grande como a do casório. O povo da rua se admirou, meu pai e meu sogro arregalaram os olhos. Eu de correntão no peito, eu lorde, mandando abrir caixas de bebidas. Quem quisesse beber bebia até cair. Dinheiro não faltava. Enfim tudo se acomodou, o pessoal saiu e nós fomos endireitar a casa, varrer, lavar, limpar, arranjar as coisas. Cesária passou um dia arrumando a bagagem, abrindo malas e guardando troços nos armários. No meio do trabalho me chamou: — "Está aqui uma bolsa furada, Alexandre. Que é isto?" E eu me lembrei: — "Ai, Cesária! É o papagaio. Tranquei o papagaio na bolsa. Coitado. Esqueci-me dele e o pobre viajou sem comer." Corri mais que depressa e fui abrir a bolsa. Encontrei o infeliz nas últimas, enrolado num canto, feio como um pinto molhado. Cesária trouxe um pires de leite, mas era tarde, não havia jeito não. O papagaio olhou para mim, balançou a cabeça, levantou-se tremendo, encorujado, e disse baixinho: — "Sim senhor, seu major, isto não é coisa que se faça." Amunhecou e morreu.

O estribo de prata

— Este caso se deu, começou Alexandre, um dia em que fui visitar meu sogro, na fazenda dele, três léguas distantes da nossa. Já contei aos senhores que os arreios do meu cavalo eram de prata.

— De ouro, gritou Cesária.

— Estou falando nos de prata, Cesária, respondeu Alexandre. Havia os de ouro, é certo, mas estes só serviam nas festas. Ordinariamente eu montava numa sela com embutidos de prata. As esporas, as argolas da cabeçada e as fivelas dos loros eram também de prata. E os estribos, areados, faiscavam como espelhos. Pois sim senhores, eu tinha ido visitar meu sogro, o que fazia uma ou duas vezes por mês. Almocei com ele e passamos o dia conversando em política e negócios. Foi aí que ficou resolvida a minha primeira viagem ao sul, onde me tornei conhecido e ganhei dinheiro. Acho que me referi a uma delas. Adquiri um papagaio...

— Por quinhentos e tantos mil-réis, disse mestre Gaudêncio. Já sabemos. Um papagaio que morreu de fome.

— Isso mesmo, seu Gaudêncio, prosseguiu o narrador, o senhor tem boa memória. Muito bem. Passei o dia com meu sogro, à tarde montamos a cavalo, percorremos a vazante, as plantações e os currais. Justei e comprei cem bois de

era, despedi-me do velho e tomei o caminho de casa. Ia principiando a escurecer, mas não escureceu. Enquanto o sol se punha, a lua cheia aparecia, uma lua enorme e vermelha, de cara ruim, dessas que anunciam infelicidade. Um cachorro na beira do caminho uivou desesperado, o focinho para cima, farejando miséria. — "Cala a boca, diabo." Bati nele com o bico da bota, esporeei o cavalo e tudo ficou em silêncio. Depois de um galope curto, ouvi de novo os uivos do animal, uns uivos compridos e agoureiros. Não sou homem que trema à toa, mas aquilo me arrepiou e deu-me um batecum forte no coração. Havia no campo uma tristeza de morte. A lua crescia muito limpa, tinha lambido todas as nuvens, estava com intenção de ocupar metade do céu. E cá embaixo era um sossego que a gemedeira do cachorro tornava medonho. Benzi-me, rezei baixinho uma oração de sustância e disse comigo: — "Está-se preparando uma desgraça neste mundo, minha Nossa Senhora." Afastei-me dali, os gritos de agouro sumiram-se, avizinhei-me da casa pensando em desastres e olhando aquela claridade que tingia os xiquexiques e os mandacarus. De repente, quando mal me precatava, senti uma pancada no pé direito. Puxei a rédea, parei, ouvi um barulho de guizo, virei-me para saber de que se tratava e avistei uma cascavel assanhada, enorme, com dois metros de comprimento.

— Dois metros, seu Alexandre? inquiriu o cego preto Firmino. Talvez seja muito.

— Espere, seu Firmino, bradou Alexandre zangado. Quem viu a cobra foi o senhor ou fui eu?

— Foi o senhor, confessou o negro.

— Então escute. O senhor, que não vê, quer enxergar mais que os que têm vista. Assim é difícil a gente se entender, seu Firmino. Ouça calado, pelo amor de Deus. Se achar falha na história, fale depois e me xingue de potoqueiro.

— Perdoe, rosnou o preto. É que eu gosto de saber as coisas por miúdo.

— Saberá, seu Firmino, berrou Alexandre. Quem disse que o senhor não saberá? Saberá. Mas não me interrompa, com os diabos. Ora muito bem. A cascavel mexia-se com raiva chocalhando e preparando-se para armar novo bote.

Tinha dado o primeiro, de que falei, uma pancada aqui no pé direito. — “Os dentes não me alcançaram porque estou bem calçado”, foi o que eu presumi. Saltei no chão e levantei o chicote, pois ali perto não havia pau nem pedra. A miserável enrolava-se, os olhos redondos pregados em mim e a língua fora da boca. Zás! Desmanchei-lhe a rodilha com uma chicotada. Tentou endireitar-se, estraguei-lhe os planos com o chicote e fui batendo, batendo, até que, desanimada, ela meteu o rabo entre as pernas e botou-se devagarinho para um monte de garranchos de coivara.

— Como é isso, seu Alexandre? perguntou o cego. A cascavel meteu o rabo entre as pernas? Cascaval não tem pernas.

— Está claro que não tem, respondeu Alexandre. Quando a gente diz que uma criatura mete o rabo entre as pernas, quer dizer que ela se encolhe, capionga, percebe? Foi o que se deu. Não é preciso um bicho ter pernas para meter o rabo entre as pernas. Seu Firmino é pessoa de entendimento curto e não compreende isto. A cascavel, que não tinha pernas, meteu o rabo entre as pernas e esgueirou-se para os garranchos e folhas secas que havia junto da estrada. Corri atrás dela e obriguei-a a voltar. Amiudei os golpes, a desgraçada bambeou e nem pediu fogo para o cachimbo. Machuquei-lhe a cabeça com o salto da bota. Estrebuchou, fez o que pôde para arrumar-se em novelo, depois se aquietou e ficou estirada na poeira. Baixei-me e medi o corpo mole: nove palmos e meio espichados. Isto é com o senhor, seu Firmino. Nove palmos e meio, entendeu? Mais de dois metros, penso eu. Que diz?

— Deve ser isso mesmo, resmungou o negro. Não sei não. Estou escutando. Sempre me dou mal quando faço perguntas. O senhor é quem sabe.

— Perfeitamente, concluiu Alexandre. A cobra tinha mais de dois metros. Tirei a vagem da cauda e contei nela dezessete anéis, o que significa dezessete anos, como ninguém ignora. Vejam vossemecês: dezessete anos. Era uma cobra muito velha e muito prática. Se eu não estivesse com os pés bem protegidos, não teria escapado, os senhores não ouviriam este caso. Ó Cesária, veja se arranja dois dedos de cachimbo lá dentro. Eu preciso molhar a palavra. E os nossos

amigos estão com o ouvido seco. Vá buscar o cachimbo, Cesária. E procure o chocalho da cascavel, que você guardou.

Cesária levantou-se da esteira e desapareceu. Alexandre enxugou na manga da camisa o rosto suado. Mestre Gaudêncio curandeiro, seu Libório cantador e Das Dores comentaram baixinho o tamanho e a idade da cobra. Passados alguns minutos, Cesária voltou com uma garrafa e uma xícara.

— Preparei o cachimbo. Aguardente não falta, e as abelhas trabalham de graça. Mas o chocalho sumiu-se. Estava no jirau, misturado com balaios e combucos: provavelmente anda escondido num buraco de ratos.

— Faz pena, rosnou Alexandre. Eu queria encostá-lo nas unhas de seu Firmino. É o diabo. Acabou-se. Bote o cachimbo na xícara, Cesária.

A garrafa se esvaziou, os amigos elogiaram a bebida. Alexandre temperou a goela e reatou a história:

— Montei-me novamente. E aí findou o desespero que o choro brabo do cachorro me tinha dado. A luz vermelha diminuiu e a noite se tornou uma noite de lua cheia igual às outras noites de lua cheia. — "Toda aquela armação de infelicidade foi para mim", assuntei cá por dentro. Mas agora não havia perigo, porque a oração que eu tinha rezado era poderosa e o couro da bota era duro. Entrei em casa sem nuvens.

— Com o chocalho da cobra no bolso, murmurou o cego.

— Naturalmente, com o chocalho da cobra no bolso. Cesária se espantou: dezessete anos para uma cascavel é muito ano. Fui dormir, e no dia seguinte ninguém se lembrava disso. Entreguei-me de corpo e alma aos arranjos necessários à viagem para o sul. Gastei o tempo todo separando o gado, contratando arrieiros e arrumando cargas. Um mês depois, exatamente um mês depois, tudo pronto, as reses do curral, os tangerinos amolando o ferro da aguilhada, mandei selar o cavalo e resolvi despedir-me de meu pai, meu sogro e alguns amigos da vizinhança. Vesti a roupa de casimira, calcei as botas, amarrei no pescoço colarinho e gravata, tomei café e dirigi-me ao copiar, onde encontrei o cavalo sem arreios. Gritei para o interior da casa, aborrecido com aquela

demora, e um moleque apareceu atrapalhado, cinzento de medo, e falou assim: — "Não posso trazer a sela não, seu major. Rebentou o torno da parede e está caída, pesada que não me ajudo com ela. Faz meia hora que procuro carregá-la." Pensei que o diabo do sujeito estivesse com embromações e fui ver a coisa de perto. Achei realmente o torno quebrado e a sela no chão. Tentei suspendê-la, resistiu. O loro esquerdo levantou-se, mas o direito parecia plantado na terra. Acocorei-me para examinar aquele negócio e tomei um susto dos demônios: o estribo estava grande que era um despotismo, sim senhores. Mal pude movê-lo. Desatei-o, chamei dois homens e conseguimos arrastá-lo até o copiar. Foi um assombro, toda a gente arregalou os olhos, sem adivinhar o motivo do crescimento. Vieram pessoas de longe, a casa se encheu, fervilharam perguntas — "como foi, onde foi, por que vira, por que mexe" — e ninguém entendia nada. Eu coçava a cabeça e puxava pelos miolos. Fiquei três dias matutando. Afinal, depois de muito pensar, compreendi tudo e dei a Cesária as explicações que agora vou dar aos senhores. Acho que hão de concordar comigo. Naquela noite de lua cheia supus que a cascavel me tivesse mordido o couro da bota. Convenci-me, porém, de que os dentes da bicha tinham ferido o estribo e deixado lá o veneno que existia no corpo dela. Um mês depois, com a força da lua, o estribo inchava, como incham todas as mordeduras de cobras. Era por isso que ele estava tão crescido e tão pesado. Mandei chamar um mestre na rua e, com martelo e escopro, retiramos do estribo cinco arrobas de prata, antes que o metal desinchasse. Isto se repetiu durante alguns anos: todos os meses o estribo inchava, inchava, e, conforme a força da lua, eu tirava dele três, quatro, cinco arrobas de prata.

Seu Libório cantador, mestre Gaudêncio curandeiro, o cego preto Firmino e Das Dores levantaram-se admirados.

— O senhor deve ter ganho uma fortuna, seu Alexandre, exclamou o cantador.

— Um pouco, seu Libório, sempre arranjei algum dinheiro, graças a Deus.

— E o estribo, seu Alexandre? O senhor ainda tem esse estribo? perguntou o

cego.

— Não senhor, seu Firmino, respondeu o dono da casa. Com o tempo ele deixou de inchar e tornou-se um estribo comum. Julgo que o veneno perdeu a valia. Natural, não é verdade?

O marquesão de jaqueira

Espiando a lua que branqueava o pátio, seu Libório pinicava a prima da viola, gemendo baixinho uns versos de embolada. Alexandre, com ar de entendido, aprovava a cantoria. Mestre Gaudêncio curandeiro gingava, como se quisesse dançar. Os bilros da almofada de Cesária tocavam castanholas na esteira. Um cajado bateu no copiar:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

O cego preto Firmino entrou e, tateando, ladeando a parede, foi acocorar-se. Os bilros emudeceram e a voz de Cesária ergueu-se lenta:

— Conte a história do marquesão, Alexandre.

— É o que eu estava com vontade de pedir, meu padrinho, o marquesão, gritou Das Dores.

— Bobagem, resmungou Alexandre enrugando a cara. Seu Libório está desovando uma cantiga bonita, e seu Libório é o cantador mais famoso desta ribeira. Quando seu Libório abre o bico, até os passarinhos do mato se escondem.

O violeiro, modesto, interrompeu o canto e abafou com as mãos o rumor das cordas.

— Não senhor. Isso é bondade. Estava aqui dizendo umas besteiras, para

matar tempo. Agora se seu Alexandre tem um marquesão na cabeça, eu me calo. Quando seu Alexandre move um dedo, quem se atreve a piar? Hem? Puxe o marquesão, seu Alexandre.

— Não senhor, não puxo, resistiu o dono da casa. Faço lá semelhante desfeita a uma criatura do seu tope? Continue, seu Libório.

— Continuo não. Quem sou eu? Vim escutar. Fale seu Alexandre, que é homem de merecimento.

Passaram quinze minutos nesse jogo, cada um tentando encolher-se e elevar o outro. Enfim Alexandre se deu por vencido:

— Vossemecês mandam. Eu estava quieto, mas seu Libório decide, e não tenho remédio senão obedecer. A culpada foi Cesária, que atirou em cima da gente um marquesão da jaqueira, um traste velho sem importância. Não valia a pena tocar nele. Para quê? Cesária tem cada lembrança! Eu começo, meus amigos. Não sou de gabolices. Reconheço que possuo algumas habilidades: enxergo no escuro, aguento-me numa sela e atiro regularmente. Mas em muitos casos espichados aqui para os senhores não mostrei valor. Comprei um papagaio que tinha astúcias de cristão e vi uma guariba diferente das outras. Qualquer um podia comprar o papagaio e ver a guariba, não é verdade? Na história de hoje também não pratiquei ação: recebi foi um susto dos demônios. Bem, vou principiar do princípio. Quando meu pai entregou a alma a Deus, deixou tantos possuídos que os oficiais de justiça arregalaram o olho: terra, muito patacão de ouro, um despotismo de gado. Meu irmão mais novo queria correr mundo e no inventário recebeu o quinhão dele em dinheiro; eu aceitei a fazenda, os animais e uma casa na rua, uma tapera que mandei reformar, caiar, pintar e enfeitar. Encomendei para ela móveis caros de lorde: mesas com embutidos, cadeiras fofas, camas de molas, armários, trocinhos miúdos sem nome e sem préstimo, cortinas, penduricalhos, um marquesão de jaqueira, enorme, coberto de couro lavrado, uma peça que me saiu por seiscentos e vinte mil-réis. Pronta a casa, vivemos nela uns dias, na grandeza, recebendo visitas do prefeito, do juiz, do vigário, do chefe político, de todas as autoridades do lugar. Voltamos para a

fazenda, mas aí Cesária apanhou um resfriado, cuspiu sangue, esteve uns meses bamba, entre a vida e a morte. Quando pisou no chão, só tinha osso, coitada. Magra como um cassaco, amarela como gema de ovo. Deixei a nossa terra e andei tempo sem fim para cima e para baixo, procurando um doutor que botasse a mulher nos trilhos. Depois de muito xarope e muita garrafada, ela endureceu o espinhaço, tomou carne e endireitou a figura. Mas eu tinha gasto uma fortuna, tinha esbagaçado a herança quase toda em médico e botica para remendar o interior da patroa. Dinheiro nenhum, os bois desaparecendo, a miunça acabando na morrinha.

— Exatamente, Alexandre, murmurou Cesária triste, o cachimbo apagado, o olho distante, o cotovelo pregado na almofada. Aquela macacoa estragou o nosso cabedal. É verdade que me aprumei, mas ficamos na tira e você precisou começar a vida de novo.

Alexandre amarrou a conversa na palavra da companheira:

— Isso, começar a vida de novo, deitar os bofes pela boca varando caminho, num desespero, do sertão para a mata e da mata para o sertão, comprando e vendendo. Felizmente eu dispunha de consideração, graças a Deus não me faltava crédito. Consegui levantar-me: os currais encheram-se, a cabroeira valente espalhou-se nos arredores, contando lambança, e rolos de notas graúdas forraram os fundos das arcas. Mas tive um trabalhão infeliz, espremendo os miolos e consumindo o corpo. Um dia Cesária chegou junto de mim e saiu-se com esta proposta: — “Xandu, vamos passar na rua a festa da Senhora Sant’Ana?” Não respondi que sim nem que não, e Cesária, renitente, pegou a amolar-me: — “Vamos, Xandu. Você, numa labuta dos diabos, se esquece do mundo. Faz um bando de anos que não saímos deste buraco, nem para ouvir missa. Vivemos em pecado, isto aqui fede a heresia, Xandu. E aquela casa fechada está se desgraçando com certeza no cupim e na goteira. Vamos passar na rua a festa da Senhora Sant’Ana.” Foram as suas palavras, Cesária.

— Foram as minhas palavras, Alexandre. Você tem memória.

— Tenho, prosseguiu o narrador. Fizemos os preparativos e no dia da Santa

lá nos largamos para a cidade, eu no cavalo esquipador arreado com arreios de prata, Cesária vistosa na saia de montaria, composta no silhão, de banda, que naquele tempo havia decência e mulher não se escanchava em sela, como hoje. Entrando na rua, dei de cara com o Silva, homem de leitura, sabido como um tabelião. Nunca vi ninguém que soubesse tanto. Esse moço tinha andado nos estudos, defendia presos no júri, conhecia todos os livros do mundo e escrevia por baixo da água. — “Como tem passado, major Alexandre?” —“Na graça de Deus, dr. Silva. Como vai a obrigação?” Conversa puxa conversa, estive ali um pedaço de tempo admirando a cadência do Silva. Quando nos despedimos, ele me perguntou: — “O senhor não está sentindo um cheiro esquisito, major Alexandre?” Abri as ventas, funguei e balancei a cabeça espantado: — “Não estou sentindo nada não, dr. Silva. Cheiro de quê?” Silva respondeu com um nome difícil, dos que vêm nos livros; eu fiquei jejuando, pedi que ele trocasse aquilo em miúdo, fui atendido e saí na mesma, um tanto ou quanto encabulado, dizendo cá por dentro que o rapaz tinha inventado uma pilhéria sem graça para me empulhar. Botei o cavalo na pisada baixa. Em frente da igreja, mal acabado o padre-nosso que rezo quando passo diante de imagens sagradas, desejei torcer a rédea, voltar, saber do Silva se ele tinha tido a intenção de mangar de mim. Não admito brincadeiras: comigo tudo é sério, ali no duro. Nesse ponto entrou-me nos gorgomilos um cheirinho adocicado, com jeito de mel de abelha. Ora sim senhores. Estivera a pique de fazer uma asneira, despropositar com o Silva, pessoa direita e entendida. Que faro o dele! Um faro de bicho. Tinha percebido longe, muito longe, o que eu só ali começava a sentir. Bem. Segui o meu caminho. E, enquanto andava, um arzinho açucarado, cada vez mais forte, me escorregava pelo nariz e pelas goelas. Chegamos a casa, desapeamos, meti a chave enferrujada na fechadura perra, que ninguém tinha mexido no correr de muitos anos. Abri a porta com dificuldade, entramos na sala. E vimos uma parte das coisas aproveitadas depois pelo Silva e desenvolvidas num escrito que se vendeu muito nas feiras e agradou. Fiquei de boca aberta, assombrado, Cesária deu um grito e pôs-se a tremer. Vossemecês não adivinham o motivo. Pois

explico tudo em duas palhetadas. O marquesão tinha levado sumiço, ou, para melhor dizer, estava transformado completamente. Reparando bem, notei as pernas dele enterradas no chão, cobertas de cascas, tortas e grossas, quatro pés de pau. Sim senhores, quatro jaqueiras carregadas de frutas que se rachavam de tão maduras e cheiravam em demasia. O resto do marquesão tinha-se espatifado, e o couro do assento balançava, pendurado no meio da folhagem. Mandei cortar as plantas e pôr em ordem a sala, que estava num estrago feio, naturalmente, com o tijolo partido e a telha rebentada em vários lugares. Este caso teve numerosas testemunhas, que não me deixam mentir, entre elas Cesária, aqui presente, e o Silva, tipo de muito respeito, sisudo como o diabo. Mas confesso a vossemecês que no folheto dele, publicado em letras de fôrma, há algum exagero. Silva não se refere ao marquesão nem fala em jaqueiras: afirma que toda a mobília tinha criado raízes, que o corredor e as camarinhas se atochavam de laranjeiras e paus-d’arco. Até acrescenta que as gavetas da cômoda tinham virado cortiços de abelhas, coisa que não vi, francamente, não vi. Nem eu nem Cesária. Ficam, portanto, os amigos avisados de que na história do Silva há uns floreios. Acho que ele procedeu com acerto: quando um cidadão escreve, estira o negócio, inventa, precisa encher o papel. Natural. Conversando, como agora, a gente só diz o que aconteceu. É o que eu faço. Na sala havia quatro jaqueiras. Apenas.

A safra dos tatus

— Como foi aquele negócio dos tatus que a senhora principiou a semana passada, minha madrinha? perguntou Das Dores.

O rumor dos bilros esmoreceu e Cesária levantou os óculos para a afilhada:

— Tatus? Que invenção é essa, menina? Quem falou em tatu?

— A senhora, minha madrinha, respondeu a benzedeira de quebranto. Uns tatus que apareceram lá na fazenda no tempo da riqueza, da lordeza. Como foi?

Cesária encostou a almofada de renda à parede, guardou os óculos no caritó, acendeu o cachimbo de barro ao candeeiro, chupou o canudo de taquari:

— Ah! Os tatus. Nem me lembrava. Conte a história dos tatus, Alexandre.

— Eu? exclamou o dono da casa, surpreendido, erguendo-se da rede. Quem deu seu nó que o desate. Você tem cada uma!

Dirigiu-se ao copiar e ficou algum tempo olhando a lua.

— Se os senhores pedirem, ele conta, murmurou Cesária aos visitantes. Aperte com ele, seu Libório.

Ao cabo de cinco minutos Alexandre voltou desanuviado, pediu o cachimbo à mulher, regalou-se com duas tragadas:

— Ora muito bem.

Restituiu o cachimbo a Cesária e foi sentar-se na rede. Mestre Gaudêncio

curandeiro, seu Libório cantador, o cego preto Firmino e Das Dores exigiram a história dos tatus, que saiu deste modo.

— Saberão vossemecês que este caso estava completamente esquecido. Cesária tem o mau costume de sapecar umas perguntas em cima da gente, de supetão. Às vezes não sei onde ela quer chegar. Os senhores compreendem. Um sujeito como eu, passado pelos corrimboques do diabo, deve ter muitas coisas no quengo. Mas essas coisas atrapalham-se: não há memória que segure tudo quanto uma pessoa vê e ouve na vida. Estou errado?

— Está certo, respondeu mestre Gaudêncio. Seu Alexandre fala direitinho um missionário.

— Muito agradecido, prosseguiu o narrador. Isso é bondade. Pois a história que Cesária puxou tinha-se esvaído sem deixar mossa no meu juízo. Só depois de tomar um deforete pude recordar-me dela. Vou dizer o que se deu. Faz vinte e cinco anos. Hem, Cesária? Quase vinte e cinco anos. Como o tempo caminha depressa! Parece que foi ontem. Eu ainda não tinha entrado forte na criação de boi, que me rendeu uma fortuna, já sabem. Ganhava bastante e vivia sem cuidado, na graça de Deus, mas as minhas transações voavam baixo, as arcas não estavam cheias de patacões de ouro e rolos de notas. Comparado ao que fiz depois, aquilo era pinto. Um dia Cesária me perguntou: — “Xandu, por que é que você não aproveita a vazante do açude com uma plantação de mandioca?” — “Han? disse eu distraído, sem notar o propósito da mulher. Que plantação?” E ela, interesseira e sabida, a criatura mais arranjada que Nosso Senhor Jesus Cristo botou no mundo: — “Farinha está pela hora da morte, Xandu. Viaja cinquenta léguas para chegar aqui, a cuia por cinco mil-réis. Se você fizesse uma plantação de mandioca na vazante do açude, tínhamos farinha de graça.” — “É exato, gritei. Parece que é bom. Vou pensar nisso.” E pensei. Ou antes, não pensei. O conselho era tão razoável que, por mais que eu saltasse para um lado e para outro, acabava sempre naquilo: não havia nada melhor que uma plantação de mandioca, porque estávamos em tempo de seca braba, a comida vinha de longe e custava os olhos da cara. Íamos ter farinha a dar com o pau. Sem dúvida.

E plantei mandioca. Endireitei as cercas, enchi a vazante de mandioca. Cinco mil pés, não, catorze mil pés, ou mais. No fim havia trinta mil pés. Nem um canto desocupado. Todos os pedaços de maniva que peguei foram metidos debaixo do chão. — "Estamos ricos, imaginei. Quantas cuias de farinha darão trinta mil pés de mandioca? Era uma conta que eu não sabia fazer, e acho que ninguém sabe, porque a terra é vária, às vezes rende muito, outras vezes rende pouco, e se o verão apertar, não rende nada. Esses trinta mil pés não renderam, isto é, não renderam mandioca. Renderam coisa diferente, uma esquisitice, pois, se plantamos maniva, não podemos esperar de modo nenhum apanhar cabaças ou abóboras, não é verdade? Só podemos esperar mandioca, que isto é a lei de Deus. A gata dá gato, a vaca dá bezerro e a maniva dá mandioca, sempre foi assim. Mas este mundo, meus amigos, está cheio de trapalhadas e complicações. Atiramos num bicho, matamos outro. E sinha Terta, que mora aqui perto, na ribanceira do rio, escura e casada com homem escuro, teve esta semana um filho de cabelo cor de fogo e olho azul. Há quem diga que sinha Terta não seja séria? Não há. Sinha Terta é um espelho. E por estas redondezas não existe vivente de olho azul e cabelo vermelho. Boto a mão no fogo por sinha Terta e sou capaz de jurar que o menino é do marido dela. Vossemecês estão-se rindo? Não se riam não, meus amigos. Na vida há muita surpresa, e Deus Nosso Senhor tem desses caprichos. Sinha Terta é mulher direita. E as manivas que plantei não deram mandioca. Seu Firmino está aí fala não fala, com uma pergunta na boca, não é, seu Firmino? Tenha paciência e escute o resto. Ninguém ignora que plantação em vazante não precisa de inverno. Vieram umas chuvinhas e a roça ficou uma beleza, não havia coisa parecida por aquelas beiradas. — "Valha-me Deus, Cesária, desabafei. Onde vamos guardar tanta farinha?" Mas estava escrito que não íamos arrumar nem uma prensa. Quando foi chegando o tempo da arranca, as plantas começaram a murchar. Supus que a lagarta estivesse dando nelas. Engano. Procurei, procurei, e não descobri uma lagarta. — "Santa Maria! cismei. A terra é boa, aparece chuva, a lavoura vai para diante e depois desanda. Não entendo. Aqui há feitiço!" Passei uns dias acuado, remexendo os miolos, e não

achei explicação. Tomei aquilo como castigo de Deus, para desconto dos meus pecados. O que é certo é que a praga continuou: no fim de S. João todas as folhas tinham caído, só restava uma garrancheira preta. — “Caiporismo, disse comigo. Estamos sem sorte. Vamos ver se conseguimos levar ao fogo uma fornada.” Encangalhei um animal, pendurei os caçuás nos cabeçotes, marchei para a vazante. Arranquei um pau de mandioca, e o meu espanto não foi deste mundo. Esperava tamboeira choca, mas, acreditem vossemecês, encontrei uma raiz enorme e pesada que se pôs a bulir. A bulir, sim senhor. Meti-lhe o facão. Estava oca, só tinha casca. E, por baixo da casca, um tatu-bola enrolado. Arranquei outra vara seca: peguei o segundo tatu. Para encurtar razões, digo aos amigos que passei quinze dias desenterrando tatus. Os caçuás enchiam-se, o cavalo emagreceu de tanto caminhar e Cesária chamou as vizinhas para salgar aquela carne toda. Apanhei uns quarenta milheiros de tatus, porque nos pés de mandioca fornidos moravam às vezes casais, e nos que tinham muitas raízes acomodavam-se famílias inteiras. Bem. O preço do charque na cidade baixou, mas ainda assim apurei alguns contos de réis, muito mais que se tivesse vendido farinha. A princípio não atinei com a causa daquele despotismo e pensei num milagre. É o que sempre faço: quando ignoro a razão das coisas, fecho os olhos e aceito a vontade de Nosso Senhor, especialmente se há vantagem. Mas a curiosidade nunca desaparece do espírito da gente. Passado um mês, comecei a matutar, a falar sozinho, e perdi o sono. Afinal agarrei um cavador, desci à vazante, esburaquei tudo aquilo. Achei a terra favada, como um formigueiro. E adivinhei por que motivo a bicharia tinha entupido a minha roça. Fora dali o chão era pedra, cascalho duro que só dava coroa-de-frade, quipá, e mandacaru. Comida nenhuma. Certamente um tatu daquelas bandas cavou passagem para a beira do açude, topou uma raiz de mandioca e resolveu estabelecer-se nela. Explorou os arredores, viu outras raízes, voltou, avisou os amigos e parentes, que se mudaram. Julgo que não ficou um tatu na catinga. Com a chegada deles as folhas da plantação murcharam, empreteceram e caíram. Estarei errado, seu Firmino? Pode ser que esteja, mas parece que foi o que se deu.

História de uma bota

Quando os amigos chegaram, o dono da casa estava sentado na pedra de amolar, pregando uma correia nova na alpercata. Levantou-se e foi acabar o trabalho escanchado na rede, resmungando aperreado, misturando assuntos:

— Caiporismo. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Gaudêncio. Hum! Entretido, nem ouvi a salvação de vossemecês. Que estrago! Para sempre seja louvado, seu Libório. Como vai essa gordura? Boa noite, seu Firmino. Tome assento.

Os visitantes acomodaram-se. Das Dores e Cesária vieram da cozinha e arrumaram-se na esteira.

— A vida é um buraco, meus amigos, murmurou Alexandre. De volta da feira, dei uma topada, esfolei o dedo grande, rebentei a correia desta infeliz e andei légua e meia com um pé calçado e outro no chão. Estava aqui pensando no meu tempo de rico. Dinheiro no baú, roupa fina e um quarto cheio de sapatos de toda a versidade.

— E botas com esporas de prata, acrescentou Cesária.

— Isso mesmo, concordou Alexandre. Botas com esporas de prata e de ouro, penduradas no torno. Agora é a desgraça que se vê: um pedaço de sola amarrado no casco, espinhos, rachaduras no calcanhar. Não somos nada não, seu Libório.

Baixou a cabeça, esteve um minuto remexendo os beiços, monologando. Pouco a pouco desanuviou-se, um sorriso franziu-lhe a cara, o olho torto brilhou:

— Por falar em bota, lembrei-me do aperto em que me vi há muitos anos, quando furava mundo. Tomei um susto dos diachos, e, pensando nisso, ainda me arrepio. Se quiserem escutar, abram os ouvidos. Se não estiverem com disposição, usem de franqueza: calo a boca, seu Libório pega na viola e canta aí umas emboladas para a gente.

— Não senhor, escusou-se o cantador, modesto. Fale vossemecê.

Todos afirmaram que estavam curiosos, Alexandre tossiu, temperou a goela:

— Bem. O caso se deu numa das primeiras viagens que fiz à mata. Se não me engano, foi a primeira. Esperem, vou ver se me recordo.

Ficou um instante em silêncio, gesticulando, o olho torto fixo na telha.

— Isso, prosseguiu. Foi na primeira. Comprei dessa feita um papagaio sabido para Cesária, um bicho de tanta cadência como nunca se viu.

— O senhor falou nele, atalhou o cego. Um papagaio que tinha astúcias de cristão e valia um conto de réis.

— Não é verdade, seu Firmino, retorquiu Alexandre enfadado. Quem já viu papagaio de conto de réis? Esse que os amigos conhecem custou seiscentos e vinte e cinco mil e trezentos e saiu caro. Detesto exageros. Guardo as minhas conversas na memória, tudo direito. E se comprei o papagaio por seiscentos e vinte e cinco mil e trezentos, por que haveria de aumentar o preço dele? Responda, seu Firmino.

— Não sei não, murmurou o cego. O senhor é quem sabe.

— Pois é, continuou o dono da casa. Mas nós estamos gastando palavra à toa. Não interessa mexer num vivente miúdo, que se finou há muitos anos e o urubu comeu. Vamos ao negócio que prometi contar a vossemecês. Como já disse, foi para as bandas de Cancalancó.

— O senhor não disse isso não, rosnou o preto.

— Não disse? Pois fica dito, seu Firmino, tornou Alexandre. Foi na beira de um riacho, em Cancalancó, numa noite escura de meter medo no olho.

Propriamente não era de noite: era de madrugada. Eu tinha corrido o sertão de cima a baixo, vendendo bois. No fim de seis meses havia um lucro enorme, dinheiro de papel em quantidade enchendo os bolsos da carona. E nesse dia, no termo de Cancalancó, decidi voltar para casa, porque já me aborrecia de tanto caminho, andava com a cabeça cheia de contas e muita saudade da patroa. Derrubei as cargas na beira do rio, arranjou-se uma fogueira, os tangerinos prepararam a comida e começaram a inventar lambanças, enquanto jantavam. Na cidade eu me hospedava em hotel caro e dormia em colchão fofo, mas ali no mato o jeito que tinha era arrumar-me no chão. Foi o que fiz. Mastiguei um punhado de farinha seca, um pedaço de carne de sol e uma rapadura, rezei minhas orações, tirei as botas e espichei-me na areia, vestido, com o rifle na mão, a carona cheia de notas servindo-me de travesseiro. Os animais ficaram roendo grama, peados de três pés para não se afastarem. Estive uma hora ouvindo as emboanças dos rapazes acocorados em redor do fogo. Depois eles se calaram, fizeram camas por baixo das catingueiras e pegaram no sono. Estava-se armando chuva, um calor medonho amolecia a gente, até as folhas das baraúnas tinham preguiça de bulir. A lua apareceu desconfiada e logo desapareceu. Uma nuvem engrossou na cabeça da serra, outra juntou-se a ela, veio uma terceira, espalhou-se, afinal o céu ficou todo coberto e não havia uma estrela para remédio. Um pretume dos diabos. A princípio, com luz do fogo, ainda enxerguei os arrieiros e os tangerinos que dormiam debaixo dos paus, as malas de couro e os surrões de mantimento, a minha sela e o par de botas. Mas as labaredas esmoreceram, as brasas cobriam-se de cinza, os tangerinos e os arrieiros, as malas e os surrões de matalotagem, a sela e o par de botas sumiram-se. Estou aqui desenterrando estas miudezas, e vossemecês pedem a Deus que eu me cale. Seu Firmino dá cada cochilo que faz pena e já abriu a boca três vezes, coitado.

— Eu? Que invenção! protestou o cego endireitando-se no cepo que lhe servia de cadeira. Sou lá capaz de cochilar ouvindo uma história que o senhor conta? Continue, seu Alexandre. Escutei perfeitamente. Uma noite escura e de chuva.

— Não, seu Firmino, corrigiu Alexandre. Sem chuva. Eu não disse que o senhor estava dormindo? Armação de trovoada, muito calor e um escuro da peste. Era o que havia. Tudo escuro. Repito isto para vossemecês não se admirarem do que me aconteceu naquela noite. Ora muito bem. Passei umas horas calculando o ganho, com a ideia de mandar levantar na fazenda um sobrado como os que tinha visto na capital, grandão, cheio de enfeites e trapalhadas. Queria ver Cesária experimentar cama de mola e espiar-se naqueles espelhos do tamanho de uma parede. Acho que os amigos nunca viram isso, mas há. Por volta de meia-noite enrolei-me no cobertor, caí na madorna e comecei a sonhar com os sobrados e os espelhos. Acordei de madrugada. Sentei-me, fiz o pelo-sinal, gritei aos homens, que se levantaram e foram pegar os animais. Já sabem que me tinha deitado com roupa e tudo, como é de costume quando a gente se aboleta nos descampados. Marombando, preguiçando, deixei a morrinha sair do corpo. Depois estirei um braço e procurei as botas que tinha largado ali perto na véspera. Achei uma bota, notei pelo jeito que era do pé esquerdo e calcei-me sem novidade. Mas quando fui calçar a outra sucedeu-me uma dos demônios. Meti a perna pelo cano, a perna entrou, entrou, e nada de chegar ao fundo. Uma bota regular vai ao joelho de um homem, não é isto? Pois essa passou o joelho, passou a coxa, tocou o pé da barriga, e se mais perna houvesse, mais teria entrado. — "Certamente alguém me arrancou a sola do calçado enquanto eu dormia", pensei. Quem se havia atrevido àquela brincadeira maluca? Dei um grito de raiva. Nesse ponto os arrieiros voltavam do campo, com os animais no cabresto. Trouxeram um pedaço de facheiro aceso, aproximaram-se de mim e perderam ação: olharam uns para os outros, embasbacados, amarelos como defuntos. Sabem vossemecês o acontecido? Nem gosto de me lembrar. Uma jiboia tinha-se enrodilhado junto da fogueira. Percebem? Calcei bem a primeira bota mas quando ia calçar a segunda, agarrei a bicha nas queixadas e enfiei-lhe a perna pela boca adentro. Avaliem o medo que senti. Fiquei uns minutos abobado, sem mexer-me, e os companheiros, num assombro, nem tiveram coragem de me ajudar. Sim senhores, acalmei-me.

Sempre arranjo calma nas horas difíceis. E, com muito cuidado, para não furar-me nos dentes da cobra, consegui descalçar aquela bota medonha. Felizmente ela não me mordeu. Suponho que também se assustou. Não foi senão isso, acreditem. Entalou-se, de queixo caído, e deu graças a Deus quando se viu livre daquela coisa que lhe atravessava o interior. Sacudiu a cabeça, aliviada, e sumiu-se devagarinho na catinga.

Um missionário

— Depois da morte do louro, referiu Alexandre, Cesária começou a aperrear-me pedindo outro. Eu me encafifei: — “Onde é que vou arranjar isso, filha de Deus? Que arrelia!” Mas Cesária não me largava de mão: — “Xandu, veja se me descobre um parente dele. Raça boa não falha, Xandu.” — “Está bem, está bem.” Procurei informação: na viagem seguinte sondei a velha que me tinha lambido seiscentos e vinte e dois mil e quinhentos, meses atrás. Perdi o tempo: o bicho era filho único, solteiro, não conheciam dele primos nem tios. Abri-me com Cesária: — “É melhor esquecer-se disso, minha velha. Vamos deixar de bobagem.” Ora, um dia na cidade, fiquei apreciando, numa sessão de júri, a cadência do dr. Silva, que botou para fora da cadeia, com muitas lambanças, oito ou dez protegidos do chefe político. Saí da Intendência, parei diante da casa vizinha: estavam fazendo lá dentro um discurso igual aos que tinha ouvido: — “Senhores do conselho de sentença, o meu constituinte não é criminoso.” E mais isto, e mais aquilo, e tal, enfim, etc. Cheguei a uma janela, onde várias pessoas se apertavam e batiam palmas: — “Isso mesmo. Apoiado.” Como a sala da Intendência era pequena, estavam debulhando ali o resto dos processos, calculei. Engano: a criatura que se esgoelava, sapecando em cima da gente uma penca de leis, era um papagaio miúdo e feio, de penas tristes e sujas. Se estivesse calado,

não valia cinco tostões. Mas eu, pensando no desejo de Cesária, ofereci logo cem mil-réis por ele, depois duzentos, trezentos, quinhentos, afinal o dono, homem de posses curtas, recebeu dinheirama grossa e me passou a gaiola. — “Você está doido, gritou o papagaio quando soube que ia viver na fazenda. Morar nas brenhas? Não nasci para isso.” Mas o jeito que teve foi acomodar-se lá:

— “Está aqui, Cesária, recomendei. Trate bem este vivente, como se ele fosse cristão. Você nem avalia o que esta coisinha tem no interior.” Cesária experimentou: — “Papagaio real. Vem de Portugal. Currupaco, papaco. Dê cá um beijo. Como vai meu louro?” — “Mal, muito obrigado, respondeu o animal furioso. Isso não é terra de gente.” Cesária se ofendeu, voltou às boas, viu que o bicho não queria aprender, já sabia tudo. Sabia, meus amigos, sabia tanto como um tabelião, mas ali passava muitas horas de língua emperrada. No fim de algumas semanas nem ligávamos importância a ele. — “Currupaco, papaco. A mulher do macaco”, dizia Cesária querendo animá-lo. E o bicho respondia sério: — “Deixe essas tolices, dona. Não sou nenhum trouxa.” Meu pai e meu sogro apareciam às vezes: — “Bom dia, boa tarde, sim senhor, como vai a família?” O papagaio, cochilando na gaiola, disse uma vez chateado: — “Que gente besta!” Embatuquei ouvindo aquela falta de respeito às visitas. Depois achei graça. Rezávamos o terço à noite. Os machos se ajoelhavam na esteira, Cesária e as vizinhas cantavam benditos. O papagaio, lá de cima, na parede, arregalava o olho e emendava as asneiras que as devotas metiam na ladainha: — “Está errado.” Passaram-se meses, e Cesária entrou a remoer uns despropósitos: na opinião dela, era injustiça amarrar-se um ente capaz de fazer defesa no júri, citando os poréns de lei. Injustiça e desconsideração. Eu respondia: — “Isso não tem pé nem cabeça, mulher. Crie juízo.” Mas a amofinação continuava: — “O inocente nunca fez mal a ninguém, Xandu. Bem falante, com miolo para tirar da cadeia pessoas de maus bofes, vive na corrente.” Perdi a paciência: — “Eu não lhe disse que o papagaio tinha tirado presos da cadeia.” — “Não tirou porque não houve confiança nele, gritou Cesária. É miúdo, coberto de penas que não recebeu água do batismo. Mas fala como o dr. Silva. Foi o que você explicou.

Tenho até vergonha de ver esse infeliz na gaiola, Xandu.” Veio-me uma ideia esquisita, que vou espichar aqui diante dos senhores. Diga-me uma coisa, mestre Gaudêncio. Vossemecê, homem sabido que lê nos livros e andou nos estudos, é quem me vai acabar esta dúvida. Será que as aves de pena e criações dessa marca têm alma?

— Não acredito não, seu Alexandre, resmungou o curandeiro aprumando-se. Uns incréus chegam a dizer que os filhos de Deus, encruados nos mandamentos e nos sacramentos, não possuem almas. É embromação do tinhoso, já se sabe. Mas alma em bicho do mato, com franqueza, foi coisa que nunca me bateu a passarinha. Seu Alexandre pensa de outro modo?

— Não pensava não, mestre Gaudêncio. A ponta de língua de Cesária é que deu esse palpite. Fiquei assim meio lá, meio cá, especialmente por causa daquele negócio do ensino da ladainha às devotas. — “Faça o que lhe mandar o coração, mulher de uma figa, destampei. Talvez você esteja certa.” Cesária tirou o animal da corrente, ele pulou da gaiola e agradeceu muito sério: — “Nossa Senhora lhe pague, dona. Não me esqueço dos benefícios que recebo.” Sim senhores, falou assim. E afastou-se emproado, arrastando os pés, foi examinar o pátio, o chiqueiro das cabras, o bebedouro, os currais, as veredas e as moitas dos arredores. Gastou uma semana ou mais nessa vadiagem: só entrava em casa na hora da comida. Levou sumiço de repente, nunca mais ninguém pôs a vista em cima dele. — “Está aí o que você fez, Cesária, desatinei. Quinhentos mil-réis esbagaçados. A culpa é sua.” Ela baixou a cabeça, triste, e gaguejou com voz de choro: — “A culpa é minha, que lastimei a sorte daquele judeu. Hoje em dia a gente não deve ter pena de ninguém não. O mundo está cheio de ingratos, Xandu.” — “Acabou-se, atalhei amolado com o arrependimento da patroa. Não se trata mais disso. O que passou, passou. E de agora em diante não me entra em casa nem um periquito. Sou caipora com essa geração excomungada; já me deu dois prejuízos.” Não tornamos a mexer na história: quem não tem remédio remediado está, como dizem os mais velhos. Correu tempo, andei para cima e para baixo, do sertão à mata, engordando os nossos possuídos nos arranjos que

os amigos já conhecem. Ora, numa vaquejada, parei no meio da catinga, espantado com um barulho de arrepiar, e larguei a rês que se escafedia, ali ao alcance da mão, pega não pega. Falatório comprido, uma latomia dos pecados. Sim senhores. A princípio não distingui as palavras, e julguei que aquilo fosse arte do capeta ou assombração de alma penada, porque em redor não havia casas e os caminhos estavam longe. — "Que trapalhada é esta, meu Deus?" disse comigo. E logo veio a resposta. Levei a mão à orelha e ouvi perfeitamente: — "Padre nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino..." E a enfiada santa escorreu muito clara até o arremate, sem nenhum erro. Depois dela vários fregueses, já perto de mim, se espritaram, um bando deles, uns cem, calculei: — "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois entre as mulheres..." Fiquei de boca aberta. Quem estaria fazendo orações ali nos descampados, àquela hora, o sol nas alturas, o calor medonho queimando as folhas dos paus? Com certeza um lote de pecadores andava na penitência, procurando salvação, imaginei. Desci do cavalo, tirei o chapéu, ajoelhei-me, fiz o pelo-sinal e puxei o rosário, disposto a ajudar os penitentes. Nisso uma nuvem de papagaios voou a poucas braças, por cima das catingueiras e das imburanas. O que vinha na frente arrumava o padre-nosso com todos os pontos e vírgulas, e os da rabada gritavam direito a ave-maria, como na igreja e no catecismo. Levantei-me numa zanga verdadeira. Cinco ou seis minutos de joelhos, batendo nos peitos, os dedos nas contas, o juízo a fervilhar. Assuntei no caso. Por isso fiz aquela pergunta, mestre Gaudêncio. Mas aí me chega uma dificuldade. Ignoro se o papagaio chefe, esfarinhado em reza, era o mesmo que fazia discurso, trepado nos autos. Acho que era, mas não posso garantir. Pensei no agradecimento a Cesária: — "Não esqueço os benefícios que recebo, dona." E lembrei-me de uma santa missão feita dois anos antes, na cidade. Seu bispo falava no céu, no inferno, no purgatório. E quando se atrapalhava, pegava o rosário, dizia aquilo mesmo:

— "Padre nosso, que estais no céu..." Um cento de beatas, ajoelhadas na grama, respondia com vontade: — "Santa Maria, mãe de Deus..." O papagaio

tinha escutado o sermão, foi o que eu pensei, e queria mostrar o reino do céu à parentela. Um missionário, com todos os *ff* e *rr*.

Uma canoa furada

Mestre Gaudêncio curandeiro, homem sabido, ex-plicou uma noite aos amigos que a terra se move, é redonda e fica longe do sol umas cem léguas. — Já me disseram isso, murmurou Cesária.

Das Dores arregalou os olhos, seu Libório espichou o beiço e deu um assobio de admiração. O cego preto Firmino achou a distância exagerada e sorriu, incrédulo:

— Conversa, mestre Gaudêncio. Quem mediu? Das telhas para cima ninguém vai. Isso é emboança de livro, papel aguenta muita lorota. Cem léguas? Não embarco em canoa furada não, mestre Gaudêncio.

— Ora, seu Firmino! exclamou Alexandre. Para que diz isso? Embarca. Todos nós embarcamos, é da natureza do homem embarcar em canoa furada. Tudo neste mundo é canoa furada, seu Firmino. E a gente embarca. Nascemos para embarcar. Um dia arreamos, entregamos o couro às varas e, como temos religião, vamos para o céu, que é talvez a última canoa, Deus me perdoe. Embarca, seu Firmino.

Levantou-se, foi acender o cigarro ao candeeiro de folha, voltou à rede.

— Embarca. E por falar em canoa furada, vou contar aos senhores o que me aconteceu numa, há vinte anos. Canoa verdadeira, seu Firmino, de pau, não

dessas que vossemecê puxou para contrariar mestre Gaudêncio. Ora muito bem. Numa das minhas viagens rolei uns meses por Macururé, levando boiadas para a Bahia. Já andaram por essas bandas? Tenho aquilo de cor e salteado. Ganhei uns cobres, mandei fazer roupa no alfaiate, comprei um corte de pano fino e um frasco de cheiro para Cesária. Demorei-me na capital uma semana. Aí fiz tenção de vender a fazenda e os cacarecos, mudar-me, dar boa vida à pobre mulher, que trabalhava no pesado, ir com ela aos teatros e rodar nos bondes. Refletindo, afastei do pensamento essas bobagens. Matuto, quando sai do mato, perde o jeito. Quem é do chão não se trepa. Ninguém me conhecia na cidade cheia como um ovo. A propósito, sabem que um ovo custa lá cinco tostões? Calculem. Não me aprumo nessas ruas grandes, onde gente da nossa marca dá topadas no calçamento liso e os homens passam uns pelos outros calados, como se não se enxergassem. Nunca vi tanta falta de educação. Vossemecê mora numa casa dois ou três anos e os vizinhos nem sabem o seu nome. Nos meus pastos a coisa era diferente. Lá eu tinha prestígio: votava com o governo, hospedava o intendente, não pagava imposto e tirava presos da cadeia, no júri. Vivia de grande. E quando aparecia na feira, o cavalo em pisada baixa, riscando nas portas, os arreios de prata alumiando, o comandante do destacamento levava a mão ao boné e me perguntava pela família. Tenho tocado nisso algumas vezes, e os amigos vão pensar que estou aqui arrotando importância. É engano, detesto pabulagem. Na capital só viam em mim um sujeito que vendia gado. Mas se quiserem saber a minha fama no sertão, deem um salto à ribeira do Navio e falem no major Alexandre. Cinquenta léguas em redor, de vante a ré, todo o bichinho dará notícia das minhas estrepolias. A história da onça, a do bode, o estribo de prata, este olho torto, que ficou muitas horas espetado num espinho, roído pelas formigas, circulam como dinheiro de cobre, tudo exagerado. É o que me aborrece, não gosto de exageros. Quero que digam só o que eu fiz. Esse negócio da canoa entrou num folheto e hoje se canta na viola, mas com tantos acréscimos que, francamente, não me responsabilizo pelo que escreveram. Exatamente o que sucedeu com o marquesão. Lembram-se? Dr. Silva pegou o marquesão de

jaqueira e fez dele o que entendeu, encheu a casa de cortiços. Não era o meu marquesão, que só deu quatro pés de jaca. O caso da canoa também foi muito aumentado. É bom prevenir. Se vossemecês ouvirem falar nele em cantoria, fiquem sabendo que as nove-horas são astúcias do poeta. O acontecido foi coisa muito curta, que eu podia embrulhar num instante. E se converso demais, é porque a gente precisa matar tempo, não sapecar tudo logo de uma vez. Se não fosse assim, a história perdia a graça. Por isso espichei diante dos amigos a cidade grande, os teatros, os bondes, os ovos e a roupa nova, o corte de pano fino e o frasco de cheiro que ofereci a Cesária. Ela vestiu o pano fino e botou o frasco de cheiro no lenço, mas isto não adianta. Sem cheiro e sem pano, a história da canoa seria a mesma, um pouco mais encolhida. Bem, como disse aos amigos, demorei na Bahia, com desejo de arranjar-me por lá. Quando vi que a intenção era besteira, decidi voltar para casa, amansar brabo, arrematar caixas de segredo em leilão e animar o cordão azul e o cordão vermelho, no pastoril, que foi para isto que nasci. Sim senhores. Selei o cavalo e atirei-me para o norte. Caminhei, caminhei, cheguei ao S. Francisco. Seu Firmino andou no S. Francisco? Não andou. É o maior rio do mundo. Não se sabe onde começa, nem onde acaba, mas, na opinião dos entendidos, tem umas cem léguas de comprimento. Quer dizer que, se em vez de correr por cima da terra, ele corresse para os ares, apagava o sol, não é verdade, mestre Gaudêncio? Nunca vi tanta água junta, meus amigos. É um mar: engole o Ipanema em tempo de cheia e pede mais. Está sempre com sede. Não há rio com semelhante largura. Vossemecês pisam na beira dele, olham para a outra banda, avistam um boi e pensam que é um cabrito. Por aí podem imaginar aquele despotismo. Pois eu ia morrendo afogado no S. Francisco, vinte anos atrás. Afogado não digo que morresse, porque enfim dou umas braçadas, mas, se não me afogasse, era certo estrepar-me no dente da piranha, o bicho mais infeliz que Deus fabricou. Já viram piranha? Se não viram, perdem pouco. É uma criatura que não tem serventia e morde como cachorro doido. Onde há sangue aparece um magote delas. Entra um vivente na água e em cinco minutos deixa lá o esqueleto. Percebem? Topei o S. Francisco

empanzinado, soprando. Tinha lambido as plantações de arroz, comido as ribanceiras, e a escuma subia, ia cobrindo as catingueiras e as baraúnas. Viajei dois dias para as cabeceiras, procurando passagem. E, ali pelas alturas de Propriá, vi uma canoa cheia de gente que botava para as Alagoas. — "Seu moço, perguntei ao remador, essa gangorra é segura?" E o homem respondeu, de cara enferrujada:

— "Segura ela é. Mas garantir que chegue ao outro lado não garanto. Se tem coragem de se arriscar, entre para dentro, que ainda cabe um." Fiquei embuchado, com uma resposta atravessada na goela, pois acho desaforo alguém pôr em dúvida a minha disposição. Que, para usar de franqueza, o que faço direito é correr boi no campo. Mergulhar e brigar com peixe não é ocupação de gente. Desarreei o animal, amarrei o cabresto na popa da canoa, arrumei os picuás e embarquei. O cavalo nadou, três mulheres velhas puxaram os rosários e navegamos em paz até o meio do rio. Aí, quando mal nos precatávamos, o diabo do cocho se furou e em poucos minutos os meus troços estavam boiando. Foi um deus nos acuda: os homens perderam a fala, as mulheres soltaram os rosários e botaram as mãos na cabeça, numa latomia, numa choradeira dos pecados. — "Então, seu mestre, perguntei ao canoeiro, o senhor não disse que esta geringonça era segura?" E o desgraçado respondeu: "Segura ela era. Mas, como o senhor está vendo, agora não é." — "Que é que vamos fazer?" gritei desadorado. — "Sei lá, disse o homem. Quem tiver muque puxe por ele e veja se alcança terra, o que acho difícil." A minha vontade foi dar uns tabefes no sem-vergonha, mas não havia tempo, os amigos veem que não havia tempo. — "Está bem, tornei. Nós ajustaremos contas depois. Se escaparmos, será na banda alagoana. Se formos para o fundo, no céu ou no inferno a gente se encontra e você me contará isso direitinho, seu filho de uma égua." Acocorei-me e pus-me a esgotar aquela miséria com o chapéu. Os viajantes machos fizeram o mesmo e as mulheres dos rosários, chamadas à ordem, agarraram cuias e caíram no trabalho. Tempo perdido. Gastávamos forças e o traste cada vez mais se enchia. Desanimei, ia entregar os pontos quando me veio de repente uma ideia, a ideia

mais feliz que Deus me deu. Lembrei-me de que tinha no bolso da carona um formão e um martelo, comprados para o serviço da fazenda. Muito bem. Veio-me a ideia, dei um salto, fui à carona, peguei o formão e o martelo, fiz um rombo no casco da canoa. Os companheiros me olhavam espantados, julgando talvez que eu estivesse doido. Mas o meu juízo funcionava perfeitamente. Imaginam o que sucedeu? A embarcação se esvaziou em poucos minutos, continuou a viagem e chegou sem novidade a Porto-Real-do-Colégio. Natural. A água entrava por um buraco e saía por outro. Compreenderam? Uma coisa muito simples, mas se eu não tivesse pensado nisso, alguns pais de família e três devotas teriam acabado no bucho da piranha. Desembarcamos na terra alagoana. Aí chamei de parte o canoeiro, sem raiva, e dei-lhe meia dúzia de trompaços, que o prometido é devido. Ele se defendeu (era um tipo de sangue no olho) e propôs camaradagem: — “Seu Alexandre, vamos deixar de besteira. O senhor é um homem.” Ficamos amigos, fomos para a bodega e passamos uma noite na prosa, bebendo cachaça.

História de uma guariba

— Um domingo destes, contou Alexandre aos amigos, vesti o guarda-peito e o gibão, cobri-me com o chapéu de couro, acendi o cachimbo, pus o aió a tiracolo, peguei a espingarda, resolvido a desenferrujá-la, se aparecesse caça graúda. Saí pelo terreiro, dei umas voltas nos arredores, andei, virei, mexi, afinal entrei numa vereda, subi a ladeira dos preás e, sem encontrar bicho que merecesse uma carga de chumbo e um dedal de pólvora, cheguei à imburana, perto da cerca de ramos. Aí, como o calor apertasse, tirei o aió, o chapéu, o gibão e o guarda-peito, estirei-me no chão e passei uma hora de papo para cima, fumando e pensando nos aperreios deste mundo velho. Sentia-me bem triste, meus amigos, bem desanimado. Eu, homem de família, nascido na grandeza, criado na fartura, tendo o que precisava, do bom e do melhor, estava por baixo, muito por baixo: deitado em garranchos e folhas secas, a cabeça num travesseiro de couros dobrados. Fui-me amadornando, o cachimbo me caiu dos dentes, fiquei assim meio leso, nem adormecido nem acordado, vendo e ouvindo as coisas em redor e misturando tudo a casos antigos. De repente uns gritinhos finos me chamaram a atenção. Esfreguei os olhos, sentei-me, espalhei aquelas embrulhadas que se juntavam no meu interior. E enxerguei uma espécie de velho barbudo saltando, fazendo caretas, guinchando e assobiando, como se mangasse de mim.

Atentando na visagem esquisita, reconheci uma guariba. Levei mais que depressa a lazarina ao rosto, mas não pude atirar: o animal sacudia-se danadamente, sem oferecer alvo. Depois saltou por cima de uma touceira de macambira e virou fumaça. Larguei-me atrás dele, andei meia hora examinando marcas de pés no chão, ramos quebrados, cabelos nas cascas dos paus. Na verdade eu estava com pouca sorte naquele dia: os sinais diminuíram, tomaram diversas direções, sumiram-se completamente. Aí os gritinhos e os assobios voltaram. Pareciam vir de todos os lados, e eu não conseguia adivinhar onde se escondia a peste do bicho. Disse comigo, arreliado: — "Aqui há mandinga, na certa. Das coisas deste mundo nunca tive medo, com os poderes de Deus, mas em negócios de feitiçaria não entro. Fujo e entrego os pontos. Deve andar na vadiação pelo menos meia dúzia de guaribas." Uns risinhos safados me responderam pela direita e pela esquerda, por diante e por detrás. Fiz o pelo-sinal, rezei o credo, agarrei-me à Virgem Maria e dispus-me a entrar em casa. Aquela história começava a azucrinar-me. Ora sim senhores. Acreditam vossemecês que não acertei o caminho? É exato, achei-me numa atrapalhação, areado pela primeira vez na vida, completamente desorientado. Incrível, meus amigos, a coisa mais espantosa que até hoje me aconteceu. Ali pertinho de casa, com o sol nas alturas, as árvores iluminadas, tudo muito claro, perdido no mato, eu, um sujeito costumado a varar capueira no lombo de bicho brabo. Não podia haver disparate maior. Tenho vergonha de contar isto. Nunca me vi, antes ou depois, em situação igual. Se pudesse fumar, descansar, espairecer uns minutos, talvez conseguisse livrar-me do embaraço, arrumar as ideias que me fervilhavam no espírito. Infelizmente o cachimbo tinha ficado debaixo da imburana. E, sem chapéu, aguentando a quentura do meio-dia num verão puxado, sentia o miolo derreter-se e a vista escurecer. Decidi acompanhar os rastos da guariba, na esperança de que eles me levassem a alguma estrada. Não levaram. Tomei outro rumo. Trabalho perdido: uma confusão dos pecados. E, à toa, joguei-me para a frente, embirando-me nos cipós, furando-me os espinhos, falando assim cá por dentro: — "Agora nem volto nem torço. Nesta marcha vou até o fim do mundo.

Todo o caminho dá na venda.” Andei uma légua, pouco mais ou menos. Os assobios e os gritos desapareceram. Ri-me de mim mesmo, achando graça naquela trapalhada: — “Isto não tem pé nem cabeça. Sonhei, provavelmente, estive sonhando e variando. Peguei no sono, levantei-me sem acordar direito e corri de um lado para outro, vendo e ouvindo coisas que não existem.” Pensando assim, entrei num carreiro que me pareceu conhecido. Encontrei uma cerca de ramos e um formigueiro de formiga branca, subi uma ladeira, alcancei o alto de um monte, onde topei a imburana. Bem. Respirei aliviado: era ali que eu tinha adormecido pela manhã. Estava perto de casa, a umas quinhentas braças ou menos. Procurei os couros que havia largado no chão e não percebi nem sombra deles. — “Que diabo é isto?” perguntei cá comigo. E comecei a arear-me de novo, julguei que talvez a imburana não fosse o pé de pau visto poucas horas antes. No meio da desordem enxerguei na terra folhas secas e gravetos espalhados. Tinha-me deitado ali, de papo para o ar, sem dúvida. Mas onde estavam meus arreios? Era o que eu não podia saber. Tudo naquele dia me andava pelo avesso. Disse baixinho: — “Valha-me Nossa Senhora do Amparo. Com certeza desci hoje da cama com o pé esquerdo e não fiz as minhas orações em regra! Foi por isso que o demônio se soltou e buliu comigo.” Deitei-me, resolvido a descansar um instante, porque o calor não era deste mundo e a cabeça me ardia desesperadamente. Fechei os olhos, tornei a abri-los, chateado: aquele desconchavo todo e por fim o desaparecimento dos picuás não me deixavam sossegar. Nessa altura, descobri lá em cima, quase escondida na folhagem da imburana, a guariba escanchada num galho, vestida no guarda-peito e no gibão, com o chapéu na cabeça. Trazia o aió a tiracolo. Meteu a mão nele, tirou o corrimboque, bateu a pedra de fogo, acendeu o cachimbo, e pôs-se a fumar regalada, balançando-se. Os senhores já viram bicho fumar? Era cada baforada que ninguém imagina. Pafo! pafo! pafo! Perdi os estribos com semelhante desaforo, gritei: — “Seiscentos diabos!” E levantei a espingarda: queria botar as coisas em pratos limpos, saber se aquela infeliz era vivente de fôlego ou alma penada. Aí se deu um caso extraordinário. A guariba conheceu as

minhas intenções, pregou-me o olho e falou desse jeito: — “Seu Alexandre, vamos fazer um negócio? Vá criar seus filhos, que eu vou criar os meus.” Atirou-me lá de cima o cachimbo, o aió, o gibão, o guarda-peito e o chapéu. Fiquei assombrado, de queixo caído, nem tive coragem de atirar. Aceitei a proposta e deixei que a desgraçada fosse embora em paz.

A espingarda de Alexandre

— Os senhores querem saber como se deu esse caso do veado, uma história que apontei outro dia? perguntou Alexandre às visitas, um domingo, no copiar. Ora muito bem. Olhem aquele monte ali na frente. É longe, não é?

— Muito longe, respondeu o cego preto Firmino.

— Como é que o senhor sabe, seu Firmino? grunhiu o narrador. O senhor não vê.

— Não sei não, seu Alexandre, voltou o negro. Eu disse que era longe porque o senhor é o dono da casa e deve saber. O senhor achou que era longe e eu concordei. Não está certo?

— Está, resmungou Alexandre. Mas eu quero a opinião dos outros. Que distância vai daqui àquele monte, seu Libório?

Seu Libório arriscou meia légua. Mestre Gaudêncio afastou o monte para duas léguas. E Das Dores afirmou que ele devia estar a umas cinquenta:

— É o que eu digo, meu padrinho. Cinquenta léguas, daí para cima.

Alexandre, moderadamente, repreendeu a afilhada:

— Isso não, Das Dores. Que desconchavo! Assim também é demais. Deixe esses despotismos, para os nossos amigos não fazerem mau juízo, não pensarem que eu ando com invenções. As minhas histórias são exatas.

— Tudo ali no duro, opinou seu Libório. Ponha meia légua.

— Eu propus duas, disse mestre Gaudêncio.

— E eu cinquenta, cochichou Das Dores. Mas parece que foi bobagem.

— Foi, gritou Alexandre. Vamos dividir isso. Juntamos tudo e depois repartimos. Cinquenta com dois são cinquenta e dois. Mais meio: cinquenta e dois e meio. Qual é a terça de cinquenta e dois e meio, Cesária?

— Isso é um número muito comprido, respondeu Cesária. Se eu tivesse aqui os meus caroços de mulungu, a resposta ia logo; mas assim de cabeça, que dificuldade! Negócio de conta é um desespero, Alexandre. Você conhece a adivinhação dos lenços? Não conhece. Pois eu digo. Uma rua tem cem casas, cada casa cem janelas, cada janela cem moças, cada moça cem vestidos, cada vestido cem bolsos, cada bolso tem cem lenços, cada lenço quatro pontas e cada ponta um vintém. Quanto é o dinheiro que há na rua? Hem? Nunca houve quem soubesse. Quebro a cabeça desde pequena e não sei. Faz vergonha a gente confessar que ignora um troço? Não tenho vergonha não, Alexandre. Esses lenços me têm estragado os miolos. Conta é um buraco. Vou acender o cachimbo lá dentro. E penso na sua pergunta, Alexandre, que não gosto de pensar misturada com outras pessoas. Já volto.

Cesária entrou, alguns minutos depois regressou cachimbando e falou:

— Alexandre, a terça de cinquenta e dois e meio é muita coisa, mais de quinze, mais de dezesseis. Talvez chegue a dezessete e ainda um pedacinho. Mas para que saber isso tão direito? Ninguém vai medir a terra. Bote dezessete léguas, Alexandre. Que acha?

— Acho que devem ser pouco mais ou menos dezessete léguas, concordou Alexandre. Ou antes: apurada a opinião de vocês todos, ficam dezessete léguas bem estiradas. Eu não dei opinião, aceito o que os outros disseram. É muita légua, não é? Pois, meus amigos, tenho uma lazarina que engole todas elas e não falha. Nunca houve outra igual.

Alexandre levantou-se, foi à sala e voltou com uma espingarda velha e enferrujada, a coronha meio comida pelo cupim, enrolada em arame:

— Olhem que beleza. Meu irmão tenente, em troca do couro da onça, ofereceu-me esta maravilha, quando entrou na polícia. Que presente! Qualquer dia hei de mostrar aos amigos quanto ele vale. Só vendo, seu Firmino. O senhor vai ver. Isto é: os outros vão ver e o senhor terá notícia. Já falei no porco bravo que partiu a cachorra pelo meio? E nas duas araras? Bem. O porco e a cachorra dão para uma noite e vêm depois, mas as duas araras podem vir logo, e os senhores ficarão de queixo caído. Um dia destes acordei ouvindo gritos. Cheguei aqui ao copiar e avistei duas araras, uma voando muito alto, outra mais baixo. Corri mais que depressa, fui buscar a espingarda e atirei nos bichos. Vinha amanhecendo, ainda havia um resto de escuridão, era difícil enxergar as coisas afastadas. Mas, como já sabem, este olho torto vê tudo. As araras morreram. A que voava mais baixo caiu ali no terreiro ao meio-dia; a outra chegou às seis horas da tarde e esbagaçou-se na queda. Eu não tinha intenção...

— Quer dizer que a espingarda junta o chumbo, não é, seu Alexandre? perguntou mestre Gaudêncio.

— Por que, seu Gaudêncio? Que lembrança foi essa?

— É que as araras estavam longe. Se o chumbo se espalhasse, não havia pontaria que servisse.

— Perfeitamente, seu Gaudêncio. O senhor entende. Faz gosto a gente conversar com uma pessoa de tino assim. A espingarda junta o chumbo. E não respeita distância. Só falei nas duas araras para mostrar aos amigos até onde vai um tiro dela. O que agora me ferve no pensamento é o caso do veado. Conhecem, não? Pois foi aquilo mesmo. O veado apareceu acolá, em cima do monte, espiou os quatro cantos, desconfiado, depois sossegou e pôs-se a comer. Percebi todos os movimentos dele. Um animal bonito e fornido. Peguei a espingarda, examinei a carga, limpei o cano por dentro com o saca-trapo e mudei a espoleta, já velha. Dormi algum tempo na pontaria, puxei o gatilho e — bum! — vi na fumaça o bicho dar um pulo, correr algumas braças e amunhecar. — “Aquele está esfolado e comido”, pensei. Saí de casa, andei muito, dezessete léguas, pela conta de Cesária, e achei o corpo já frio, com dois caroços de

chumbo, um na cabeça, outro no pé direito.

— Que está dizendo, seu Alexandre? exclamou o cego. O senhor garante que o veado tinha um caroço na cabeça, outro no pé?

— Que pergunta, seu Firmino! Pois se eu tirei o couro dele e mandei fazer aquele gibão que está ali dentro, pendurado no torno!

— Mas, seu Alexandre, insistiu o negro, o senhor não disse que a espingarda junta o chumbo? Se a espingarda junta o chumbo, como é que os dois caroços estavam tão separados? Creio que houve engano.

Alexandre baixou os olhos, tirou do aió um rolo de fumo e palha de milho, desembainhou a faca de ponta e fabricou lentamente um cigarro, procurando a resposta, que não veio.

— Seu Firmino, o senhor duvida da minha palavra?

— Deus me livre, seu Alexandre. Quem é que duvida? Estou só perguntando.

— E pergunta muito bem, gritou Cesária, salvando o marido. Seu Firmino gosta de explicações. Está certo, cada qual como Deus o fez. Quer saber por que o chumbo se espalhou? Não se espalhou não, seu Firmino: o veado estava coçando a orelha com o pé.

Moqueca

— Vou contar a história da cachorra e do porco brabo, anunciou Alexandre aos amigos uma noite escanchado na rede. Já falei nisto uma vez, se não me engano, quando me referi ao veado e às duas araras. Lembram-se? Os senhores conheceram nesse dia o alcance da lazarina que meu irmão tenente me ofereceu. Ora muito bem. Essa cachorra de que vou tratar hoje era uma pobre de Cristo, feia, magra e apareceu aí no pátio, sem ninguém saber donde tinha vindo, esfomeada e cheia de peladuras. Latia que era um deus nos acuda, coçava-se nas estacas das cercas, esfregava-se nas pernas da gente e fazia nojo. Eu por mim não queria aquela infeliz em casa, mas Cesária, que tem um coração de ouro, tomou conta dela, deu-lhe comida e curou-lhe os achaques.

— Foi porque vi logo que a cachorra era diferente das outras, explicou Cesária, lá da esteira. Preta como carvão, tinha a ponta do rabo branca e uma estrela na testa. Estes sinais não falham.

— Estão ouvindo? exclamou Alexandre encantado com a sabedoria da mulher. Essa Cesária nasceu de encomenda. Que tino! Pois eu não percebi nada: a cadelinha preta, de rabo branco e estrela na testa, parecia-me igual às outras. E nem prestei atenção às primeiras habilidades dela. Depois é que assuntei: aquilo não era procedimento de cachorro ordinário. Diga-me uma coisa, mestre

Gaudêncio, com franqueza: o senhor acredita em artes do diabo?

— Sem dúvida, seu Alexandre, respondeu o curandeiro. Quem não acredita? Tenho tirado com reza muito espírito mau do couro de cristão.

— Pois, mestre Gaudêncio, continuou o dono da casa, foi no capeta que eu pensei quando a cachorra botou para fora o que sabia. Mas Cesária fez uma oração forte em cima dela, o estouro que eu esperava não veio e, com os poderes de Deus, ficou provado que a bichinha era bem procedida. Entendia perfeitamente a linguagem das pessoas. Eu às vezes dizia, para experimentá-la: — "Moqueca, você hoje vai dormir no chiqueiro das cabras." Ela balançava a cabeça, metia-se no chiqueiro e não saía de lá nem por decreto. — "Moqueca, vá comprar um quilo de bacalhau na cidade." Moqueca segurava o dinheiro com os dentes, galopava para a rua, entrava numa bodega, ia direito à barrica de bacalhau, fazia a compra, pagava, tudo sem erro, pois ninguém se enganava com as intenções dela. Acabado o negócio, voltava correndo, carregando o embrulho. Contava como um cobrador de imposto, e quando um caixeiro lhe deu no troco uma nota falsa, Moqueca latiu, protestou, chamou a atenção do povo e da autoridade. Estas miudezas não têm relação com o porco brabo: servem apenas para mostrar que a cachorra sabia onde tinha as ventas. A especialidade dela era a caça. Caçava sozinha bichos pequenos: enchi a casa de coelhos, preás, mocós, tatus, cutias e aves de pena. E se achava roteiro de animal graúdo, chegava aqui ladrando, corria de um lado para outro, fazia barulho. Só se acomodava na capueira. Foi num desses dias que se deu a desgraça, de que talvez vossemecês tenham tido notícia, porque o caso se espalhou. Moqueca estava pejada, com a barriga pela boca, e a gente esperava que a qualquer momento desse cria. Uma tarde apareceu aí no pátio, latindo, subiu ao copiar e roçou-se nas minhas pernas, dizendo lá na língua dela que havia no mato um bicho grosso, bom para matar. Tentei sossegá-la e falei assim: — "Moqueca, você com esse bucho não aguenta rojão. Vá deitar-se, vá coçar as pulgas e descansar." Ela não aceitou o conselho e continuou a puxar-me a perna da calça com os dentes. Como não havia meio de aquietá-la, fui buscar a espingarda no jirau, pus a tiracolo o aió, onde guardava o

chumbeiro, o polvarinho e as espoletas. Entramos na catinga, e aí a pobrezinha começou a mexer-se com dificuldade, arfando, num trote curto, o focinho para cima, farejando mal. Parece que havia sinais cruzados de animais diferentes, porque a cachorra ia e vinha, latindo esmorecida, sem atinar com um rasto. Aborrecido daqueles manejos, sentei-me, acendi um cigarro e peguei a falar só, recordando coisas antigas, do tempo em que eu e Cesária vivíamos de grande. Os latidos enfraqueceram, enfraqueceram, afinal se sumiram. Pensei no bode, na onça, no papagaio que não mostrou para quanto prestava porque morreu de fome, no olho coberto de formigas, este olho que nunca pude encaixar direito no buraco do rosto e assim mesmo enxerga melhor que o outro. Ora muito bem. Onde andaria o diabo da Moqueca, pesada, com aquela barriga que estava por acolá, perdida entre cipós e espinhos, correndo atrás de um vivente ligeiro? Levantei-me, decidido a voltar para casa, ajeitei no ombro a correia do aió e a espingarda. A cadelinha que fosse para o inferno: ia recolher-me, não havia de ficar ali, esperando os caprichos dela. Ainda levei a mão à orelha, estive um minuto procurando a voz de Moqueca no barulho da catinga. Afastei-me desanimado, entrei numa vereda, com o pensamento longe da caça. Ia anoitecendo. Ouvi pancadas de asas; os olhos de um bacurau desceram e subiram, como duas tochas. Depois foram miados de gato, roncos de suçuarana, urros de bois assustados. Tudo se calou. Quando pisei no copiar, estirei a vista pelo mato e percebi sem querer, muito para lá da ribanceira do rio, a umas duas léguas daqui pouco mais ou menos, a cachorra fincando os dentes no sedenho de um bicho acuado junto a um mulungu. Em redor havia umas coisinhas que não distingui bem. Encostei a espingarda à cara, dormi na pontaria, a carga bateu na pá do bicho. Botei-me para ele. Andei, cortei caminho, cheguei a um mulungu, onde um porco brabo espumava, sangrava e estrebuchava, com vontade de morrer. A cachorra já tinha morrido e estava num estrago medonho: o espinhaço quebrado no meio, as tripas de fora, completamente espatifada. Pelos buracos da barriga tinham saído vários cachorrinhos que, ali perto, criaturas de boa raça, latiam danadamente, os dentinhos agarrados no couro do porco. Latiam direito,

em conformidade com o costume. Mas um diferia dos outros: fazia “Hom! hom! hom!”, muito rouco e muito fanhoso. Pobre da Moqueca. Um fim tão triste! Fui examinar os cachorrinhos, saber por que um gorgolejava daquele jeito. Sabem o que havia acontecido? No momento de estripar a mãe o porco tinha cortado o pescoço dele. E o infeliz, sem cabeça, queria proceder como os irmãos. Coitado. Finou-se ali, com poucos minutos de vida, roncando em cima da obrigação. Quem é bom já nasce feito, não é verdade? O sangue tem muita força. Escaparam três cachorrinhos.

— Me arranje um, seu Alexandre, pediu o cego. Estou precisando de guia e um animal desses vinha a propósito.

— Não é possível, seu Firmino, respondeu o dono da casa. Andaram por aí uns tempos, mas desapareceram, acabaram-se. O que tem valia não dura, seu Firmino.

A doença de Alexandre

— Como vai, seu Alexandre? Que estrago foi esse? perguntou mestre Gaudêncio à porta da camarinha.

— Macacoas da idade, suspirou o doente. Na beira da cova desde a semana passada. Tomei a purga de pinhão que o senhor me ensinou. Entre, seu Gaudêncio, vá-se abancando. Tomei a purga de pinhão e uns xaropes. Depois sinha Terta andou por aí e me deu um suadouro.

Estava na cama de varas, a testa enrolada num lenço vermelho, a camisa de algodão aberta mostrando os pelos do peito e o rosário de contas brancas e azuis. Cesária e Das Dores levaram para o quarto a mobília da sala: a pedra de amolar, a esteira, a mala de couro cru e o cepo. Mestre Gaudêncio baixou-se, encolheu-se na passagem estreita e escorregou da treva do corredor para a meia-luz que a candeia de azeite espalhava. Seu Libório acompanhou-o. O cego preto Firmino sondou a abertura com o cajado, arriscou alguns passos e, tateando a parede, acercou-se da cama:

— Onde é a dor, seu Alexandre?

— Sei não, seu Firmino, respondeu mole o dono da casa. Pega na raiz do cabelo e vai ao dedo grande do pé. Sente, seu Firmino, sentem vossemecês. Me dê água, Cesária.

Os visitantes mergulharam na sombra que se adensava nos cantos, procuraram, descobriram e utilizaram os móveis. Das Dores saiu, voltou com um caneco de lata enferrujada, que ofereceu ao padrinho. O enfermo ergueu-se lento num cotovelo, bebeu, deixou cair desanimado no travesseiro a cabeça cor de sangue, como a de um galo-de-campina.

— Arreado, meu amigo, queixou-se. A princípio era uma gastura, o estômago embrulhado e a vista escurecendo. Botei para o interior a purga de pinhão de mestre Gaudêncio e a garrafada que Cesária fez. Das Dores rezou uma oração forte. Depois veio sinha Terta. Ai!

— Esteja quieto, seu Alexandre, murmurou o negro. É melhor vossemecê calar a boca, fechar os olhos e descansar.

— Que descansar! A vida inteira aqui descansando, seu Firmino! Isto é negócio? Não adianta descansar. Ai! Não há mezinha que sirva. Desta vez acho que embarco.

— Não embarca não, sentenciou mestre Gaudêncio curandeiro. É assim mesmo. A moléstia vai comendo, vai comendo, e quando mata a fome, deixa o corpo do cristão. Aí o suplicante se levanta e mata a fome também. Endurece, engorda, conversa, desempena o espinhaço.

— Se o senhor fala, é porque sabe, seu Gaudêncio, gemeu Alexandre. Peço a Deus que os anjos digam amém. Esta fé é que me traz em pé. Ora vejam que besteira. Em pé! Aqui de papo para o ar, contando os caibros, não presto para nada. Cesária fez uma promessa: se me endireitar, arranja umas novenas, vai à missa um ano inteiro todos os domingos e paga cinco libras de cera a Nossa Senhora do Amparo.

— Seu Alexandre, tornou o cego, vossemecê está gastando fôlego à toa, perdendo força.

— Há uma semana que não falo, seu Firmino, e se falo, é para soltar variedades. Agora que estou no meu juízo não me calo, nem por decreto. Preciso desabafar, dizer o que vi naqueles sonhos agoniados de quem está de viagem para a terra dos pés juntos. Primeiro foi um bode. Montei-me nele, e o bicho

cresceu, passou as nuvens, chegou ao céu, ficou tão alto que eu não enxergava a terra. Um fumaceiro, um pretume. Segurava-me desesperadamente, com receio de me despencar lá de cima e esbagaçar-me. O infeliz saltava como se tivesse o diabo no couro, espetava as estrelas com as pontas, dava marradas na lua e sapecava os cabelos do focinho no sol. Num dos pulos desaprumei-me e caí. Caí escanchado numa onça-pintada, que se atirou pelo mundo correndo, um pé de vento. Andou, virou, mexeu, atravessou um espinheiro (lá deixei o olho esquerdo num garrancho), meteu-se num mato cheio de marquesões cobertos de jacas maduras, parou na beira de um rio que, pelos modos, era o S. Francisco. Vai senão quando uma coisa me bateu no estribo. Levantei o rebenque, saltei no chão, mas aí notei que estava com a perna metida na goela de uma jiboia, até a coxa.

— "Valha-me o Senhor S. Bento, gritei. Sou um homem frito." Nessa altura a cachorra Moqueca apareceu e começou a latir. A cobra assustou-se, livrei-me dela devagarinho, saí atrás de uma guariba que fumava cachimbo e usava gibão e guarda-peito.

— Desarranjo no interior, segredou mestre Gaudêncio curandeiro.

— Isso mesmo, seu Gaudêncio, concordou Alexandre. Miolo avariado. O aperreio do sonho continuou, misturado a casos verdadeiros. Uma confusão, um sarapatel, seu Firmino. Das Dores rezando a oração forte, Cesária no cós da saia de Nossa Senhora, e eu malucando na beira do S. Francisco, rastejando uma guariba. Tremia que era um deus nos acuda, procurava afastar aquelas bobagens, mas um papagaio, com um olho de gente no bico, chegava junto de mim, arrastando os pés apalhetados: — "Está aqui, seu major. Está aqui o olho que eu achei estrepado num garrancho, coberto de moscas e formigas. Bote o olho na cara, seu major." Eu aceitava o conselho e via perfeitamente o papagaio, o S. Francisco, Cesária de joelhos, bulindo nas contas, Das Dores rezando a oração de sustância. A febre não era deste mundo, um febrão pior que o fogo do inferno, sim senhores. Aí sinha Terta se apresentou. Sentiu de longe a quentura, sentiu a quentura no fim do pátio, lá para os pés de juá, foi o que ela disse. Foi ou não

foi, Cesária?

— Foi, Alexandre, confirmou Cesária. Podem perguntar a sinha Terta.

— Não senhora, interveio o curandeiro. Fale, seu Alexandre. Está com vontade de falar, fale. É bom. Nós escutamos e o senhor espalha a morrinha. Fale até rebentar.

— Uma peste, seu Gaudêncio. Já andou perto de fornalha de engenho? Era aquilo. Sinha Terta sentiu o calor no fim do pátio.

— Não é muito não? perguntou o cego.

— Sei lá, respondeu Alexandre. Pode ser que seja. Sinha Terta disse, mas se vossemecê julga que ela se enganou, não discuto. Isso não tem importância. A verdade é que eu estava com febre. E estou. Pegue aqui no meu pulso. Escangalhado, seu Firmino. Felizmente agora já penso direito, a leseira desapareceu, Deus seja louvado. Pois, como ia contando, sinha Terta chegou, estirou o beiço, foi à cozinha e ferveu muita flor de sabugueiro. Bebi uma panela toda. Sinha Terta me consolou, arrumou em cima de mim uma serra de panos e saiu com Das Dores, que não se aguentava nas pernas, coitada. Cesária, bamba também, se amadorrou ali na rede. Fiquei só. E começou o efeito do remédio, um despotismo, sim senhores. Quase me desmanchei em suor. As bobagens da arrelia voltaram, achei-me de novo no S. Francisco, ouvindo as lorotas do papagaio, que me acompanhava em voos curtos. A sede me apertou. Deitei-me de barriga para baixo, encostei a boca na correnteza e empanzinei-me com mais de uma canada, mas quando me levantei, estava seco, a língua dura, cuspindo bala. Avistei de supetão uma canoa que se largava para a outra banda, carregada de tatus. — “Entre para dentro, major Alexandre, convidou-me o dr. Silva, que era o canoeiro. Tem lugar para o senhor.” Despedi-me do papagaio, acomodei-me na embarcação e ela se afastou. Dr. Silva quis puxar conversa, mas eu estava repugnado, suando, suando. — “Santa Maria! estranhou o dr. Silva. Que é que o senhor tem que está pingando tanto, major Alexandre?” E eu me expliquei: — “Armadas de sinha Terta. Empurrou-me no bucho um suadouro brabo, e estou assim, derretendo-me como sebo na brasa. Parece que me sumo. Quando acabar

esta desgraceira, não me resta nem osso.” Fomos navegando. Dr. Silva dizia uns casos e eu suava. A canoa, com o peso do suor, no meio do rio emborcou. — “Estamos afundando, gritou o dr. Silva. Caia na água, major. Caia na água e veja se alcança terra.” Dito e feito. Saltei da cama, num desespero, aos berros: — “Cesária, que é das minhas alpercatas?” Saibam vossemecês que eu estava com água pela canela. Cesária deixou a rede, as saias levantadas, num assombro: — “Jesus, Maria, José! A gente se afoga.” Ainda azuretado, com o S. Francisco e o dr. Silva na cabeça, não me espantei muito. Depois tomei tento e informei-me: — “Está chovendo, Cesária?” — “Está não, Xandu. Certamente houve trovoada nas cabeceiras do riacho.” Foi ver as coisas lá fora e achou tudo em ordem: o tempo limpo, o céu estrelado, o riacho na largura do costume. Voltou — e percebemos o motivo daquele despropósito. O suor tinha enchido a casa, fazia um barulho feio no corredor, saía pelos fundos e entrava no barreiro. Entendem? Horrível, meus amigos.

— Um desadoro, pois não, concordou o cego. Mas quem sabe se aquilo não era trapalhada? Talvez vossemecê estivesse zuruó, tresvariando.

— Estava não, seu Firmino, respondeu Alexandre. Acordei. E Cesária molhou a barra do vestido. Podem perguntar a ela. A casa está úmida. Assim de noite, com esta candeia safada, não se nota, mas de dia vê-se bem. E as alpercatas sumiram-se. As alpercatas foram encontradas anteontem no quintal, enganchadas num pé de muçambê. O senhor quer prova melhor, seu Firmino? Ai! Aquele suadouro me arrasou. Eu queria conversar com os senhores, mas não posso, estou feito um molambo. Não reparem na falta não, meus amigos. Vou dormir.

A terra dos meninos pelados

Havia um menino diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam dele e gritavam:

— Ó pelado!

Tanto gritaram que ele se acostumou, achou o apelido certo, deu para se assinar a carvão, nas paredes: Dr. Raimundo Pelado. Era de bom gênio e não se zangava; mas os garotos dos arredores fugiam ao vê-lo, escondiam-se por detrás das árvores da rua, mudavam a voz e perguntavam que fim tinham levado os cabelos dele. Raimundo entristecia e fechava o olho direito. Quando o aperreavam demais, aborrecia-se, fechava o olho esquerdo. E a cara ficava toda escura.

Não tendo com quem entender-se, Raimundo Pelado falava só, e os outros pensavam que ele estava malucando.

Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul.

Um dia em que ele preparava com areia molhada a serra de Taquaritu e o rio das Sete Cabeças, ouviu os gritos dos meninos escondidos por detrás das árvores e sentiu um baque no coração.

— Quem raspou a cabeça dele? perguntou o moleque do tabuleiro.

— Como botaram os olhos de duas criaturas numa cara? berrou o italianinho da esquina.

— Era melhor que me deixassem quieto, disse Raimundo baixinho.

Encolheu-se e fechou o olho direito. Em seguida foi fechando o olho esquerdo, não enxergou mais a rua. As vozes dos moleques desapareceram, só se ouvia a cantiga das cigarras. Afinal as cigarras se calaram.

Raimundo levantou-se, entrou em casa, atravessou o quintal e ganhou o morro. Aí começaram a surgir as coisas estranhas que há na terra de Tatipirun, coisas que ele tinha adivinhado, mas nunca tinha visto. Sentiu uma grande surpresa ao notar que Tatipirun ficava ali perto de casa. Foi andando na ladeira, mas não precisava subir: enquanto caminhava, o monte ia baixando, baixando, aplanava-se como uma folha de papel. E o caminho, cheio de curvas, estirava-se como uma linha. Depois que ele passava, a ladeira tornava a empinar-se e a estrada se enchia de voltas novamente.

— Querem ver que isto por aqui já é a serra de Taquaritu? pensou Raimundo.

— Como é que você sabe? roncou um automóvel perto dele.

O pequeno voltou-se assustado e quis desviar-se, mas não teve tempo. O automóvel estava ali em cima, pega não pega. Era um carro esquisito: em vez de faróis, tinha dois olhos grandes, um azul, outro preto.

— Estou frito, suspirou o viajante esmorecendo.

Mas o automóvel piscou o olho preto e animou-o com um riso grosso de buzina:

— Deixe de besteira seu Raimundo. Em Tatipirun nós não atropelamos ninguém.

Levantou as rodas da frente, armou um salto, passou por cima da cabeça do menino, foi cair cinquenta metros adiante e continuou a rodar fonfonando. Uma laranjeira que estava no meio da estrada afastou-se para deixar a passagem livre e disse toda amável:

— Faz favor.

— Não se incomode, agradeceu o pequeno. A senhora é muito educada.

— Tudo aqui é assim, respondeu a laranjeira.

— Está se vendo. A propósito, por que é que a senhora não tem espinhos?

— Em Tatipirun ninguém usa espinhos, bradou a laranjeira ofendida. Como se faz semelhante pergunta a uma planta decente?

— É que sou de fora, gemeu Raimundo envergonhado. Nunca andei por estas bandas. A senhora me desculpe. Na minha terra os indivíduos de sua família têm espinhos.

— Aqui era assim antigamente, explicou a árvore. Agora os costumes são outros. Hoje em dia o único sujeito que ainda conserva esses instrumentos perfurantes é o espinheiro-bravo, um tipo selvagem, de maus bofes. Conhece-o?

— Eu não senhora. Não conheço ninguém por esta zona.

— É bom não conhecer. Aceita uma laranja?

— Se a senhora quiser dar, eu aceito.

A árvore baixou um ramo e entregou ao pirralho uma laranja madura e grande.

— Muito agradecido, d. Laranjeira. A senhora é uma pessoa direita. Adeus. Tem a bondade de me ensinar o caminho?

— É esse mesmo. Vá seguindo sempre. Todos os caminhos são certos.

— Eu queria ver se encontrava os meninos pelados.

— Encontra. Vá seguindo. Andam por aí.

— Uns que têm um olho azul e outro preto?

— Sem dúvida. Toda a gente tem um olho azul e outro preto.

— Pois até logo, d. Laranjeira. Passe bem.

— Divirta-se.

Raimundo continuou a caminhada, chupando a laranja e escutando as cigarras, umas cigarras graúdas que passeavam sobre discos de vitrola enormes. Os discos giravam, soltos no ar, as cigarras não descansavam — e havia em toda a parte músicas estranhas, como nunca ninguém ouviu. Aranhas vermelhas balançavam-se em teias que se estendiam entre os galhos, teias brancas, azuis,

amarelas, verdes, roxas, cor das nuvens do céu e cor do fundo do mar. Aranhas em quantidade. Os discos moviam-se, sombras redondas projetavam-se no chão, as teias agitavam-se como redes.

Raimundo deixou a serra de Taquaritu e chegou à beira do rio das Sete Cabeças, onde se reuniam os meninos pelados, bem uns quinhentos, alvos e escuros, grandes e pequenos, muito diferentes uns dos outros. Mas todos eram absolutamente calvos, tinham um olho preto e outro azul.

O viajante rondou por ali uns minutos, receoso de puxar conversa, pensando nos garotos que zombavam dele na rua. Foi-se chegando e sentou-se numa pedra, que se endireitou para recebê-lo. Um rapazinho aproximou-se, examinando-lhe, admirado, a roupa e os sapatos. Todos ali estavam descalços e cobertos de panos brancos, azuis, amarelos, verdes, roxos, cor das nuvens do céu e cor do fundo do mar, inteiramente iguais às teias que as aranhas vermelhas fabricavam.

— Eu queria saber se isto aqui é o país de Tatipirun, começou Raimundo.

— Naturalmente, respondeu o outro. Donde vem você?

Raimundo inventou um nome atrapalhado para a cidade dele, que ficou importante:

— Venho de Cambacará. Muito longe.

— Já ouvimos falar, declarou o rapaz. Fica além da serra, não é isto?

— É isso mesmo. Uma terra de gente feia, cabeluda, com os olhos duma cor só. Fiz boa viagem e tive algumas aventuras.

— Encontrou a Caralâmpia?

— É uma laranjeira?

— Que laranjeira! É menina.

— Como ele é bobo! gritaram todos rindo e dançando. Pensa que Caralâmpia é laranjeira.

Raimundo levantou-se trombudo e saiu à pressa, tão encabulado que não enxergou o rio. Ia caindo dentro dele, mas as duas margens se aproximaram, a água desapareceu, e o menino com um passo chegou ao outro lado, onde se

escondeu por detrás dum tronco. A terra se abriu de novo, a correnteza tornou a aparecer, fazendo um barulho grande.

— Por que é que você se esconde? perguntou o tronco baixinho. Está com medo?

— Não senhor. É que eles caçoaram de mim porque eu não conheço a Caralâmpia.

O tronco soltou uma risada e pilheriou:

— Deixe de tolice, criatura. Você se afogando em pouca água! As crianças estavam brincando. É uma gente boa.

— Sempre ouvi dizer isso. Mas debicaram comigo porque eu não conheço a Caralâmpia.

— Bobagem. Deixe de melindres.

— É mesmo, concordou Raimundo. Eu pensava nos moleques que faziam troça de mim, em Cambacará. O senhor está descansando, hem?

— É. Estou aposentado, já vivi demais.

Raimundo levantou-se:

— Bem, seu Tronco. Eu vou chegando.

— Espera aí. Um instante. Quero apresentá-lo à aranha vermelha, amiga velha que me visita sempre. Está aqui, vizinha. Este rapaz é nosso hóspede.

A aranha vermelha balançou-se no fio, espiando o menino por todos os lados. O fio se estirou até que o bichinho alcançou o chão. Raimundo fez um cumprimento.

— Boa tarde, d. Aranha. Como vai a senhora?

— Assim, assim, respondeu a visitante. Perdoe a curiosidade. Por que é que você põe esses troços em cima do corpo?

— Que troços? A roupa? Pois eu havia de andar nu, d. Aranha? A senhora não está vendo que é impossível?

— Não é isso, filho de Deus. Esses arreios que você usa são medonhos. Tenho ali umas túnicas no galho onde moro. Muito bonitas. Escolha uma.

Raimundo chegou-se à árvore próxima e examinou desconfiado uns vestidos

feitos daquele tecido que as aranhas vermelhas preparavam. Apalpou a fazenda, tentou rasgá-la, chegou-a ao rosto para ver se era transparente. Não era.

— Eu nem sei se poderei vestir isto, começou hesitando. Não acredito.

— Que é que você não acredita? perguntou a proprietária da alfaiataria.

— A senhora me desculpe, cochichou Raimundo. Não acredito que a gente possa vestir roupa de teia de aranha.

— Que teia de aranha! rosnou o tronco. Isso é seda e da boa. Aceite o presente da moça.

— Então muito obrigado, gaguejou o pirralho. Vou experimentar.

Escolheu uma túnica azul, escondeu-se no mato e, passados minutos, tornou a mostrar-se, vestido como os habitantes de Tatipirun. Descalçou-se e sentiu nos pés a frescura e a maciez da relva. Lá em cima os discos enormes das vitrolas giravam; as cigarras chiavam músicas em cima deles, músicas como ninguém ouviu; sombras redondas espalhavam-se no chão.

— Este lugar é ótimo, suspirou Raimundo. Mas acho que preciso voltar. Preciso estudar a minha lição de geografia.

Nisto ouviu uma algazarra e viu através dos ramos a população de Tatipirun correndo para ele:

— Cadê o menino que veio de Cambacará?

Eram milhares de criaturas miúdas, de cinco a dez anos, todas cobertas de teias de aranha, descalças, um olho preto e outro azul, as cabeças peladas nuas. Não havia pessoas grandes, naturalmente.

— Cadê o menino que veio de Cambacará?

— Que negócio têm comigo? resmungou o pequeno alarmado. Parece uma procissão.

— Parece um *meeting*, disse uma rã que pulou da beira do rio.

— Parece um teatro, cantou um pardal.

Raimundo pôs-se a rir:

— Que passarinho besta! Ele pensa que teatro é gente. Teatro é casa.

— Estou falando nos sujeitos que estão dentro do teatro, pipilou o pardal.

— Bem, isso é outra cantiga, concordou Raimundo.

— Cadê o menino que veio de Cambacará? gritava o povaréu.

— Essa tropa não sabe geografia, disse Raimundo. Cambacará não existe.

— E por que é que não existe? perguntou a rã.

— Não existe não, sinha Rã. Foi um nome que eu inventei.

— Pois faz de conta que existe, ensinou a bicha. Sempre existiu.

— A senhora tem certeza?

— Naturalmente.

— Então existe.

A rã fechou o olho preto, abriu o azul e foi descansar numa poça de água.

— Cadê o menino que veio de Cambacará?

— Estou aqui, pessoal, bradou Raimundo. Que é que há?

O rio se fechou de repente e a multidão passou por ele num instante. Depois as margens se afastaram, a água tornou a aparecer.

— Que rio interessante! exclamou Raimundo. Deve ter um maquinismo por dentro.

— Por que foi que você fugiu de nós? perguntou o rapazinho que tinha falado sobre a Caralâmpia.

— Espere aí. Eu já digo. Como é o seu nome?

— Pirenco.

— Que nome engraçado! Pirenco! Não há ninguém com esse nome.

— Eu sou Pirenco, replicou o outro.

— Pois sim. Não discutimos. Vamos ao caso do rio. Tem algum maquinismo por dentro?

— Não tem maquinismo nenhum, disse uma garota de túnica amarela. Todos os rios são assim.

— Claro! concordou Pirenco. Essa é a Talima.

— Prazer em conhecê-la, Talima. Você é bonita.

— E boa, interrompeu um menino sardento. Meio desparafusada, mas um coraçãozinho de açúcar. Aquela é a Sira.

— O tronco me falou em vocês todos. Como vai, Sira?

— Por que foi que você fugiu da gente? Raimundo ficou acanhado, as orelhas pegando fogo.

— Sei lá! Burrice. Julguei que estivessem troçando de mim. Eu não tinha obrigação de conhecer a Caralâmpia. Quem é a Caralâmpia?

— Onde andará ela? inquiriu o sardento.

— Sumiu-se, explicou Talima. Foi uma menina que virou princesa.

— Caso triste, gemeu uma criatura miúda, de dois palmos. Quando penso que pode ter acontecido alguma desgraça...

Talima baixou-se e consolou o anão:

— Cale a boca, nanico. Não há desgraça.

— Imaginem que ela encontrou o espinheiro-bravo e espetou os dedos.

— Encontrou nada!

— Pode ter crescido e ido morar em Cambacará.

— Não foi não, informou Raimundo. Não vi lá ninguém destas bandas. Como é a figura dela?

— É uma menina pálida, alta e magra.

— Princesa?

— É. Sempre teve jeito de princesa. Agora virou princesa e levou sumiço.

— Que infelicidade! choramigou o anão.

— Vamos procurar a Caralâmpia, convidou Talima. Deixe de choradeira, nanico.

— Já deixei, murmurou o anãozinho enxugando os olhos.

Saíram todos, gritando, pedindo informações a paus e bichos. O sardento ia devagar, distraído. Puxou Raimundo por um braço:

— Eu tenho um projeto.

— Estou receando que anoiteça, exclamou Raimundo. Se a noite pegar a gente aqui no campo... Era melhor entrar em casa e deixar a Caralâmpia para amanhã.

— O meu projeto é curioso, insistiu o sardento, mas parece que este povo

não me compreende.

— É sempre assim, disse Raimundo. Faltará muito para o sol se pôr?

O anãozinho bateu na perna dele:

— Nós nos esquecemos de perguntar como é que você se chama.

— Raimundo. Sou muito conhecido. Até os troncos, as laranjeiras e os automóveis me conhecem.

— Raimundo é um nome feio, atalhou Pirenco.

— Muda-se, opinou o anão.

— Em Cambacará, eu me chamava Raimundo. Era o meu nome.

— Isso não tem importância, decidiu Talima. Fica sendo Pirundo.

— Pirundo não quero.

— Então é Mundéu.

— Também não presta. Mundéu é uma geringonça de pegar bicho.

— Pois fica Raimundo mesmo.

— Está direito. Eu queria saber como a gente se arranja de noite.

— Que noite?

— A noite, a escuridão, isso que vem quando o sol se deita.

— Besteira! exclamou o anão. Uma pessoa taluda afirmando que o sol se deita! Quem já viu sol se deitar?

— Essa coisa que chega quando a terra vira, emendou Raimundo. A noite, percebem? Quando a terra vira para o outro lado.

— Ele vem cheio de fantasias, asseverou Talima. Escute, Fringo. Ele cuida que a terra vira.

Fringo, um menino preto, estirou o beiço e bocejou:

— Ilusões.

— Qual nada! Vira. Em Cambacará ninguém ignora isto. Vá lá e pergunte. Vira para um lado — tudo fica no claro, a gente, as árvores, as rãs, os pardais, os rios e as aranhas. Vira para o outro lado — e não se vê nada, é aquele pretume. Natural. Todos os dias se dá.

— É engano, interrompeu Fringo.

— Não há noite?

— Há o que você está vendo.

— Não escurece, o sol não muda de lugar.

— Nada disso.

— Está bom. Preciso consertar o meu estudo de geografia.

Continuaram a marcha, andaram muito, e nenhuma notícia da Caralâmpia. O sol permanecia no mesmo ponto, no meio do céu. Nem manhã nem tarde. Uma temperatura amena, invariável.

— Deve haver um maquinismo de relógio lá por cima, calculou Raimundo. Vão ver que ele perdeu a corda e parou.

— Quer ouvir o meu projeto? interrogou o sardento.

— Vamos lá, acedeu Raimundo. Mas antes me tire uma dúvida. Vocês não descansam nunca?

— Descansamos, explicou o outro. Quando a gente está fatigada, deita-se e fecha um olho.

— O olho preto ou o azul?

— Isso é conforme. Fecha-se um olho. O outro fica aberto, vendo tudo.

— Pois eu acho que está chegando a hora de voltar e descansar.

— Voltar para onde?

— Voltar para a beira do rio, entrar em casa, dormir.

— Não vale a pena. Se quer ver o rio, é tocar para a frente. O rio das Sete Cabeças faz muitas curvas. Adiante aparece uma delas. Aqui nós nunca voltamos. Vou contar o meu projeto.

— É bom. Conte. Mas andando à toa, sem destino, como é que vocês entram em casa?

— Entrar em coisa nenhuma! A gente se deita no chão.

— Macio, realmente. E as casas?

— Não entendo.

— Pois vou chamar o Pirenco. Venha cá, seu Pirenco. Onde estão as casas?

Talima encolheu os ombros:

— Ele veio de Cambacará cheio de ideias extravagantes.

— Perguntas insuportáveis, acrescentou Sira.

Raimundo observou os quatro cantos, não viu nenhuma construção.

— Está bem, não teimamos. Vocês dormem no mato, como bichos.

— Descansamos à sombra dessas rodas que giram, disse Fringo.

— Debaixo dos discos de vitrolas. Sim senhor, bonitas casas. E quando chove?

— Quando chove?

— Sim. Quando vem a água lá de cima, vocês não se ensopam?

— Não acontece isso.

Raimundo abriu a boca e deu uma pancada na testa:

— Que lugar! Não faz calor nem frio, não há noite, não chove, os paus conversam. Isto é um fim de mundo.

— Quer ouvir o meu projeto? segredou o menino sardento.

— Ah! sim. Ia-me esquecendo. Acabe depressa.

— Eu vou principiar. Olhe a minha cara. Está cheia de manchas, não está?

— Para dizer a verdade, está.

— É feia demais assim?

— Não é muito bonita não.

— Também acho. Nem feia nem bonita.

— Vá lá. Nem feia nem bonita. É uma cara.

— É. Uma cara assim assim. Tenho visto nas poças de água. O meu projeto é este: podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto. Não ficava bom?

— Para quê?

— Ficava mais certo, ficava tudo igual.

Raimundo parou sob um disco de vitrola, recordou os garotos que mangavam dele.

A cigarra lá de cima interrompeu a cantiga, estirou a cabecinha. Era uma cigarra gorda e tinha um olho preto, outro azul.

— Qual é a sua opinião? perguntou o sardento.

Raimundo hesitou um minuto:

— Não sei não. Eles bolem com você por causa de sua cara pintada?

— Não bolem. São muito boas pessoas. Mas se tivessem manchas no rosto, seriam melhores.

A aranha vermelha deu um balanço no fio e chegou ao disco da vitrola:

— Que história é aquela?

— Palavreado à toa, explicou a dona da casa.

— À toa nada! bradou o sardento. Cigarra e aranha não têm voto. Cada macaco no seu galho. Isto é assunto que interessa exclusivamente aos meninos.

— Eu aqui represento a indústria de tecidos, replicou a aranha arregalando o olho preto e cerrando o azul.

— E eu sou artista, acrescentou a cigarra. Palavreado à toa.

Raimundo esfregou as mãos, constrangido, olhou os discos e as teias coloridas que se agitavam.

— Parece que elas têm direito de opinar. São importantes, são umas bichonas.

— Direito de dizer besteiras! resmungou o sardento.

— Não senhor. A cigarra tem razão. Palavreado à toa.

— Então você acha o meu projeto ruim?

— Para falar com franqueza, eu acho. Não presta não. Como é que você vai pintar esses meninos todos?

— Ficava mais certo.

— Ficava nada! Eles não deixam.

— Era bom que fosse tudo igual.

— Não senhor, que a gente não é rapadura. Eles não gostam de você? Gostam. Não gostam do anão, de Fringo? Está aí. Em Cambacará não é assim: aborrecem-me por causa da minha cabeça pelada e dos meus olhos. Tinha graça que o anão quisesse reduzir os outros ao tamanho dele. Como havia de ser?

— Eu sei lá! rosnou o sardento amuado. O caso do anão é diferente. Parece que ninguém me entende. Vamos procurar os outros?

Deixaram a artista e a representante da indústria dos tecidos, andaram cinquenta passos e foram encontrar os meninos brincando na grama verde, fazendo um barulho desesperado.

— Isto é agradável, murmurou Raimundo. Tudo alegre, cheio de saúde... A propósito, ninguém adoece em Tatipirun, não é verdade?

— Adoece como?

— Julgo que vocês não vão ao dentista, não sentem dor de barriga, não têm sarampo.

— Nada disso.

— Não envelhecem. São sempre meninos.

— Decerto.

— Eu já presumia. Pois é, meu caro. Boa terra. Mas se todos fossem como o anãozinho e tivessem sardas, a vida seria enjoada.

O sardento pigarreou:

— É difícil a gente se entender.

As crianças dançavam e cantavam, enfeitadas de flores, agitando palmas.

— Viva a princesa Caralâmpia! gritavam. Viva a princesa Caralâmpia, que levou sumiço e apareceu de repente.

Caralâmpia estava no meio do bando, vestida numa túnica azulada cor das nuvens do céu, coroada de rosas, um broche de vaga-lume no peito, pulseiras de cobras de coral.

— Credo em cruz! gemeu Raimundo assombrado. Tire essa bicharia de cima do corpo, menina. Isso morde.

O vaga-lume tremelicou, brilhante de indignação:

— É comigo?

— Não senhor, é conosco, informaram as cobras. Aquilo é um selvagem. Na terra dele as coisas vivas mordem.

— Viva a Caralâmpia! repetia a multidão. Viva a princesa Caralâmpia!

— Onde já se viu cobra servir de enfeite? suspirava Raimundo. Que despropósito!

— Deixe disso, criatura, aconselhou Fringo, o menino preto. Você se espanta de tudo. Venha falar com a Caralâmpia.

— Eu sei lá falar com princesa! exclamou Raimundo encabulado.

— Ela é princesa de mentira, explicou Talima. É princesa porque tem jeito de princesa. Veja, Caralâmpia. Este é o Pirundo, que veio de Cambacará.

— Pirundo não. Ficou estabelecido que eu me chamo Raimundo mesmo.

— É, ficou estabelecido que ele se chama Raimundo mesmo.

— Aproxime-se, convidou Caralâmpia.

O hóspede chegou-se a ela, desconfiado, espiando as cobrinhas com o rabo do olho. Curvou-se num salamaleque exagerado:

— Como vai vossa princesência?

— Princesência é tolice, declarou Pirenco.

— Tolice é amarrar cobras nos braços, replicou Raimundo. Onde já se viu semelhante disparate?

— Acabem com isso, ordenou Caralâmpia. Vamos deixar de encrenca. Por que é que não pode haver princesência? Isso é uma arenga besta, Pirenco.

Raimundo bateu palmas:

— Apoiado. Se há excelência, há princesência também. Está certo.

— Claro! concordou Talima. Se há Raimundo e Pirenco, há Pirundo também. Pirundo está certo.

— Não senhora. Pirundo está errado.

— Pois está, concedeu Talima.

— Está mesmo. Para que dizer que não está? triunfou Raimundo. Então você é princesa, hem? Como foi que você virou princesa?

— Virando, respondeu Caralâmpia. A gente vira e desvira.

— Logo vi, murmurou Raimundo. Pois é. Uma terra muito bonita a sua, princesa Caralâmpia. Estou com vontade de me mudar para aqui. Se eu vier, trago o meu gato. É um gato engraçado, diferente de vocês, com dois olhos verdes. E medroso, tem medo de rato.

— Como é que ele se chama? perguntou a princesa.

— Não tem nome não. Mas eu vou botar um nome nele.

— Bote Pirundo, sugeriu Talima.

— Boto nada! Vou procurar um nome bonito na geografia. A propósito, aquele rio que fecha é mesmo o rio das Sete Cabeças?

— Sem dúvida, informou Sira.

— Por que é que ele se chama rio das Sete Cabeças?

— Porque se chama. Sempre se chamou assim.

— Muito obrigado. Eu podia botar esse nome no meu gato. Mas ele só tem uma cabeça.

— Bobagem! exclamou Pirenco. Gato das Sete Cabeças! Quem já viu isso? Bote Tatipirun.

— Tatipirun é bonito, murmurou a princesa.

— Pois fica sendo Tatipirun. Quando eu vier, trago Tatipirun. Ele vai estranhar e miar no princípio, depois se acostuma. Vamos brincar de bandido?

— Aqui ninguém conhece esse brinquedo não, respondeu Sira. Vamos correr, saltar, dançar.

— Isso é cacete.

— Pois vamos fazer o anão virar príncipe.

— Não dou para isso não, protestou o anãozinho. É melhor conversar com os bichos. Vamos procurar um bicho que saiba histórias compridas e bonitas.

Partiram. Caminharam bem meia légua e encontraram uma guariba cabeluda que andava com as juntas perras, escorada num cajado, óculos no focinho, a cabeça pesada balançando. Raimundo avizinhou-se dela, curioso:

— Como é, sinha Guariba? A senhora, com essa cara, deve conhecer história antiga. Espiche uns casos da sua mocidade.

— Eu não tive isso não, meu filho. Sempre fui assim.

— Assim coroca e reumática? estranhou Raimundo.

— Assim como vocês estão vendo.

— Foi nada! A senhora antigamente era aprumada e vistosa. Sapeque aí umas guerras do Carlos Magno.

— Eu sei lá! Estou esquecida. Sou uma guariba paleolítica.

— Paleo quê?

— Lítica.

A princesa Caralâmpia arrepiou-se:

— Que barbaridade! Ela está maluca.

— Não está não, atalhou Raimundo. Meu tio diz essas trapalhadas. É um homem que estudou muito, andou na arca de Noé e tem óculos. Direitinho a guariba. É do tempo dela e usa palavrões difíceis.

— Traga também esse quando se mudar para aqui, lembrou Talima.

— Ele não vem não. E não vale a pena. É um sujeito ranzinza e paleo como?

— Lítico, respondeu a guariba.

— Isso mesmo. Não vem não. Ele se enjoa de meninos, só gosta de livros. Um tipo sabido como nunca se viu.

— Não serve, decidiu Talima. Tem a palavra, sinha Guariba. Conte uma história.

— Eu conto, balbuciou o bicho acocorando-se. Foi um dia um menino que ficou pequeno, pequeno, até virar passarinho. Ficou mais pequeno e virou aranha. Depois virou mosquito e saiu voando, voando, voando, voando...

— E depois? perguntou Sira.

A guariba velha balançava a cabeça tremendo e repetia:

— Voando, voando, voando...

Fringo impacientou-se:

— Que amolação! Ela pegou no sono.

Tinha pegado mesmo. E falava dormindo, numa gemedeira:

— Voando, voando, voando...

— Vamos embora, pessoal, convidou Sira. Ela não acaba hoje.

O bicho começou a chorar:

— Sou uma guariba paleo...

— Já sabemos, interrompeu Caralâmpia. Toca para a frente, povo. Que significará aquele nome encrencado?

— Vou perguntar a meu tio, prometeu Raimundo. Quando eu voltar aqui, explico a vocês.

A guariba paleolítica ficou tiritando, acocorada, a gemer.

— Dorminhoca! rosnou Sira. Que teria acontecido ao menino que virou mosquito?

— Parece que tornou a virar menino, disse Fringo.

— Não dá certo, gritou o anãozinho. É melhor continuar mosquito.

— Vamos consultar a guariba?

— Não convém, interveio a princesa Caralâmpia. Ela perdeu a bola. Voando, voando... Nunca vi animal tão idiota.

— Não senhora, protestou Raimundo. É um bicho sabido. Meu tio é aquilo mesmo, sabido que faz medo. Mas não fala direito. Resmunga. E engancha-se nas perguntas mais fáceis. A gente quer saber uma coisa, e ele se sai com umas compridezas, que dão sono. Vai resmungando, resmungando, e muda no fim, acaba dizendo exatamente o contrário do que disse no princípio.

— Isso é insuportável, bradou Pirenco. Não tolero conversa fiada, panos mornos.

— Nem eu, concordou Talima. Pão pão, queijo queijo.

— Preciso voltar e estudar a minha lição de geografia, suspirou Raimundo.

— Demore um pouco, pediu Talima. Vamos ouvir a Caralâmpia. Por onde andou você quando esteve perdida, Caralâmpia?

A Caralâmpia começou uma história sem pé nem cabeça:

— Andei numa terra diferente das outras, uma terra onde as árvores crescem com as folhas para baixo e as raízes para cima. As aranhas são do tamanho de gente, e as pessoas do tamanho das aranhas.

— Quem manda lá? São as aranhas ou a gente? perguntou Raimundo.

— Não me interrompa, respondeu a Caralâmpia. Os guris que eu vi têm duas cabeças, cada uma com quatro olhos, dois na frente e dois atrás.

— Que feiura! exclamou Pirenco.

— Não senhor, são muito bonitos. Têm uma boca no peito, cinco braços e

uma perna só.

— É impossível, atalhou Fringo. Assim eles não caminham. Só se for com muleta.

— Que ignorância! tornou Caralâmpia. Caminham perfeitamente sem muleta, caminham assim, olhe, assim.

Pôs-se a saltar num pé.

— Para que duas pernas? A gente podia viver muito bem com uma perna só.

Tentaram andar com um pé, mas cansaram logo e sentaram-se na grama.

— Preciso voltar, murmurou Raimundo.

O anãozinho chegou-se a ele e soprou-lhe ao ouvido:

— Tudo aquilo é mentira. Esta Caralâmpia mente!...

Sira agastou-se:

— Mente nada! Por que é que não existem pessoas diferentes de nós? Se há criaturas com duas pernas e uma cabeça, pode haver outras com duas cabeças e uma perna. Este anão é burro.

— Estão bulindo comigo, choramigou o anãozinho. Bolem comigo porque eu sou miúdo.

A princesa Caralâmpia puxou-o por um braço, deitou-o ao colo e embalou-o:

— Não chore, nanico. Na terra que eu visitei ninguém chora, apesar de todos terem oito olhos, quatro azuis e quatro pretos. As árvores têm as raízes para cima, as folhas para baixo e dão frutos no chão. Os frutos são enormes, as pessoas são como as aranhas.

— Onde fica essa terra, Caralâmpia? perguntou o sardento.

— Muito longe, no fim do mundo, respondeu a princesa. A gente chega lá voando.

— Como o mosquito da guariba, interrompeu o anão. Desconfio disso. Gente não voa.

— Ora não voa! exclamou Raimundo. Em Cambacará os homens voam.

— Voam de verdade ou de mentira? inquiriu Talima.

— Voam de verdade. Antigamente não voavam, mas hoje andam pelas

nuvens em aeroplanos, uns troços de metal que fazem zum... Certamente a Caralâmpia viajou num deles.

— Não foi não, disse Caralâmpia. Entrei num automóvel.

— Os automóveis aqui andam pelos ares, eu sei, confirmou Raimundo.

— Pois é. Entrei, mexi numa alavanca, o automóvel subiu, subiu, passou a lua, o sol e as estrelas.

— E chegou à terra dos meninos duma perna só, grunhiu o anãozinho. Não creio.

— Coitado, murmurou Talima. Esse anão é um infeliz. Não faça caso, Pirundo.

— A senhora me troca sempre o nome. Eu já lhe disse um milhão de vezes que me chamo Raimundo.

— Isso mesmo. Fique com a gente. Aqui é tão bom...

— Não posso, gemeu Raimundo. Eu queria ficar com vocês, mas preciso estudar a minha lição de geografia.

— É necessário?

— Sei lá! Dizem que é necessário. Parece que é necessário. Enfim... Não sei.

Aí Raimundo entristeceu e enxugou os olhos:

— É uma obrigação. Vou-me embora. Vou com muita saudade, mas vou. Tenho saudade de vocês todos, as pessoas melhores que já encontrei. Vou-me embora.

— Volte para viver conosco, pediu Caralâmpia.

— É, pode ser. Se acertar o caminho, eu volto. E trago o meu gato para vocês verem. Não deixe de ser princesa não, Caralâmpia. Você fica bonita vestida de princesa. Quando eu estiver na minha terra, hei de me lembrar da princesa Caralâmpia, que tem um broche de vaga-lume e pulseiras de cobras de coral. E direi aos outros meninos que em Tatipirun as cobras não mordem e servem para enfeitar os braços das princesas. Vão pensar que é mentira, zombarão dos meus olhos e da minha cabeça pelada. Eu então ensinarei a todos o caminho de Tatipirun, direi que aqui as ladeiras se abaixam e os rios se fecham para a gente

passar.

Raimundo afastou-se lento e procurou orientar-se. Os outros o seguiram de longe, calados. Andaram até o rio. Lá estavam à margem, perto do tronco, os sapatos e a roupa. O garoto escondeu-se no mato, vestiu-se de novo, tornou a pendurar no ramo a túnica azul que a aranha lhe tinha dado.

— Devolução? perguntou o bichinho.

— É, d. Aranha. Muito obrigado, não preciso mais dela.

— Quer dizer que volta para Cambacará, não é? coaxou a rã na beira da poça.

— Volto, sim senhora. Volto com pena, mas volto.

— Faz tolice, exclamou o tronco. Onde vai achar companheiros como esses que há por aí?

— Não acho não, seu Tronco. Sei perfeitamente que não acho. Mas tenho obrigações, entende? Preciso estudar a minha lição de geografia. Adeus.

Atravessou o rio com um passo. As crianças peladas foram encontrá-lo. Caminharam algum tempo e chegaram à serra de Taquaritu. Aí Raimundo se despediu.

— Adeus, meus amigos. Lembrem-se de mim uma ou outra vez, quando não tiverem brinquedos, quando ouvirem as conversas das cigarras com as aranhas. Fiquei gostando muito delas, fiquei gostando de vocês todos. Talvez eu não volte. Vou ensinar o caminho aos outros, falarei em tudo isto, na serra de Taquaritu, no rio das Sete Cabeças, nas laranjeiras, nos troncos, nas rãs, nos pardais e na guariba velha, pobrezinha, que não se lembra das coisas e fica repetindo um pedaço de história. Quero bem a vocês. Vou ensinar o caminho de Tatipirun aos meninos da minha terra, mas talvez eu mesmo me perca e não acerte mais o caminho. Não tornarei a ver a serra que se baixa, o rio que se fecha para a gente passar, as árvores que oferecem frutos aos meninos, as aranhas vermelhas que tecem essas túnicas bonitas. Não voltarei. Mas pensarei em vocês todos, no Pirenco e no Fringo, no anãozinho e no sardento, na Sira, na Talima, na Caralâmpia. Você me troca sempre o nome, Talima. E eu quero bem a você, ando

até com vontade de virar Pirundo, para não teimarmos se ainda nos virmos. Lembre-se do Pirundo, Talima. Longe daqui, fecharei os olhos e verei a coroa de rosas na cabeça de Caralâmpia, o broche de vaga-lume, as pulseiras de cobras de coral. Adeus, meus amigos. Que fim terá levado o menino da guariba? Quando um mosquito zumbir perto de mim, pensarei nele. Pode ser que esteja zumbindo o menino que a guariba deixou voando. Pobre da guariba. Está balançando a cabeça, falando só, e não acorda. Eu volto um dia, venho conversar com ela, ouvir o resto da história do menino que virou mosquito. E hei de encontrar a Caralâmpia com as mesmas rosas na cabeça, o vaga-lume aceso no peito, as cobras de coral nos braços. Vou prestar atenção ao caminho para não me perder quando voltar. E trago uns meninos comigo. Os meninos melhores que eu conhecer virão comigo. Se eles não quiserem vir, trago o meu gato, que é manso e há de gostar de vocês. Adeus, seu Fringo. Adeus, seu Pirenco. Sira, Caralâmpia, todos, adeus. Não é preciso que me acompanhem. Muito obrigado, não se incomodem. Eu acerto o caminho. Adeus, lembre-se do Pirundo, Talima.

Raimundo começou a descer a serra de Taquaritu. A ladeira se aplanava. E quando ele passava, tornava a inclinar-se. Caminhou muito, olhou para trás e não enxergou os meninos que tinham ficado lá em cima. Ia tão distraído, com tanta pena, que não viu a laranjeira no meio da estrada. A laranjeira se afastou, deixou a passagem livre e guardou silêncio para não interromper os pensamentos dele.

Agora Raimundo estava no morro conhecido, perto da casa. Foi-se chegando, muito devagar. Atravessou o quintal, atravessou o jardim e pisou na calçada.

As cigarras chiavam entre as folhas das árvores. E as crianças que embirravam com ele brincavam na rua.

Pequena história da República

As coisas

Em 1889 o Brasil se diferençava muito do que é hoje: não possuíamos Cinelândia nem arranha-céus; os bondes eram puxados por burros e ninguém rodava em automóvel; o rádio não anunciava o encontro do Flamengo com o Vasco, porque nos faltavam rádio, Vasco e Flamengo; na Estrada de Ferro Central do Brasil morria pouca gente, pois os homens, escassos, viajavam com moderação; existia o morro do Castelo, e Rio Branco não era uma avenida — era um barão, filho de visconde. O visconde tinha sido ministro e o barão foi ministro depois. Se eles não se chamassem Rio Branco, a avenida teria outro nome.

As pessoas não voavam, pelo menos no sentido exato deste verbo. Figuradamente, sujeitos sabidos, como em todas as épocas e em todos os lugares, voavam em cima dos bens dos outros, é claro; mas positivamente, a mil metros de altura, o voo era impossível, que Santos Dumont, um mineiro terrível, não tinha fabricado ainda o primeiro aeroplano, avô dos que por aí zumbem no ar.

O Amazonas, a cachoeira de Paulo Afonso e as florestas de Mato Grosso

comportavam-se como hoje. Mas as estradas de ferro eram curtas, e quase se desconheciam estradas de rodagem, porque havia carência de rodas. Nos sítios percorridos atualmente pelo caminhão deslocava-se o carro de bois, pesado e vagaroso.

Pouco luxo nas capitais, necessidades reduzidas no campo. As cidadezinhas do interior, mediocremente povoadas, ignoravam a iluminação elétrica e o bar.

Os jornais tinham quatro páginas (duas de anúncios), e as notícias circulavam com lentidão.

O café não havia constituído a glória e a fortuna de S. Paulo; no nordeste e no estado do Rio espalhavam-se os modestos banguês, que a usina venceu; em Minas consumia-se manteiga francesa; no Rio Grande do Sul vestia-se casimira inglesa. Os indivíduos bem situados envergonhavam-se de usar o produto nacional.

As nossas máquinas eram singelas. Em certos lugares tínhamos a bolandeira, uma espécie de máquina de pau.

Os homens

Os homens maduros de hoje eram meninos. O sr. Getúlio Vargas, no sul, montava em cabos de vassoura; o sr. Ministro da Guerra comandava soldados de chumbo; o sr. Ministro da Educação vivia longe da escola, porque ainda não existia.

Nesse tempo o chefe do governo, o sr. d. Pedro II, Imperador, dispunha de longas barbas brancas respeitáveis e nas horas de ócio estudava hebraico, língua difícil, inútil à administração e à política. Todos os homens notáveis e idosos eram barbudos, conforme se vê em qualquer história do Brasil de perguntas e respostas. José de Alencar, romancista enorme, tinha tido barbas enormes, perfeitamente iguais às do Imperador — e chegara a ministro.

Em geral essas personagens se filiavam num dos dois grandes partidos que

aqui brigavam: o liberal e o conservador. Um deles dirigia os negócios públicos. O outro, na oposição, dizia cobras e lagartos dos governantes, até que estes se comprometiam e S. M. os derrubava e substituía pelos descontentes, que eram depois substituídos. Os programas dessas facções divergiam, é claro, mas na prática elas se assemelhavam bastante.

E como apenas duas se revezavam no poder, facilmente se tornavam conhecidas e não inspiravam confiança.

Na verdade só os cidadãos importantes, pais e avós dos cidadãos importantes de hoje e de outros que não são importantes, se alistavam convictos nesses partidos. As criaturas vulgares permaneciam indiferentes ou iam para onde as empurravam.

Várias pessoas não iam. E desejando uma transformação completa, uma revolução que deitasse por terra conservadores e liberais, o Imperador e sua família, formavam grupos que manifestavam largas esperanças em jornais, em *meetings*, na cátedra. Sussurros vagos a princípio, depois a propaganda se desenvolveu um pouco.

S. M. o sr. d. Pedro II, que tinha subido bem jovem ao trono e lá se conservara quase meio século, naturalmente se julgava seguro. Mas os cinquenta anos, que lhe tinham dado essa impressão de estabilidade e firmeza, pareciam muito longos ao público.

Em geral não reparamos nos trabalhos que o governo executa, mas vemos perfeitamente os que ele deixa de realizar.

Homens novos semeavam ideias novas e abundantes promessas. A multidão bocejava. Não lhe seria desagradável experimentar mudanças.

Os antigos senhores

No fim do século passado a maior parte da riqueza estava nas mãos dos proprietários rurais. E a cultura da terra fora, durante séculos, feita por escravos.

Os colonos europeus, que enriqueceram algumas regiões do país, eram ainda pouco numerosos.

Em 1888, depois duma intensa campanha abolicionista, a libertação veio. Os proprietários se acharam pobres de repente — e a produção se desorganizou.

Na verdade o preto representava força de trabalho e capital. Enquanto podia arrastar a enxada, no eito, esfalfava-se, largava o couro na unha do feitor. Velho e estazado, acabava-se lentamente num canto de senzala, mas ainda assim tinha valor. Valor modesto, constituído pela recordação de serviços prestados, por conselhos que a velhice prudente oferece à mocidade imprudente, por histórias de Trancoso narradas às crianças. Enfim o negro valia, até morrer, algumas centenas de mil-réis. Isso desaparecera em 1885, com a alforria dos escravos sexagenários. Prejuízo pequeno. Já em setembro de 1871 uma lei ferira de morte a instituição milenária libertando os filhos de mulher escrava. Uma desgraça para os senhores, evidentemente, mas desgraça a prazo. Restava a esperança de cada um liquidar os seus negócios com vagar, adaptar-se a uma nova ordem econômica, procurar algum comprador ingênuo e transformar em mercadoria o capital humano que se depreciava.

Não houve tempo. A liberdade chegou de supetão. E várias pessoas despertaram ricas em 13 de maio de 1888 e adormeceram arruinadas. O mais provável é não terem adormecido. Muita aflição, muito choro e cabelos arrancados. O chicote do feitor ia descansar. Os engenhos do nordeste ficariam de fogo morto.

A família imperial perdeu nesse dia amizades seguras. E se não as houvesse perdido, pouca utilidade elas teriam daí em diante: seriam amizades de pobre, amizades incômodas.

Os antigos escravos

A abolição trouxe, é claro, um grande assanhamento nas senzalas. Os negros

dançaram, cantaram, praticaram excessos, depois saíram sem destino, meio doidos. Não precisavam esconder-se: podiam andar pelos caminhos sem a ameaça do capitão de mato e castigo no tronco.

Muitos, porém, se deixaram ficar nas cozinhas das casas-grandes. A negra velha, antiga mucama de iaiá e ama de leite dos filhos de iaiá, não pôde afastar-se. Até então recebera ordens e obedecera, às vezes resmungando e estirando o beiço, mas obedecera, porque se tinha habituado a ouvir gritos, e Deus Nosso Senhor, com os seus poderes, dividira as criaturas em senhores e escravos.

Esse hábito se quebrara de chofre; evidentemente Nosso Senhor não fora consultado nisso. No fim de maio a preta velha aguentou mal a irritação dos patrões. Sinhá-moça exigiu qualquer coisa, impaciente, batendo o pé, e a negra teve um rompante:

— Cativeiro já se acabou, sinhá. Agora é tão bom como tão bom.

Arrumou a trouxa e ganhou o mundo. Depois voltou, arrependida, mas achou mudanças: os brancos arriados, murchos, bambos; as plantações murchas, bambas, arriadas; a fazenda quase deserta. A autoridade soberba do patriarca encolhera. Tudo encolhera — e nesse encolhimento, nessa conformação, os ombros caíam resignados, os braços moles se cruzavam, os olhos espiavam no fogo as panelas escassas. Pobreza, devastação, indícios de miséria. Desalento, rugas e cabelos grisalhos.

A negra velha se retirou definitivamente, o coração grosso e o estômago roído. Entre os numerosos filhos dela, tipos de várias cores, havia na verdade um alvacento que se casou com moça branca e gerou um sarará que se fez doutor e ganhou dinheiro. Mas isso foi muito mais tarde. Naquele momento a preta velha se achou pequena e sozinha, triste. Acoitou-se num mocambo e morreu de fome.

— Tão bom como tão bom.

A alegria tumultuosa dos negros foi substituída por uma vaga inquietação. Escravos, tinham a certeza de que não lhes faltaria um pedaço de bacalhau, uma esteira na senzala e a roupa de baeta com que se vestiam; livres, necessitavam prover-se dessas coisas — e não se achavam aptos para obtê-las.

A gratidão dos negros a d. Isabel, a princesa que lhes deu a alforria, esfriou bastante, passadas as manifestações excessivas de maio de 88.

Os padres

Os padres não viviam satisfeitos. O registro dos indivíduos que se arrumavam fora do catolicismo, ameaças de casamento civil, a secularização dos cemitérios haviam irritado fortemente o clero, que responsabilizava a maçonaria por esses horrores.

Entretanto, numerosos sacerdotes eram maçons. Em 1872, o bispo do Rio de Janeiro, d. Pedro Maria de Lacerda, tirou a batina do padre Almeida Martins, que fizera um discurso em honra do visconde do Rio Branco, grão-mestre do Grande Oriente do Brasil e presidente do conselho. O episcopado brasileiro moveu-se. Em Pernambuco, frei Vital de Oliveira, bispo de Olinda, tentou afastar os maçons das irmandades religiosas; a questão chegou ao ministério e a Roma, onde o barão de Penedo se entendeu com o cardeal Antonelli. Desse conflito resultou a prisão de dois bispos: d. Antônio de Macedo Costa, do Pará, e o mencionado frei Vital de Oliveira.

Magoou-se profundamente a parte conservadora do clero, que viu e ouviu com indiferença os ataques à monarquia.

Desde o tempo da colônia muitos padres eram francamente revolucionários. No movimento de 1817 havia trinta e dois eclesiásticos.

Os militares

Depois da Guerra do Paraguai os militares tomaram uma grande importância, tão grande que os chefes civis acharam prudente meter nos conselhos da coroa heróis que se haviam coberto de glória no sul, como Caxias e Osório. O primeiro chegou a duque, título que nenhum outro alcançou; o segundo foi marquês,

honra menor, mas ainda assim muito grande.

Desaparecidas essas figuras notáveis, foi difícil conter certas manifestações de azedume das classes armadas, que alguns anos de contacto com o caudilhismo sul-americano tinham disposto contra a monarquia.

Em 1883 o tenente-coronel Senna Madureira, desobedecendo ao Ministro da Guerra, discutiu pelos jornais um projeto de lei; repreenderam-no e tiraram-lhe o comando. Em 1885 censuraram e prenderam o coronel Cunha Mattos, que havia ofendido pela imprensa um deputado. Novas questões surgiram, e solidarizaram-se com Senna Madureira e Cunha Mattos, o marechal Deodoro da Fonseca e o general visconde de Pelotas.

Em 1887 os militares se achavam profundamente irritados. E Deodoro e Pelotas publicaram um manifesto que teve a adesão das guarnições das províncias. Pelotas, general e senador, disse no Senado: “Não sabemos o que poderá acontecer amanhã, apesar de o nobre presidente do conselho confiar na força armada que terá à sua disposição. Tais serão as circunstâncias que bem possível é que ela lhe falte.” Realmente faltou, dois anos e meio depois.

A propaganda

A ideia de república já se tinha aqui divulgado no tempo da colônia: com Bernardo Vieira de Melo (1711) em Pernambuco, com Felipe dos Santos (1720) em Minas, com os inconfidentes mineiros (1789). Na primeira metade do século XIX várias sublevações apareceram: a Confederação do Equador (1824) no Nordeste, a República de Piratini (1835-1845) no Rio Grande do Sul, a Sabinada (1837) na Bahia, a Balaiada (1841) no Maranhão, a Revolução Praieira (1848) em Pernambuco.

Na segunda metade do século houve alguns anos de calma. E foi depois da Guerra do Paraguai, quando começou a lavrar descontentamento no Exército, que entramos de novo a torcer pela república. Em 1870 publicou-se no Rio um

manifesto assinado por Saldanha Marinho, Aristides Lobo, Cristiano Benedito Ottoni, Rangel Pestana, Salvador de Mendonça, Lopes Trovão, etc., e em 1873 João Tibiriçá presidiu, em S. Paulo, a Convenção Republicana do Itu.

Em junho de 1889 o visconde de Ouro Preto expôs um programa liberal com que tencionava reprimir o movimento.

— É o começo da república, declarou um deputado.

— É a inutilização da república, respondeu o presidente do conselho.

Engano. Ela veio cinco meses depois, mas o povo recebeu-a friamente. Foi o que disse Aristides Lobo.

A conspiração

Em meado de outubro de 1889 o capitão Menna Barreto e o tenente Sebastião Bandeira conseguiram entender-se com o marechal Deodoro da Fonseca, homem de enorme prestígio, tão respeitado que o visconde de Cotejipe, sujeito hábil demais, pretendera mantê-lo na política e fazer dele um novo Caxias.

Em 1889 Deodoro se achava desgostoso com o ministério, que, na opinião dos militares, queria diminuir o Exército, criando a guarda cívica, fortalecendo a polícia da corte e a guarda nacional.

No fim de outubro era forte a agitação nos quartéis, onde os principais conspiradores, alguns de posto bem modesto, não descansavam: capitães Menna Barreto, Manuel Joaquim Godolfim e José Pedro de Oliveira Galvão, tenente Sebastião Bandeira, alferes Joaquim Inácio, sargentos Agrícola Bethlem, Arnaldo Pinheiro, Raimundo Gonçalves de Abreu e João Batista Xavier.

A 22, por ocasião da visita que os oficiais do couraçado chileno *Almirante Cochrane* fizera à Escola Militar, o tenente-coronel Benjamin Constant, na presença do Ministro da Guerra, pronunciou um discurso atacando o governo.

No começo de novembro o número dos conspiradores havia crescido muito. O barulho ia rebentar no dia 16. Mas o major Solon Ribeiro espalhou no largo de

S. Francisco um boato que precipitou os acontecimentos.

Várias vezes o Ministro da Guerra, visconde de Maracaju, intrigado com as notícias de turbulência, falara ao ajudante-general Floriano Peixoto que o tranquilizara. Tudo ia bem. Mas a 14, interrogado pelo ministro, Floriano mudou:

— Estamos sobre um vulcão.

15 de Novembro

No dia 15 de novembro pela manhã, o ministério estava reunido no Quartel-General do Exército, que era no Campo de Santana, hoje praça da República, sob a guarda de uns dois mil homens comandados pelo brigadeiro Almeida Barreto.

O marechal Deodoro, à frente de forças rebeldes, partiu de S. Cristóvão, retardou-se um pouco na praça 11 de Junho, mandou colher informações, em seguida, se pôs novamente em marcha e, pela rua Visconde de Itaúna, entrou no largo, onde policiais e marinheiros o aclamaram.

Não matem o barão

Nesse ponto a carruagem do Ministro da Marinha, barão de Ladário, surgiu na praça.

— É o Ladário, disse Deodoro a um tenente. Vá prendê-lo.

O ministro, porém, não quis ser preso e recebeu a intimação atirando no oficial. Felizmente a arma negou fogo. Um instante depois houve muita bala. E Ladário, bastante ferido, recuou, tentou recolher-se a um armazém próximo. Como as portas se fecharam, caiu na calçada. Iam acabá-lo a coronha de fuzil quando o marechal correu e o salvou:

— Soldados, não matem o barão.

Se essa frase não fosse dita, a proclamação da república teria custado uma

vida.

Está preso, está solto, está preso de novo

Em seguida o marechal Deodoro conversou com o brigadeiro Almeida Barreto, com o tenente-coronel Silva Telles, com o ajudante-general Floriano Peixoto, entrou no pátio, retirou a tropa do governo e mandou dizer ao ministério que se fosse embora. O presidente do conselho tentou fazer que Barreto e Floriano atacassem os revoltosos. Nada conseguindo, telegrafou, narrando os fatos ao Imperador, que se achava em Petrópolis.

Pouco depois Deodoro entrou na sala onde estavam os ministros, censurou com energia o visconde de Ouro Preto, afirmou que ele não tinha patriotismo e perseguia o Exército. Prendeu-o. A pedido de Floriano, soltou-o. Mas no mesmo dia tornou a prendê-lo. O presidente do conselho foi recolhido ao quartel do 1º Regimento de Cavalaria, em S. Cristóvão, e mais tarde remetido para a Europa.

Não sou negro fugido

Deposto o ministério, Deodoro andou na cidade, obteve adesões e no arsenal de Marinha foi bem recebido pelo chefe de divisão Eduardo Wandenkolk e pelo barão de Santa Marta, ajudante-general da armada.

Na câmara municipal José do Patrocínio fez um discurso.

D. Pedro II veio de Petrópolis e tentou organizar um novo ministério, o que não foi possível. No dia 16 S. M. recebeu uma dolorosa mensagem: nela o marechal Deodoro, em nome do governo provisório, lhe pedia o sacrifício de, com a sua família, no prazo de vinte e quatro horas, deixar o território nacional. O monarca deposto respondeu que embarcaria, forçado pelas circunstâncias.

Afirmou que guardaria do Brasil muita saudade e fez votos ardentes pela sua grandeza. Uma resposta digna, como se vê: o Imperador gostava da palavra

escrita. Falando, porém, deixou algumas frases de menos efeito. Na noite de 17 desceu as escadas do palácio bastante contrariado, resmungando para o tenente-coronel Mallet, que o ia buscar.

— Estão todos malucos. Não embarco, não embarco a esta hora, como negro fugido.

Embarcou. No dia 18, com todos os seus, a bordo do *Alagoas*, seguiu para a Europa. A 28 de dezembro enviuvou, a 5 de dezembro de 1891 morreu.

O novo governo

O novo governo teve naturalmente por chefe o marechal Deodoro, que organizou o seguinte ministério: Guerra — Benjamin Constant; Marinha — Eduardo Wandenkolk; Fazenda — Rui Barbosa; Exterior — Quintino Bocaiuva; Interior — Aristides Lobo; Justiça — Campos Sales; Agricultura, Comércio e Obras Públicas — Demétrio Ribeiro; Sampaio Ferraz foi escolhido para chefe de polícia da capital.

Essas nomeações têm a data de 15 de novembro, mas o decreto que as contém deve ter sido lavrado a 17 ou 18. A princípio os chefes, civis e militares, espantados com uma vitória fácil demais, viam perigos em toda parte, não se julgavam firmes. Só depois que o *Alagoas* levou para longe a incômoda figura do ex-soberano é que se tratou de tomar as medidas necessárias à consolidação do novo regime.

De fato não havia motivo para receio. Na corte, mudada em capital federal pelo decreto nº 1, que instituía a república federativa, ninguém se mexeu para levantar o trono, e da província choveram adesões: os dois grandes partidos, o liberal e o conservador, em geral se mostraram absolutamente republicanos. Foi, pois, num ambiente de tranquilidade que surgiram os primeiros atos do novo governo: nomeações de governadores, indultos do crime de deserção no Exército e na Armada, instruções a respeito do processo eleitoral, extinção das

assembleias provinciais.

A 14 de dezembro foi decretada a grande naturalização. A 7 de janeiro de 1890 separou-se a Igreja do Estado, a 23 tivemos o casamento civil.

A república estava sólida. Aceita internamente, foi reconhecida pelos outros países, primeiro os americanos, mais tarde os europeus: a Argentina, o Uruguai (novembro de 1889); o Chile, o Paraguai, o Peru (dezembro); a Bolívia, a Venezuela, os Estados Unidos (janeiro de 1890); Colômbia, S. Salvador, Guatemala (fevereiro); Costa Rica, Nicarágua, Honduras (março); França (junho); Portugal (setembro); Itália (outubro); Holanda, Suíça, Alemanha, Suécia, Noruega (novembro); Inglaterra, Áustria-Hungria, Espanha, Bélgica (dezembro); Dinamarca (janeiro de 1891); Grécia (maio); Rússia (maio de 1892).

Primeiras dificuldades

A 18 de dezembro manifestou-se uma ligeira encrenca no quartel dum regimento de cavalaria. Na ausência dos oficiais, os soldados arrombaram a caixa militar, brigaram, alguns morreram, sem honra, e outros ficaram feridos. Como naquele tempo certas ideias exóticas ainda não existiam por aqui, esses bandidos foram considerados agentes dos monarquistas. Prisões, interrogatórios, confissões. Resultado: condenação de dez indivíduos à pena de morte. Depois houve comutação. Mas pareceu evidente que a imprensa, livre demais, semeava a desordem entre as classes armadas. E, em consequência, instituiu-se um tribunal de exceção, composto de militares encarregados de julgar as pessoas que originavam, falando ou escrevendo, a revolta civil ou a indisciplina militar. Vários jornais deixaram de circular. E como no ministério havia jornalistas, é claro que estes não ficaram satisfeitos.

Deodoro, ótimo homem, honesto, generoso, sincero, bravo, possuía todas as qualidades necessárias ao soldado, mas era impetuoso e autoritário, tinha o

coração perto da goela: dificilmente poderia mover-se na teia de aranha da política. Descontentou a princípio os civis — e alguns ministros se retiraram; depois, esquecido de que a agitação dos militares havia motivado a república, censurou-os por eles não se aquietarem. Zangou-se com Jaime Benévolo, major, e Saturnino Cardoso, capitão, que subscreviam artigos contra o governo, e não se lembrou de que, poucos anos antes, tinha apoiado o tenente-coronel Senna Madureira e o coronel Cunha Mattos, que haviam cometido falta igual. Referiu-se com azedume a Solon, autor do boato célebre do largo de S. Francisco. Na opinião do marechal, Solon tinha virado patriota de rua: não ia ao quartel, prejudicava a disciplina.

Enfim os maiores culpados deviam ser os jornais. Deodoro queria a liberdade de pensamento, mas uma liberdade que não o contrariasse. A que havia desgostava-o. E em princípio de maio de 1890, aborrecido com os paisanos e com a farda, escreveu a Rui Barbosa, vice-chefe do governo provisório, passando-lhe o abacaxi, isto é, entregando-lhe o alto cargo de chefe. Rui Barbosa torceu, naturalmente, virou-se. Os outros ministros intervieram, e tudo se arranjou.

Em setembro houve uma altercação medonha entre Deodoro e Benjamin Constant, que geria a nova pasta da instrução, correios e telégrafos, criada para ele. A propósito da nomeação de um funcionário, Benjamin emperrou; Deodoro tomou o pião na unha, levantou-se como se aquilo fosse caso pessoal e bradou:

— Somos militares. Puxe a sua espada, que eu puxo a minha.

Floriano, Ministro da Guerra desde maio, e Campos Sales separaram os contendores.

O marechal continuava aborrecido com os jornais, fontes de males numerosos. Em novembro atacaram a redação da *Tribuna*, devastaram a oficina e mataram um operário. Em consequência seis ministros pediram demissão, que no momento não foi concedida. Mas a 21 de janeiro de 1891 o ministério se exonerava e o barão de Lucena era chamado para arrumar outro.

A constituinte

Em dezembro de 1889 foi convocada a assembleia geral constituinte para 15 de novembro de 1890. Feitas as eleições a 15 de setembro, os republicanos elegeram, naturalmente, a maioria dos representantes, que, na data marcada, se reuniram no Paço da Boa Vista, em S. Cristóvão, ouviram a mensagem de Deodoro e, discutindo pouco, aceitaram, a 24 de fevereiro de 1891, a constituição redigida no ministério em julho. A 25, depois de muita combinação, escolheram o Presidente efetivo da República, Deodoro, e o Vice-Presidente, Floriano. Separaram-se então e formaram a Câmara e o Senado, que viveram em turras com o marechal.

Derrubada

Presidente Constitucional da República, Deodoro modificou tudo nos estados cujos representantes não lhe tinham dado voto em 25 de fevereiro. Nomeações e demissões abundantes trouxeram grande impopularidade ao marechal e especialmente ao barão de Lucena.

Campos Sales tentou em vão meter no ministério alguns republicanos históricos que tivessem as simpatias do Congresso.

As dissidências entre o Executivo e o Legislativo agravaram-se depois de julho. Afinal, a 3 de novembro, o Presidente dissolveu as duas Câmaras e decretou o estado de sítio para o Distrito Federal e para Niterói. Ao mesmo tempo afirmava, em manifesto, que *governaria com a Constituição*.

E prometia convocar *oportunamente* um Congresso novo.

Adesões

Apesar de esperado, o ato do Presidente causou nos arraiais políticos forte impressão, que logo se transformou em doido entusiasmo. Dos mais remotos

cantos do país voaram telegramas e cartas de felicitação a s. excia. pela justa medida. Os políticos profissionais bateram palmas, as guarnições aplaudiram, todos os governadores, exceto o do Pará, fizeram declarações fervorosas, algumas idiotas. Afinal repetiu-se pouco mais ou menos o que havia acontecido quando o Imperador arriara, dois anos antes.

Colheita de tempestade

A princípio os adversários do marechal baixaram a cabeça, atordoados, e deixaram a onda passar. Mas logo se reconstituíram: fizeram diversas reuniões, muitos congressistas saíram do Rio e foram promover agitações no interior. Redigiu-se contra a ditadura um manifesto, que, por estar a capital em estado de sítio, não chegou a circular. Outro foi publicado, em S. Paulo, por Campos Sales, e teve divulgação em todo o país, não obstante os esforços que a polícia fez para conservá-lo inédito. Em S. Paulo, no Rio Grande do Sul, no Pará, surgiram os primeiros sinais de revolta — e nesse ponto o marechal deve ter tido ideia do estranho erro que havia cometido.

Se os inimigos dele fossem apenas os sujeitos da imprensa, deputados, senadores e os patriotas de rua a que se referia com desprezo, o decreto-rolha, o estado de sítio e algumas dúzias de prisões tudo resolveriam. Mas esse homem enérgico não podia ignorar que tinha adversários perigosos e de farda: Floriano Peixoto e José Simeão, no Exército; Eduardo Wandenkolk e Custódio de Melo na Marinha. Pela sua franqueza excessiva, pela sua intransigência, talvez um pouco também pela doença que o atormentava, Deodoro perdia facilmente os camaradas.

Em S. Paulo foi deposto o presidente e empossado o vice-presidente. As ameaças que vinham do sul engrossavam dia a dia. A 22 de novembro Lauro Müller, governador de Santa Catarina, telegrafou ao marechal dizendo-lhe que não contasse com ele. A 23 a Armada mexeu-se. Uma bala de canhão bateu na

cúpula da Candelária.

Deodoro quis prender gente, mandou ordens às fortalezas, mas escutou o barão de Lucena, aceitou o conselho direito que este homem lhe deu: despediu-se dos companheiros que lhe restavam, fez votos a Deus pela prosperidade do Brasil e renunciou.

Nova derrubada, novos descontentamentos

Floriano Peixoto, Vice-Presidente, assumiu o poder. E logo deitou abaixo todos os governadores, fiéis a Deodoro por ocasião do golpe de 3 de novembro. Só escapou Lauro Sodré, do Pará.

Recomeçaram as encrencas. Em janeiro de 1892, as fortalezas de Santa Cruz e Laje se revoltaram, mas foram atacadas com vigor e a revolta durou apenas vinte e quatro horas.

A 6 de abril, treze generais de terra e mar publicaram um manifesto em que pediam a "eleição de novo presidente antes de findo o prazo fixado para o primeiro período presidencial". Floriano, sem demora, reformou onze generais e transferiu dois para a segunda classe.

A 10 houve tumultos e arruaças, que a tropa desfez. No dia seguinte Floriano decretou o estado de sítio por setenta e duas horas, prendeu muitos indivíduos importantes, meteu uns nas fortalezas e deportou outros para Cucuí e Tabatinga, no extremo norte.

Tudo isso foi feito legalmente: o Congresso, instalado a 13 de dezembro de 91, funcionara até 22 de janeiro de 92; aprovara a deposição dos governadores e concedera ao Executivo "todos os poderes para conservar a ordem e a paz na República".

Revolução no Rio Grande

No Rio Grande do Sul ardia uma terrível bagunça; em três anos por lá passaram dezenove presidentes. Seria difícil conhecermos as razões e as paixões que determinaram a subida e a descida desses homens.

Muitos grupos se deslocavam na planície, sob as ordens de chefes poderosos. A vontade dos caudilhos, que se juntavam, brigavam e se reconciliavam, movia grandes massas, o que seria impossível numa região de serras; o interesse deles substituía os programas políticos.

Em 1892 havia ali os castilhistas, partidários de Júlio de Castilhos, e os federalistas que se dividiam em gasparistas, dirigidos por Gaspar da Silveira Martins, e tavaristas, adeptos da família Tavares, de Bajé.

Júlio de Castilhos, chefe do governo, aprovou o golpe de 3 de novembro, como os outros, e foi deposto, como os outros. Depois foi reposto, em junho de 92. Mas o presidente inimigo, feito na derrubada geral de novembro, João Nunes da Silva Tavares, o general Joca Tavares, continuou firme. Houve, pois, dois governos: um castilhista, em Porto Alegre, e um tavarista, em Bajé.

Começou a luta, com grandes prejuízos dos dois lados. Joca Tavares tinha motivo para supor que Floriano Peixoto não iria sustentar o homem que se havia solidarizado com o marechal Deodoro. Entretanto as forças federais deram mão forte a Castilhos. E Tavares atravessou a fronteira do Uruguai.

Em fevereiro de 1893 Gumercindo Saraiva penetrou no estado com seiscentos homens. Joca Tavares veio unir-se a ele e tomou o comando das forças revoltosas, que engrossaram rapidamente. Depois de vários encontros, em alguns dos quais se praticaram atos de horrível ferocidade, os federalistas foram batidos em Inhandubi, a 5 de maio. Tavares voltou ao Uruguai e desarmou-se. Gumercindo continuou a luta.

E estavam-se tentando negociações de paz quando o almirante Wandenkolk chegou em Montevidéu e atrapalhou tudo. Conferenciou com os federalistas, conseguiu tomar o comando do *Júpiter*, entrou no Rio Grande e, juntando-se a Laurentino Pinto Filho, apoderou-se de um navio mercante, uma canhoneira e alguns rebocadores. Em julho Wandenkolk foi preso, remetido para o Rio e

submetido a conselho de guerra, o que assanhou a Marinha.

No sul a trapalhada federalista irrompeu de novo. Mas apareceram divergências entre os caudilhos: parte das forças se conservou no pampa, outra parte se dirigiu para o norte, em outubro chegou a Santa Catarina, onde o capitão de mar e guerra Frederico Lorena tinha formado uma espécie de governo.

Revolta da armada

Os dois almirantes que haviam auxiliado Floriano Peixoto na luta deste contra Deodoro em pouco tempo se desgostaram. Nomeado Ministro da Marinha, Custódio de Mello tratou de armar-se: propôs ao ministério que as guarnições das fortalezas Santa Cruz, Laje e São João fossem constituídas por marinheiros, comprou material bélico e pôs-se em contacto com os federalistas.

Na manhã de 6 de setembro de 1893 toda a armada se revoltou, acrescida com alguns navios mercantes. No mesmo dia o batalhão naval da ilha das Cobras aderiu à revolta, os operários da Central do Brasil fizeram greve, assaltaram-se diversas estações.

O negócio tinha sido bem combinado, dava perfeitamente para deitar abaixo um governante. Com muito menos, outros se tinham retirado, querendo evitar derramamento de sangue e desejando felicidades ao Brasil. Mas Floriano era teimoso e não economizava o sangue de seus compatriotas. Convocou a guarda nacional, pôs a força de prontidão e levou canhões para os morros. Veio o estado de sítio e organizaram-se batalhões patrióticos.

No dia 13 cinco navios insurgentes começaram a bombardear a cidade. A esquadra estrangeira afastou-se, por toda a parte circularam boatos, uma grande multidão invadiu as estações e fugiu desordenadamente para os subúrbios.

O cruzador *República*, a 17, o frigorífico *Pallas* e a torpedeira *Marcílio Dias*, a 18, transpuseram a barra e saíram com o objetivo de atacar pontos fracos da costa, apresar navios mercantes nacionais, apoderar-se de víveres. Comandava-

os o capitão Frederico Lorena, o homem que instalou um governo em Santa Catarina e entrou em relações com os federalistas.

Logo no dia 14 os comandantes das forças navais inglesas, italianas e portuguesas dirigiram-se a Custódio de Mello, que ficou mais ou menos reconhecido por eles. Em fim de setembro os ministros da Inglaterra e da França tentaram proteger os franceses e ingleses que viviam aqui, mas o governo julgou a proteção desnecessária. Realmente eles não estavam protegidos: o bombardeio continuava, grupos de rebeldes conseguiam desembarcar e travavam-se lutas medonhas. A cidade se despovoava — e os estrangeiros, garantidos e aterrorizados, salvaram a pele retirando-se. No princípio do barulho um foi morto, por acaso, um marinheiro que ia no escaler onde viajava o cônsul italiano. Custou cem contos ao tesouro e saiu barato: a Itália achou que ele não valia mais e acalmou-se.

A 30 houve um tiroteio longo entre as fortalezas e os navios. Pouco a pouco o povo se acostumou; passados os primeiros sustos a praia começou a encher-se de curiosos.

Em 9 de outubro a fortaleza de Villegagnon aderiu à revolta e dois batalhões se atracaram. O *Meteoro*, a 12, dirigiu-se a Santa Catarina.

No dia 12 de novembro o *Javari* afundou.

A 1º de dezembro o *Aquidaban*, navio de Custódio, e o *Esperança* passaram a barra. Saldanha da Gama, indeciso monarquista, ficou sendo chefe. E logo a Ilha do Governador caiu em poder das forças legais.

Em janeiro de 1894 os rebeldes ocuparam a Ilha da Conceição, pertencente à firma inglesa Wilson & Sons — e não houve reclamação. Os americanos é que não estavam satisfeitos, porque algumas embarcações deles tinham sido incomodadas. No fim do mês o cruzador *Detroit* mexeu-se e os outros navios da esquadra americana ficaram de fogos acesos. Os Estados Unidos estavam com o governo; a Inglaterra inclinava-se para os revoltosos.

Sem oficiais de Marinha, Floriano recorreu ao almirante Jerônimo Gonçalves, velho e reformado. Este se dirigiu a Montevidéu, organizou

dificilmente uma flotilha, tomou o caminho do norte e, a 25 de janeiro, encontrou na Bahia alguns vasos de guerra obtidos por preço excessivo na América do Norte e na Europa, bastante deteriorados. Esperou a chegada de outros, remendou-os e, enfim, a 10 de março, entrou com eles na baía da Guanabara, onde não houve luta porque os rebeldes se recolheram à pressa em dois navios portugueses, que os levaram para Montevidéu. Daí muitos voltaram, foram dar alento aos bandos de federalistas. Prolongou-se a guerra — e o Brasil cortou relações com Portugal, a 13 de maio.

Custódio de Mello, que desde dezembro de 93 andava pelo sul, a 17 de abril refugiou-se em Buenos Aires e entregou os seus navios ao governo argentino. Nesse mesmo dia o almirante Gonçalves desmanchou a engrenagem política do capitão Lorena.

A 19 o coronel Moreira César tomou conta de Santa Catarina e pintou o diabo por lá.

A 7 de maio o Paraná, também revolucionado, entrou na ordem — e numerosas barbaridades se realizaram, entre elas a morte do barão de Serro Azul.

Gumercindo Saraiva faleceu a 10 de agosto, em luta.

A 15 de novembro Floriano Peixoto, doente, deixou o governo.

Prudente de Morais

Apesar de ter achado o país dividido e de haver rebentado no seu quadriênio uma questão mais sangrenta que as anteriores, Prudente de Morais (1894-1898) governou com energia e segurança, restabeleceu a paz e aumentou o território nacional.

Os patriotas exaltados, que viam monarquistas em toda a parte e queriam devorá-los, torceram o nariz ao Presidente civil; entretanto os inimigos invisíveis da República, os conspiradores, os restauradores, em pouco tempo se dissiparam.

Logo no começo do governo de Prudente de Morais, em janeiro de 1895, os ingleses se apossaram da ilha da Trindade. Respondendo ao protesto do Brasil, a Inglaterra pretendeu resolver o negócio por arbitragem. O governo brasileiro, em 5 de janeiro de 1896, achou que isso era disparate, porque a ilha, sem nenhuma dúvida, nos pertencia. Os ingleses concordaram e tudo acabou direito: a 5 de agosto se retiraram.

Em 5 de fevereiro de 1895, liquidou-se a velha pendência que existia entre o Brasil e a Argentina. O nosso advogado, barão do Rio Branco, escolhido por Floriano, escreveu uma notável memória, e o árbitro, Grover Cleveland, Presidente dos Estados Unidos, reconheceu o direito do Brasil sobre o território das Missões.

A 16 de março restabeleceram-se as relações diplomáticas com Portugal, interrompidas em 1894.

Em 15 de maio os franceses subiram o rio Amapá e tentaram apossar-se de duzentos e sessenta mil quilômetros quadrados de terreno que o Brasil considerava dele. Essa dificuldade, em abril de 97, foi submetida à arbitragem do Presidente da República Suíça.

No dia 24 de junho, em Campo Osório, no Rio Grande, Saldanha da Gama, quase abandonado, com quatrocentos homens apenas, morreu combatendo. O país estava cansado, o Rio Grande, esgotado. A 10 de junho o general Inocêncio de Queirós, representante do governo, recebeu em Pelotas o cabecilha Joca Tavares, e concertaram-se as condições da paz, que foi feita em agosto, com muitos foguetes, telegramas e discursos na Câmara.

Em 19 de setembro alcançaram anistia os rebeldes do sul, os da Armada e os eLivross que tinham seguido para o Amazonas, em 92.

Canudos

Antônio Conselheiro, um pobre-diabo, tencionava, com ladainhas e benditos,

salvar a humanidade. A humanidade está sempre em perigo, na opinião de indivíduos assim. Nascido no interior do Ceará em 1835, numa família de malucos, esse infeliz foi caixeiro, negociante, escrivão. Casou e tomaram-lhe a mulher. Achou então que tudo ia errado e tratou de endireitar o mundo, o que outros menos idiotas que ele tentaram, inutilmente.

Apareceu no sertão da Bahia no fim do século passado, com um surrão às costas, vestido num camisão azul, barbudo, rezando, pedindo esmolas e dizendo coisas desconexas. Louco e meio analfabeto, facilmente reuniu uma considerável multidão de sujeitos menos loucos e mais analfabetos que ele, a pior canalha da roça.

Em 1876 foi preso. Em 1887 o arcebispo da Bahia, justamente alarmado com a concorrência que o idiota fazia à religião verdadeira, denunciou-o ao presidente da província, que desejou meter o homem num hospício de alienados. Infelizmente não havia lugar no asilo — e Antônio Conselheiro continuou a pregar ideias subversivas e a anunciar o fim do mundo para 1900.

Antes do fim do mundo, porém, veio a República. E descobriram que ele era um monarquista perigoso. Em consequência mandaram agarrá-lo por trinta soldados de polícia, que foram batidos.

Organizou-se então uma força aparatosa: cem praças de linha comandadas pelo tenente Manoel Ferreira. Este ficou em Naná, a vinte léguas de Canudos, antiga fazenda transformada em arraial enorme depois que o Conselheiro fora lá viver. A 21 de novembro de 1896, o tenente foi atacado pelos fanáticos, teve onze homens mortos e vinte feridos. Enterrou à pressa os defuntos, abandonou armas e munições, tocou fogo no povoado, deixou que a tropa debandasse e na Bahia afirmou que tinha tido uma vitória. Essa estranha vitória aumentou o prestígio do Conselheiro.

A segunda expedição do Exército enviada contra ele, sob o comando do major Febrônio de Brito, do 9º de infantaria, penetrou no sertão em dezembro, com mais de quinhentos homens, dois canhões Krupp e duas metralhadoras. Chegou a uma légua de Canudos e combateu valentemente, mas retrocedeu,

admirando a coragem dos jagunços, numerosos e possuidores das armas que o tenente vitorioso largara em Naná.

A terceira expedição, comandada pelo coronel Moreira César, deixou o Rio a 3 de fevereiro de 1897 e a 8 chegou a Queimadas, no interior da Bahia. Mil e trezentos soldados, quinze milhões de cartuchos, setenta tiros de artilharia. Com isso o coronel julgava fácil a empresa. Chegando a Monte Santo no dia 20, a 21 marchou para Canudos sem nenhuma preparação. Um ataque de epilepsia retardou-o por vinte e quatro horas. Levantando-se, pôs-se de novo a caminho. E com a tropa faminta, sedenta, cansada, entrou no arraial. Um desastre. Nas ruas estreitas os homens se dispersaram, foram caçados por outros que os espreitavam, emboscados. Moreira César morreu, o coronel Tamarindo, que o substituiu, morreu. Houve pânico. O armamento e a munição perderam-se.

A quarta e última expedição, sob as ordens do general Artur Oscar, dividiu-se em duas colunas compostas de quatro mil duzentos e oitenta e três soldados. A primeira, de Artur Oscar, partiu da Bahia; a segunda, chefiada pelo general Savaget, saiu de Aracaju. Encontraram-se nos arredores de Canudos, a 28 de junho. Aí já se contavam quase mil baixas. Em seguida veio a fome. Cento e oitenta cargas pertencentes à primeira coluna tinham caído quase todas em poder dos jagunços. A 18 de julho tentou-se um assalto ao arraial — e a expedição perdeu novecentos e quarenta e sete homens.

Em agosto chegou à Bahia o Ministro da Guerra, marechal Bittencourt, que em setembro começou em Monte Santo o fornecimento regular de víveres e munições.

E com os últimos contingentes recebidos, perto de três mil pessoas, sem falar numa brigada que em agosto chegou a Canudos dirigida por um major, pois numerosos oficiais haviam ficado pelo caminho, doentes, pôde Artur Oscar, a 6 de outubro, arrasar a povoação. Trezentos fanáticos inúteis, velhos, mulheres e crianças renderam-se. Dos combatentes nenhum foi preso: morreram todos.

O assassino político

O marechal Bittencourt tinha regressado à capital federal. Em companhia dele, o Presidente da República, a 5 de novembro, foi receber as tropas que vinham da Bahia. No arsenal de guerra o anspeçada Marcelino Bispo agrediu-o a punhal.

O ministro tentou defender o Presidente e morreu. No inquérito descobriram que diversas personagens de influência, inclusive o Vice-Presidente da República, estavam embrulhadas.

Marcelino Bispo suicidou-se na prisão.

Campos Sales

Sucessor de Prudente de Morais, Campos Sales (1898-1902) tratou de consertar as nossas finanças, que, por causa das perturbações mencionadas, não iam bem.

Arranjou em Londres um empréstimo destinado a amortizar a dívida antiga, cortou despesas, aumentou impostos, o que provocou muito falatório.

Não obrigo ninguém a ser patriota

A uma comissão que foi reclamar contra os impostos excessivos respondeu:

— Não posso obrigar ninguém a ser patriota. Mas, concordem ou não concordem, protestem ou não protestem, os impostos serão cobrados.

Campos Sales feriu muitos interesses. Por isso angariou antipatias.

Liquidações

Em 8 de agosto de 1889, o general Júlio Joca, Presidente da República Argentina, aqui chegou em visita oficial, com uma divisão de três couraçados e um séquito brilhante onde havia ministros, senadores, generais e um contra-almirante. No ano seguinte Campos Sales pagou essa visita.

A 1º de dezembro de 1900 Walter Hanser, Presidente da Suíça, deu sentença favorável ao Brasil na questão com a França. Foram duzentos e sessenta mil quilômetros quadrados ganhos no Amapá, pelo barão do Rio Branco, nomeado, a 22 de novembro de 1889, ministro plenipotenciário em missão especial junto ao governo suíço.

Em março de 1901, Custódio de Mello, denunciado como conspirador, teve ordem de embarcar para Manaus o que não fez, declarando-se doente. Mandaram-no para o Ceará. Como não obedecesse, prenderam-no. Quis justificar-se perante o conselho de guerra — e isso não lhe foi concedido. Dirigiu-se ao Congresso: afirmou ter recebido violências e acusou o Presidente da República. Não lhe deram importância. Liquidou-se desse modo, em silêncio, a última pretensão do homem que havia causado prejuízos enormes ao país.

A 6 de novembro o governo combinou com a Inglaterra submeter-se ao julgamento do Rei da Itália o litígio que havia entre o Brasil e a Guiana Inglesa. O nosso advogado foi Joaquim Nabuco.

Rodrigues Alves

Rodrigues Alves (1902-1906) escolheu um prefeito excelente, Pereira Passos, e um admirável Ministro do Exterior, Rio Branco, o melhor que o Brasil já teve, tão bom que permaneceu na pasta quase dez anos, só a deixando por morte, em 1912.

O prefeito renovou a capital federal. Como a situação financeira tinha melhorado no quadriênio anterior e havia crédito agora, pediram-se emprestados oito milhões e meio de libras esterlinas, logo convertidas em obras no porto e na Avenida Central, que mais tarde teve o nome do grande ministro barão. O município, afastando o mar, estendeu uma avenida longa da praia de Santa Luzia a Botafogo.

Talvez isso não tenha sido prudente. De ordinário um particular não se

endivida para consertar a casa. Mas os particulares procedem de uma forma e os governos de outra. E, enfim, digam o que disserem, isto hoje é melhor que o Rio do princípio do século, cheio de morros e de ruas estreitas. Cortaram aquelas verrugas incômodas, deitaram abaixo uns pardieiros, alargaram tudo, arejaram a cidade.

Realmente, não possuíamos dinheiro. Mas houve quem depositasse confiança em nós. E gastamos com sabedoria.

A febre amarela

Aliás os oito e meio milhões do empréstimo não foram todos para o mestre de obras: o médico e a farmácia consumiram parte deles. Oswaldo Cruz, hoje glória nacional, encarregou-se de sanear o Rio de Janeiro, que tinha fama horrível. Efetivamente a cidade não era tão ruim como diziam: moravam nela muitos europeus. Mas aquela reputação nos causava enormes dissabores.

Oswaldo Cruz deu cabo da febre amarela. E aparecemos, livres de mosquitos, entre os povos civilizados.

Publicidade

Rio Branco organizou, com segurança, a propaganda do Brasil: foi um ótimo diretor de publicidade.

Antes dele fazíamos uma figura bem chinfrim. As outras nações engrossavam a voz, batiam o pé. Fomentavam a discórdia cá dentro, tentavam desembarcar tropas, davam asilo a brasileiros traidores, ocupavam as nossas ilhas.

Com dinheiro do empréstimo consertamos a fachada. E Rio Branco, apontando a fachada, mostrou que não éramos fracos e doentes, como na Europa julgavam.

Um bom negócio

Os seringueiros do Acre viviam em contendas com a Bolívia. Revoltaram-se em 1899 e quiseram tornar-se independentes. Mas faltou dinheiro e a revolução falhou. No ano seguinte houve nova tentativa, também sem consequência. O terceiro cometimento chefiado pelo coronel Plácido de Castro, em 7 de agosto de 1902, pegou: a 24 de janeiro de 1903 os bolivianos foram vencidos.

Aí o governo brasileiro ocupou militarmente o Acre, que nesse mesmo ano, a 17 de novembro, passou para o Brasil, mediante o pagamento de dois milhões de libras esterlinas e a construção de uma linha férrea entre Bela Vista e Santo Antônio do Madeira.

Dois milhões de esterlinas significavam trinta e quatro mil e quinhentos contos. Os impostos cobrados no Acre, de 1903 a 1909, elevaram-se a cinquenta e oito mil contos.

Outras questões de limites

A 6 de maio de 1904 fixaram-se os limites entre o Brasil e o Equador. A 5 de maio de 1906 determinou-se a fronteira com a Guiana Holandesa. Na questão com a Inglaterra, o julgamento do Rei da Itália não nos foi favorável. Por sentença de 6 de junho de 1904, dividiu-se o objeto do litígio em dois quinhões: a Guiana Inglesa ficou com 19.630 quilômetros quadrados, ao Brasil couberam 13.570.

A varíola

Oswaldo Cruz achava que era vergonhoso uma pessoa apresentar marcas de bexigas. Pensando como ele, o Congresso tornou obrigatória a vacina. E muita gente se descontentou. Estávamos ou não estávamos numa terra de liberdade? Tínhamos ou não tínhamos o direito de adoecer e transmitir as nossas doenças

aos outros?

A 14 de novembro de 1904 houve um motim: sublevou-se a Escola Militar, o general Travassos morreu, Lauro Sodré, senador, e Alfredo Varela, deputado, foram presos.

Assim, além das vítimas que ordinariamente causa, a varíola produziu essas.

Desvantagem e vantagem

Em dezembro de 1905 oficiais e marinheiros alemães, da canhoneira *Pauther*, entraram em Santa Catarina e comportaram-se mal, como se aquilo fosse deles.

Em compensação d. Joaquim Arcoverde e Albuquerque Cavalcante, arcebispo do Rio de Janeiro, no mesmo mês tornou-se cardeal, o primeiro da América do Sul, honra imensa para nós.

Afonso Pena — Nilo Peçanha

Afonso Pena só esteve no poder dois anos e sete meses: tomou posse a 15 de novembro de 1906 e expirou a 14 de junho de 1909, legando-nos estas belas palavras, as últimas que pronunciou: *Deus, pátria, liberdade, família*. Era, conforme se vê, um homem de convicções muito profundas.

Nilo Peçanha, Vice-Presidente, governou durante dezessete meses.

No começo desse quadriênio em 1907, o conselheiro Rui Barbosa representou o Brasil na conferência de paz, na Holanda, e ganhou aqui uma consideração imensa.

Decretou o serviço militar obrigatório, renovou-se o material bélico, compraram-se alguns vasos de guerra. Fundou-se a Caixa de Conversão, que depois desapareceu e criou-se o Instituto de Manguinhos, hoje Oswaldo Cruz. Melhorou-se o fornecimento de água à capital.

Na pasta do exterior assinaram-se tratados relativos aos limites com a

Colômbia e com a Venezuela, em 1907, com o Peru em 1909. A 30 de outubro de 1909 o Brasil cedeu à República do Uruguai condomínio sobre a lagoa Mirim e o rio Jaguarão.

O Marechal Hermes

Esse quadriênio (1910-1914) foi tormentoso. Talvez nenhum homem público tenha sofrido o que o marechal Hermes da Fonseca sofreu. Os jornais disseram dele cobras e lagartos, teatrinhos populares meteram-no em cena como personagem quase obrigatória de revistas ordinárias, a blague carioca não o poupou.

Em geral ninguém se lembrava de atacar-lhe os erros, que foram numerosos: esforçaram-se por cobri-lo de ridículo, e isto contentou a insensatez nacional. Esse homem respeitável e honesto, bom Ministro da Guerra no quadriênio anterior, caiu nas malhas da politicagem, que o apresentou ao país como um idiota. Insultando-o, a imprensa usou o calão mais baixo; todas as anedotas em que figurava um imbecil vestiram roupa nova; contra o marechal todas as armas se utilizaram: a calúnia, a vaia, o cartão obsceno.

Tendo sido, em 1910, antagonista de Rui Barbosa, um gênio que, segundo afirmavam, assombrara o mundo, Hermes da Fonseca foi considerado antônimo do prodígio. Isto pareceu razoável ao público indígena. O presidente era um sujeito cego, surdo, insensível. E quando falava, dizia bobagens.

Mexeram-lhe na vida íntima, expuseram em letra de fôrma horríveis minúcias em gíria de bordel. Nunca houve neste país torpezas semelhantes.

A Revolta dos Marinheiros

Em novembro de 1910 vários navios se revoltaram, chefiados por João Cândido, um simples marinheiro negro. Para não expor a cidade aos horrores de 93, o

governo pactuou com a marinhagem e, em troca da paz, ofereceu-lhe anistia. Essa oferta de anistia prévia foi muito censurada. Se o governo propunha, não estava em condições de perdoar. Não dava, pedia.

Efetivamente aquilo tinha jeito de pedido. Os navios, sem oficiais, percorriam a baía, o público alarmava-se, o Congresso alarmava-se, o contra-almirante José Carlos de Carvalho cochichava com João Cândido.

Findas as negociações, os marinheiros desembarcaram, foram anistiados, presos e remetidos para a ilha das Cobras, onde morreram quase todos.

Oligarquias

Havia em alguns estados do Nordeste velhas oligarquias firmes. Contra elas surgiam vozes tímidas de vagos demagogos que dificilmente poderiam conseguir prosélitos. Usando os meios ordinários, permitidos pela constituição, esses tipos ficariam sempre resmungando sem proveito.

A máquina eleitoral funcionava com defuntos, e a fabricação das atas do interior só não causava indignação porque toda a gente se habituara àquelas safadezas.

Para pagar esse trabalhinho, a falsificação do voto que produzia o governador e o deputado, o sindicato político da capital dava ao coronel da roça plenos poderes para matar, roubar, queimar, violar. A vontade do chefe do interior, quase sempre um analfabeto de maus bofes, não encontrava obstáculos.

Essa gente foi varrida. E queixou-se de violências.

Talvez a intervenção em alguns estados do Nordeste tenha sido a coisa direita realizada no governo do marechal Hermes.

Wenceslau Brás

De 1914 a 1918 tivemos complicações, resultantes da situação interna e também

da guerra europeia, que durou tanto como o governo de Wenceslau Brás.

Até 1917 fomos neutros, mas por fim nos decidimos a entrar no conflito. Entramos sem espalhafato.

Os alemães torpedearam cinco navios mercantes brasileiros — e fomos arrastados à luta. Mandamos para a Europa uma esquadra, pequena, e alguns médicos. O Presidente, em proclamação, recomendou parcimônia ao povo, conselho absolutamente desnecessário.

Entregamos aos nossos aliados vários navios aqui detidos. Foi o diabo. Feita a paz, dificilmente esse material voltou, bastante avariado.

Uma reedição de Marcelino Bispo

Pinheiro Machado, homem rijo que se tinha feito combatendo os federalistas, subira demais e ultimamente havia organizado o *Partido Republicano Conservador*. Para as oligarquias nordestinas, apeadas no tempo do marechal Hermes, era quase um Deus.

Foi assassinado no Hotel dos Estrangeiros, a 8 de setembro de 1915, por Manso de Paiva, que não se suicidou na prisão, como devia.

Cumprida a sentença, Manso de Paiva anda por aí mais ou menos vivo.

Diversas trapalhadas

Os estados do Rio, Espírito Santo, Alagoas e Piauí tiveram dois governos cada um. E em Mato Grosso houve intervenção. No Pará depuseram o governador Enéas Martins. O Paraná e Santa Catarina se atracaram, por questões de limites. Em dezembro de 1915 houve no Rio uma revolta de sargentos. E a Vila Militar quis levantar-se. Em 1916 surgiram manifestações de trabalhadores em diferentes lugares. Em janeiro de 1917 cessou o movimento do porto em Santos, em julho rebentaram greves em todos os estados do sul. A seca de 1915 foi

terrível. E 1918 nos deu a gripe, que só na capital federal levou dezoito mil pessoas.

Uma eternidade

Para substituir Wenceslau Brás, elegeram (1918) o velho conselheiro Rodrigues Alves, que não chegou a tomar posse: morreu a 16 de janeiro de 1919.

Rui Barbosa, derrotado em 1910, candidatou-se novamente à Presidência da República. Por isso, entregue à campanha eleitoral, recusou convite que recebeu para representar o Brasil na conferência da paz, em Versalhes. Escolheram então, em lugar dele, o senador Epitácio Pessoa, da Paraíba. Ora, foi exatamente esse político dum estado pequeno que as raposas do sul contrapuseram ao baiano ilustre a quem se ofereceram todas as honras possíveis e a quem se recusou sempre o voto. Quando Epitácio Pessoa voltou da Europa, estava eleito e reconhecido. E aqui chegando a 21 de julho de 1919, empossou-se no dia 28.

De 15 de novembro de 1918 até essa data o Vice-Presidente, Delfim Moreira, esteve em exercício e governou bem. Disseram a princípio que ele não tinha muito bom juízo. Em todo o caso teve o juízo suficiente para escolher um bom prefeito, Frontin, e um bom Ministro da Fazenda, João Ribeiro.

Epitácio Pessoa

Epitácio Pessoa teve um governo cheio de altos e baixos. Nomeou civis para as pastas da Guerra e da Marinha, o que não estava nos nossos hábitos, e descontentou os militares. A imprensa explorou esse fato, que realmente causou espanto, embora um dos ministros escolhidos fosse Calógeras, homem que ficaria bem colocado em qualquer pasta. O que é certo é que os militares se magoaram e o ressentimento deles explodiu mais tarde.

Parece que nesse governo houve a preocupação de se fazerem coisas

grandiosas e coisas diferentes das que de ordinário se faziam. Achou-se com certeza necessária a afirmação de que estávamos em segurança, tudo ia bem.

O Exército não representava nenhum perigo. Escolheu-se, por conseguinte, um paisano para dirigi-lo.

A monarquia se enterrara. Revogou-se, portanto, o exílio dos Braganças, trouxeram-se para cá os ossos do velho monarca e de sua esposa. E recebeu-se a visita do Rei Alberto, a quem se ofereceram festas magníficas.

As finanças do Brasil não iam mal, permitiam despesas de vulto. Iniciaram-se então as obras contra a seca do Nordeste, que logo foram interrompidas.

É possível que essas exibições, esses luxos, esses gastos, essa firmeza caprichosa, apenas servissem para encobrir um receio que não se queria transformar em certeza, receio de que tudo andasse às avessas. Éramos fracos e éramos pobres, mas não nos capacitávamos disto. Muitas desgraças nos minavam, aqui e ali surgiam tumores. O Presidente punha em cima deles um pedaço de esparadrapo. E atordoava-se. A sua decisão e a sua energia foram provavelmente a energia e a decisão aconselhadas pelo desespero. Procedeu como esses doentes que, sentindo-se perdidos, experimentam as últimas forças praticando excessos.

1922

Em começo de 1920 vários municípios sertanejos da Bahia sublevaram-se. Para evitar luta, o governo contemporizou, entrou em combinações com os chefes rebeldes.

Em março ocorreram na capital federal manifestações de operários, logo abafadas severamente. 1921 principiou com agitações deste gênero: greves dos trabalhadores marítimos, greves dos operários de construção. E o desassossego aumentou durante a campanha da sucessão, culminou em 1922 com demonstrações de indisciplina e revolta.

É curioso notar que isso não ficava apenas em comícios, com discurso e tiro. Havia indisciplina em toda parte: nos quartéis, nas fábricas, nos *atelieres*, nos cafés, nos quartos de pensão onde sujeitos escrevem. E a revolta, meio indefinida, tomando aqui uma forma, ali outra, manifestava-se contra o oficial, que exige a continência, e contra o mestre-escola, que impõe a regra. A autoridade perigava.

Afastou-se o pronome do lugar que ele sempre tinha ocupado por lei. Ausência de respeito a qualquer lei.

Com certeza seria melhor deslocar o deputado, o senador e o presidente. Como estes símbolos, porém, ainda resistissem, muito revolucionário se contentou mexendo com outros mais modestos. Não podendo suprimir a constituição, arremessou-se à gramática.

5 de Julho

A eleição realizada em março de 22 foi um desastre, como de ordinário. Vencedor o candidato do governo. Pílulas. Continuação da mágica besta; a chapa entregue ao eleitor encabrestado e metido na urna, ata fabricada pelo coronel, o Congresso examinando todas as patifarias e arranjando uma conta para a personagem escolhida empossar-se.

Francamente, aquilo não tinha graça. No começo da República, ainda, ainda: mas agora estava muito visto, muito batido, não inspirava confiança. Necessário reformar tudo.

Como? Ninguém sabia direito o que viria, mas todos concordavam num ponto: não podia vir coisa pior que o que tínhamos. Muito brilho por fora: visita de reis, exposição, projetos de açudes, universidade, numerosos hóspedes ilustres. Por dentro era aquela miséria: doença, ignorância, o coronel safado a mandar, assassino e ladrão.

E alguns rapazes se levantaram, no forte de Copacabana, a 5 de julho de

1922. Mas houve defecções. O marechal Hermes, implicado no movimento, deixou-se prender. Ficaram em Copacabana dezoito doidos que afrontaram a tropa, comandados por Siqueira Campos.

O centenário

Depois disso veio o estado de sítio, com muita prisão. Em seguida fizeram-se grandes festas para solenizar o centenário da Independência.

Artur Bernardes

Quiseram fazer com Artur Bernardes (1922-1926) o que tinham feito com o marechal Hermes: adotaram o boato, a calúnia, todas as infâmias. Afirmaram que ele era um degenerado. Nas cançonetas de rua foi o *Rolinha,* o *Seu Mé,* o sujeito que não entraria no palácio das águias.

Entrou, cheio de ódio, e vingou-se. Vingou-se como quem receia que o julguem fraco e acha o tempo muito curto para a vingança. As cadeias encheram-se, houve silêncio, reformou-se a constituição, a coisa sagrada em que ninguém tinha tido a coragem de tocar.

O segundo 5 de Julho

A 5 de julho de 1924 estalou nova revolta, em S. Paulo, que até o dia 28 ficou em poder do general Isidoro Lopes. Atacados, os rebeldes embrenharam-se no interior do país onde, por mais de dois anos, resistiram. Agora, a encrenca não permanecia no litoral, ou perto dele, como de outras vezes: tínhamos uma sedição que viajava, percorria o sertão, derramava em fazendas e povoados ideias esquisitas.

Os camponeses temiam o bandido e temiam a tropa. Quando escapavam de

um desses inimigos terríveis, caíam nas unhas do outro — e não havia salvação.

Ora, essa gente que saiu de S. Paulo em 1924 constituía tropa, sem dúvida, mas uma tropa que não dava pancada. E isto causava pasmo. Nas feiras da roça uma cavalhada aparecia, espalhava o terror. Em seguida tudo se acalmava: os recém-chegados eram criaturas inofensivas, barbudas e cabeludas, que se manifestavam em discursos difíceis. Tipos malucos, provavelmente. Mas como, sendo numerosos e vestindo uniforme, não matavam nem incendiavam, o matuto, sem entendê-los, gostava deles e ficava grato.

O governo utilizou contra esses homens o batalhão patriótico, uma tropa composta de bandidos, organizada por Floro Bartholomeu, chefe cearense, meio deputado, meio cangaceiro. Lampião cresceu muito, ganhou fama e devastou o Nordeste.

Washington Luís

Não obstante vir da boa escola da administração paulista, Washington Luís (1926-1930) trabalhou moderadamente. Pretendeu estabilizar a moeda e fez uma estrada de rodagem cara e inútil.

Voluntarioso, autoritário em excesso, confiou demais na própria fortaleza e se julgou seguro, tão seguro que, a 10 de fevereiro de 1927, suspendeu o estado de sítio, herança deixada por Artur Bernardes.

Era costume o Presidente intervir na escolha do seu substituto. Talvez isso não fosse mau de todo: com pequeno sacrifício, encolhendo-se um pouco os sagrados direitos do cidadão, estabelecia-se alguma ordem nos negócios públicos, evitavam-se perigosas soluções de continuidade.

Infelizmente Washington Luís não soube dourar a pílula: em vez de propor, impôs — e isto se tornou irritante. Na hora em que os políticos acharam oportuna a indicação, fechou-se, procrastinou. E quando se decidiu a falar, evitou conversas, foi intolerante. Era o pulso forte, o braço de ferro. Aquilo tinha

aparência de nomeação.

Não quis ver que, desgostando profundamente dois estados grandes, nada poderia ganhar: pareceu-lhe que a sua firmeza, ou antes, a sua teimosia enorme, bastava para conter o desgosto.

Afinal, com todo aquele rigor, mostrou-se quase ingênuo. Desprezou um adversário perigoso e contou com uma força que não possuía.

Certamente é um erro pensarmos que ele tenha determinado 1930, coisa muito séria para atribuir-se a um homem. É verdade, porém, que, se Washington Luís não fosse tão cabeçudo, a bomba não lhe teria rebentado na mão.

1930

1930 não foi apenas, como ainda há quem suponha, uma associação heterogênea de políticos descontentes e militares indisciplinados — e é o que o distingue de vários motins que aqui se realizaram, o passeio feito por Deodoro de S. Cristóvão ao Campo de Santana, por exemplo.

Em 15 de novembro de 89 houve grande facilidade, tão grande que os republicanos se espantaram. E o povo encolheu os ombros. Pouco antes da vitória o número de conspiradores era insignificante. Obtido o apoio de um chefe, todos baixaram a cabeça e obedeceram. Aquilo veio de cima para baixo. Propriamente não houve revolução. Houve uma ordem.

Em 1930 tivemos uma revolução. Faltou aí a figura dum general de prestígio que, declamando frases convenientes, tornasse a luta desnecessária. Veio a luta, bem dura em alguns pontos, e a muitos o malogro da tentativa parecia quase certo no começo: quarenta anos de República haviam dado ao povo a certeza de que o governo sempre ganha.

Certamente eram precisos chefes — e estes apareceram, mas ainda sem dragonas. Surgiram no decurso da contenda, foram impostos pelos acontecimentos, quase todos provincianos, civis e militares.

Coisa bastante surpreendente em 1930 foi a rápida mudança de valores sociais, o que determinou uma subversão quase completa na hierarquia. Vários cavalheiros importantes, autores e colaboradores da revolução, foram depressa relegados para a segunda classe, enquanto personagens obscuras, inteiramente desconhecidas, galgavam postos elevados. Entre os militares, tivemos o domínio dos tenentes. Se aquilo fosse uma agitação de superfície, provavelmente um dos três generais que se apossaram do poder teria nele permanecido. Getúlio Vargas não era general: foi inculcado pelo sargento, pelo cabo, pelo instrutor da linha de tiro, pela tropa que em um mês engrossou de modo assustador com paisanos repentinamente militarizados.

Outra particularidade de 1930: o barulho enorme teve fanáticos. Houve defecções, é claro, como em toda a parte, mas não podemos afirmar que todas elas tenham sido motivadas por cálculos. É mais provável que o contágio as haja produzido. Naturezas calmas e ordeiras surgiram de chofre incendiadas, com disposição para derramar sangue e virar tudo de pernas para o ar.

Junto a isso, dedicações absurdas. Washington Luís, o presidente obstinado, teve amigos, indivíduos que se sacrificaram, esperaram longamente a volta dele, nunca se acomodaram à nova ordem — e nem sempre esses sebastianistas eram criaturas que tivessem qualquer coisa a ganhar com o restabelecimento do governo caído. Em geral não lamentavam a falta do voto, instituição desmoralizada; repeliam, porém, o que tinha vindo para substituí-lo, coisa ilegal e com certeza transitória. Um rancor imenso transparecia nos comentários. Juravam que pessoas idôneas haviam sido alijadas por tipos incapazes, atacavam as medidas incongruentes, os decretos confusos e salpicados de solecismos.

No campo dos revolucionários grassavam ideias muito diversas, ordinariamente simples, um otimismo baboso e afirmações categóricas. Manifestavam todos a certeza de que isto ia se transformar do pé para a mão. Graves sintomas de tolice coletiva fervilhavam nos espíritos: ofereciam-se moedas de prata e cordões de ouro para acabar a dívida externa, e indivíduos interessantes, mistura de idealista e malandro, recebiam essas dádivas com

entusiasmo. De ordinário não tinham ódio ao vencido: votavam-lhe desprezo e alguma piedade.

Os que veem em 1930 uma vasta bagunça improvisada enganam-se. Antes de 1922 surgiam aqui e ali sinais de agitação. O primeiro 5 de julho foi um aviso a que os nossos estadistas não ligaram importância. O segundo 5 de julho espalhou no interior a semente revolucionária. E já aí os batalhões patrióticos deviam ter dado ao governo a certeza de que, em hora de cólicas, ele não contaria com o Exército. Por que o Exército não tinha coragem? Maluqueira. Sem tocar em fatos anteriores, lembremo-nos de que em Canudos houve bravura: excetuando-se a brigada Girard, todos lá se comportaram bem e, quando foi preciso, souberam morrer direito. O governo não dispunha do Exército porque muita gente começava a pensar, a discutir, a observar-se. Ideias sub-reptícias entravam na caserna, os soldados se capacitavam de que não valia a pena fazer sacrifícios para receber o Rei da Bélgica e os ossos de d. Pedro II.

Evidentemente não se tratava da liberdade de pensamento usada no Brasil. Isso nos deu o destampatório insultuoso que nada produziu. Lendo na folha a horrível diatribe, o leitor sensato aborrecia o deputado e o Presidente, uns ladrões, mas aborrecia também o articulista, um canalha. Inútil pôr o articulista no lugar do deputado. Tudo podre.

A propaganda feita antes de 1930 não tinha essa feição derrotista. Sem negar o que existia no Brasil, afirmava a possibilidade de se conseguirem coisas melhores — e isto era admirável. Muito cético se deixou seduzir.

Realmente faltava um programa. Como seria possível fazer uma revolução sem programa? Derrubar para quê? Conversa fiada, tempo gasto à toa, perdas de vida e fazenda — e no fim, conquistado o poder, ficarem todos olhando uns para os outros, indecisos. Os homens de 1930 não tinham um programa. E justificaram-se. Como teriam podido arranjar isso? Importar? Que é que deviam importar? Vivíamos num país onde os lugares se diferençavam muito uns dos outros. O Nordeste era superpovoado, o Amazonas era quase deserto. Tínhamos criaturas civilizadíssimas em Copacabana e selvagens de beiço furado no Mato

Grosso. Quem sabia disto lá fora?

Assim, os revolucionários deram uma explicação razoável ao público: tencionavam firmar-se na realidade brasileira. E como essa realidade tudo podia comportar, houve aqui um saco de gatos: inimigos ferozes se juntaram, ideias contraditórias tentaram harmonizar-se.

Tudo se separou, naturalmente. A realidade brasileira, badalada em artigo e discurso, virou lugar-comum. É inegável, porém, que das fórmulas de 1930 foi esta a melhor.

Sem mencioná-la, várias pessoas se ocupam com os problemas nacionais, em estudos sérios que exigem observação e paciência.

13 de janeiro de 1940.

Posfácio

Procura de Caminho

RUI MOURÃO

Alexandre

Os textos reunidos sob o título de *Alexandre e outros heróis* foram escritos depois que Graciliano Ramos havia publicado os seus romances fundamentais e antes de aparecer a obra autobiográfica. Essa consideração é relevante para que se tenha ideia do que eles significam na produção geral do autor. Em linhas muito gerais, pode-se dizer que a evolução do ficcionista — que não se repetia nunca, sempre estava à procura de saída por novos caminhos — se fez dentro de dois parâmetros fundamentais. A busca de uma expressão cada vez mais efetiva da realidade nordestina e o aprimoramento da linguagem, tanto no aspecto linguístico quanto no estrutural. A partir de certa altura, passaria a utilizar elementos da vivência histórica pessoal, na ânsia de conferir maior autenticidade ao testemunho do universo retratado. Além de trazer para os produtos imaginados a contundência de lâmina cortante, porque o interesse então era de dissecar até a violentação as suas experiências de mundo, essa diretriz marcaria definitivamente os livros de memórias, cuja tônica saliente é uma aspereza que atinge os limites da impiedade, manifestada contra a sua pessoa e contra os que

mais de perto o cercavam.

A estória denominada “Alexandre” principia nas páginas de abertura, inseridas sob o título de “Apresentação de Alexandre e Cesária”. À primeira vista, um prefácio é que estaria sendo posto a nossa disposição, mas se trata de ilusão. Essa parte do livro acha-se integrada no todo de maneira indissolúvel, funciona como os textos de abertura das chamadas narrativas enquadradas, típicas do século XIX, em que a voz que se eleva para o leitor naquele pórtico o faz para informar sobre um achado que traz a conhecimento público, descoberto em alfarrábios de biblioteca ou na guarda de terceiro. Em “Alexandre”, não se trata do desenterrar de um diário, confissão ou correspondência trocada entre amantes secretos, mentira pela primeira vez posta em circulação, num estratagema cuja finalidade era evocar o sonho, esboçar o mistério, inculcando no leitor a impressão de vaguidão, de indeterminado e de profundidade própria de um mundo ainda de precários meios de comunicação e informação e, portanto, de limites muito desconhecidos. O alter-ego de Graciliano, que comparece nas duas páginas supostamente anteriores ao relato principal, anuncia o conteúdo do que a seguir se vai ler, um conjunto de estórias não originais por ele coletadas, insiste em dizer, que circulavam oralmente no mundo nordestino. Sua contribuição ficaria sendo a de transformar em peça escrita o que pelo ouvido lhe havia chegado. Para mim, essa confissão de não autoria é tão falsa como aquelas dos fingidos descobridores de narrativas dos romances ancestrais, em que para lá do desejo de sustentar uma pose, o que interessava era insinuar a estrutura de uma época. A percepção que busca repassar é a de um Nordeste ainda envolto em atmosfera pré-capitalista, anterior ao rádio e à televisão, no qual contingentes da população humilde e analfabeta, na aceitação complacente do seu próprio destino, transitavam de fazenda em fazenda, transmitindo de boca em boca a saga de uma região de mistério e encantamento.

A solução estilística desse prefácio que não é desenvolve-se paralela à do capítulo inicial de *S. Bernardo*, onde Paulo Honório se refere aos preparativos para se pôr a escrever o livro sobre a sua vida, quando na verdade a obra já

principiara, estava em andamento desde o começo daquele discurso enganador. Vinha sendo descrito o personagem, perfeitamente caracterizado na sua psicologia e devidamente enquadrado em seu espaço geográfico e social. Sem a complexidade da estratégia adotada no livro sobre o fazendeiro usurpador, de ambição sem limites, que termina por destruir a própria vida, a falsa introdução à interminável conversa de Alexandre, não trazendo nenhum informe ou explicação de maior monta para o esclarecimento de aspectos exteriores que conviesse adiantar sobre a estória a ser contada, está igualmente apresentando o personagem principal com as suas características próprias, além de situá-lo no ambiente que começa a se definir. Como em *S. Bernardo*, desde logo os comparsas da narrativa vão sendo nominados e profissionalmente identificados. Escrito na primeira pessoa, o monólogo de Paulo Honório nos envolve e nos faz escorregar pelos desvãos de planos de percepção que se sucedem. Escrito na terceira pessoa, o fluir da estória de Alexandre impõe o distanciamento da objetividade contemplada do lado de fora, com personagens que se exibem, falam, gesticulam e se movimentam, não se oferecendo para serem encarnados por quem deles se aproxima com a intenção de compreendê-los.

No prefácio, como a figura do personagem principal vai se impondo? Naquelas duas páginas que ficam isoladas para estabelecer o tempo e o espaço vagos da narrativa — “No sertão do Nordeste vivia antigamente um homem cheio de conversas” — declara: “as histórias fanhosas” dele são as “que vamos contar aqui”. Aquele “meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro, já velho”, com um olho torto, falava cuspindo nas pessoas e “espumando como um sapo-cururu”. Habitava casa pequena com “meia dúzia de vacas no curral, um chiqueiro de cabras e roça de milho na vazante do rio”, possuía uma espingarda e a mulher. Na juventude, “tinha realizado ações notáveis”. Em domingos e dias santos, vizinhos e pessoas chegadas vinham se juntar em torno dele, sempre espichado na rede, fumando.

Esse retrato básico do personagem que de maneira quase absoluta açambarcará o volume inteiro será completado através das falas que despeja para

os seus eternos ouvintes. Escondendo-se por detrás de falsa modéstia, “em muitos casos espichados aqui para o senhores não mostrei valor” — tudo o que faz é rotulado como de pouco mérito, o que possui não passa de trastes velhos sem importância —, ele enruste uma vaidade sem limite. Trata-se de um grande gabola. O pai, ao falecer, deixara tanta riqueza “que os oficiais de justiça arregalaram os olhos”. Terra, gado em número incontável, muito patacão de ouro. O quinhão dele havia sido a fazenda, os animais, casa na cidade, “uma tapera” que mandou reformar. Gastou fortuna mobiliando-a para, nos dias de grandeza, receber a visita “do prefeito, do juiz, do vigário, do chefe político, de todas as autoridades do lugar”. Pela vida afora, sempre teve facilidade de ganhar dinheiro. De vez em quando transitava do estado de pobreza para o de abastança, graças a seu talento incomum para negociar. Reconhece que não lhe faltavam habilidades: “enxergo no escuro, aguento-me numa sela e atiro regularmente”. Esses rompantes de afirmação de um orgulho que não consegue esconder são sempre entremeados de afirmações de pouco interesse pelas glórias do mundo. O jogo duplo das declarações contraditórias mantém-se ininterrupto. O que procura é manter-se firme, de coluna ereta, em sua dignidade. Não deseja perder o respeito dos que o cercam.

Mentiroso nato, os excessos verbais representam um risco que está sempre a correr. Levado pelo entusiasmo da loquacidade fácil, muitas vezes não se segura. Devido à grande consideração que desfruta junto aos ouvintes, os seus deslizes seriam tolerados, não fosse a presença de Firmino que, por ser cego, procede com certo estouvamento dentro da realidade. Refugiado na sua escuridão, o preto está continuamente desejando corrigir o mundo cá fora: “Vossemecê não se ofenda, eu não gosto de ofender ninguém. Mas nasci com o coração fora da goela. Tenho culpa de ter nascido assim? (...) Essa história da onça era diferente a semana passada. Seu Alexandre já montou na onça três vezes, e no princípio não falou no espinheiro.” As discussões se esquentam: “Seu Firmino, eu moro nesta ribeira há um bando de anos, todo o mundo me conhece, e nunca ninguém pôs em dúvida a minha palavra.” Em estratégia para que os presentes interfiram

em seu favor, Alexandre demonstra mais ressentimento do que na verdade tem. Anuncia que vai se calar. Recomposta a situação, com as intervenções que acontecem, retoma a sua fala. Mostra-se superior aos melindres. Firmino, em casa alheia, recebido por deferência exatamente de quem tenta contestar, despacha as suas observações em tom firme, mas com cautela educada. Respondendo desabusadamente, com momentâneo desapreço para com o contendor, Alexandre reafirma a sua condição de pessoa intocável e superior, que navega em planos mais elevados.

A estória inteira constitui-se quase só de diálogos. As passagens em que é esboçada uma situação — o grupo de ouvintes acocorado na sala, seu Libório pinicando a viola e "gemendo baixinho uns versos de embolada", o dono da casa sentado na pedra de amolar, pregando correia nova na alpercata — são exíguas e parecem corresponder apenas a uma exigência de ritmo do conjunto. O que prepondera são os diálogos e, principalmente, o discurso ininterrupto de Alexandre que, invariavelmente deitado, não lança mão sequer de gestos para impor a sua oratória. A sua função é a de falar para atender a necessidade de ouvir dos que estão em volta. O que busca é impor o aspecto encantatório do seu discurso. O que os frequentadores daqueles serões mais desejam é serem escravizados pela magia das palavras que se encadeiam em desdobramentos sem fim. Isso fica mais patente quando o texto nos informa o conteúdo daqueles desempenhos linguísticos continuamente repetidos. É o que vem insinuado no reparo de Firmino: "Essa história da onça era diferente a semana passada. Seu Alexandre já montou na onça três vezes, e no princípio não falou no espinheiro." Firmino interfere nos relatos quando vê quebrada a coerência do real. Nada tem a objetar com relação ao caráter repetitivo do que escuta. Diante do anúncio do que será contado num dia, a reação de todos é a mesma. Eles se entusiasmam: "Está certo, Seu Alexandre. Bote o bode para fora", manifestam ao mesmo tempo Firmino e mestre Gaudêncio. "Venha o bode, meu padrinho, exclamou Das Dores batendo palmas." As interferências inoportunas do cego provocam imediatas manobras apaziguadoras. Defendendo o marido, Cesária chega a

tornar-se áspera: “A opinião de seu Firmino mostra que ele não é traquejado. Quando a gente conta um caso, conta o principal, não vai esmiuçar tudo.” Nem a música tem condições de competir com o desempenho verbal. Quando Alexandre se dispõe a abrir a boca, o violeiro que vinha atracando uma cantiga cala-se e abafa com as mãos o rumor das cordas. Instigado pelo dono da casa a prosseguir, seu Libório desconversa: “Continuo não. Quem sou eu? Vim escutar.”

De maneira muito diferente Graciliano exploraria em *Vidas Secas* o lado encantatório da linguagem. Trancados na cafua e desejando exteriorizar a grande alegria pela chegada do inverno que desencadeia a chuva lá fora, a família de Fabiano, no seu primitivismo, atrapalhada com as palavras, que não consegue dominar, não tem como exprimir de maneira lógica aquele sentimento. Só pode produzir sons caóticos, cruzados e superpostos para, através desse derramamento emocional, transmitir o mínimo do que lhes transborda da alma. Em Alexandre, como vimos, a dificuldade de comunicação não está em jogo. O diálogo é o elemento por excelência utilizado pelo personagem, um virtuose da oralidade que atrai as pessoas exatamente pela habilidade que possui de manter todos cativos da sua fala. O entendimento dos que o ouvem é perfeito, a ponto de um dos presentes estar continuamente demonstrando possuir condições de avaliar e contestar o que lhe é transmitido. Na obra agora examinada, não é a necessidade do intercâmbio afetivo ou de ideias que se acha em jogo. O grupo que tem encontro quase diário em torno da rede de Alexandre possui diverso tipo de carência a satisfazer. Habitando aquela desfavorecida beirada de mundo, no padecimento de uma vida sem perspectiva e só de dificuldades, aquele povinho se reúne para, juntos, num momento de arrefecimento de tensões, terem assegurada a sua quota de entrega pessoal e evasão.

Ao arrebatar praticamente a totalidade do texto, a loquacidade de Alexandre afasta a presença do narrador, que se limita a construir esboços preparadores da entrada do personagem em cena ou a anotar pequenos detalhes, quando isso se torna necessário para maior clareza, para indicar a entonação de algumas falas

ou informar sobre a movimentação dos figurantes. Sob esse aspecto, o livro se situa em polo oposto ao de *S. Bernardo* e *Angústia*, romances em que o uso do monólogo torna-se porta aberta para o autor real encarnar na pele do autor implícito e se despejar numa invasão açambarcadora que tende a assumir praticamente a totalidade do espaço disponível. Mas é preciso considerar, essa característica de Alexandre não se explica apenas pelo emprego da terceira pessoa. Em *Vidas Secas*, adotada a mesma solução, a subjetividade do escritor registra presença tão marcante quanto a que se observa naqueles livros cuja condução narrativa ficou a cargo do protagonista principal. Nessa estória desenrolada na caatinga, a técnica do estilo indireto vivo permitiu até certo ponto a fusão do criador com as suas criaturas, embora essas permaneçam de certa forma interditas, pela sua condição de seres quase mudos, sempre dependentes da palavra de outrem. Na estória do contador de casos, Graciliano Ramos não utilizou nenhum desses recursos, porque o propósito deliberado parece ter sido o de se manter recuado. O emprego de alguns vocábulos de força estilística própria ou de sabor regional é que ainda sobra, dando sinais de sua visão de mundo.

O despojamento linguístico tornado a marca de fábrica do autor alagoano e a frequente prática de tirar proveito das palavras brutalizadas para exprimir uma visão desabusadamente rude, cáustica, muitas vezes paradoxal da realidade, vão ceder o passo, em Alexandre, a uma linguagem que se dirige para o coloquial, transigindo com certo afrouxamento, uma vez que a disposição para a pesquisa estética sem dúvida entrou em recesso. A espontaneidade que passou a ser perseguida, sem tratamento estilístico mais rigoroso, é responsável por certo afrouxamento geral, transigência com repetições injustificadas e até com o lugar-comum, embora ocorrências do último caso — “metia a viola no saco”, “cruzar os braços”, “...custava os olhos da cara”, “Íamos ter farinha de dar com o pau”, “Meteu o rabo entre as pernas” — apareçam contrabalançadas por achados expressivos: “Esse caso que vossemecê escorreu”, “Quando acerto num caminho vou até topar”, “...mas pelo menos eu arrumaria boa figura”, “andei caçando o diacho do olho (...) quando o infeliz me bateu na cara de supetão”. Sempre se

tentará justificar tal espírito de tolerância com o propósito de levantar o retrato de um contador de caso típico do sertão, mas nesse caso tem-se que admitir, em “Alexandre”, que o escritor passou a transigir com o pitoresco.

De certa forma, este livro representa uma rendição de Graciliano Ramos, que resolveu dar trégua à contundência com que procurava revelar as condições inóspitas da região em que nasceu. O leitor sai das páginas de Alexandre com a impressão de que o autor tenha por momentos interrompido a sua disposição de combatividade e procurado conviver com a realidade que tanto desejou transformar. Depois de perseguir o enredo imaginoso nos seus textos, o ficcionista aceitaria agora até mesmo a anedota. O drama cedeu o passo ao humor e ao exótico. A personalidade de Alexandre, bem trabalhada, é a viga mestra que sustenta o todo da narrativa; entretanto, ela não se mostra suficientemente forte para justificar certa margem de elemento tosco, certa falta de acabamento dos relatos mais fantasiosos que apresenta a seus ouvintes. Tocado na sensibilidade pela dimensão mítica e lendária do Nordeste, o romancista foi buscar nas *Aventuras do Barão de Münchhausen*, do alemão Gottfried Ausgust Buerger, o modelo para os racontos de uma saga que chama a atenção para características psicológicas invariáveis do ser humano e exprime certos padrões universais de comportamento. Na tradição brasileira, Alexandre guarda semelhança com as estórias de Pedro Malazarte, que animavam os serões da família patriarcal na calmaria de uma oralidade cedo derrotada pelos ruídos da era eletrônica, o que significa uma adesão ao folclore.

A declaração de que o conteúdo das falas do personagem seria resultado de coleta regional não chega a convencer. Parece certo é que Graciliano apenas tenha adotado a forma das manifestações populares como elemento estruturador da sua composição. Alexandre, ao lado da companheira que lhe dá completa assistência — às vezes tomando a iniciativa de dar início a certos relatos — e o cortejo completo dos vizinhos reunidos na varanda, estão dentro é de um romance. Como as ações se concentram no discurso que permanentemente se renova, a composição evolui monótona, mas no conjunto se constitui de

princípio, meio e fim. Uma estória vai encaminhando outra, como se vê na leitura de “Primeira aventura de Alexandre”, seguida de “O olho torto de Alexandre”, depois de “História de um bode”. Quando isso não ocorre, surge o caso de “Um papagaio falador”, que terá continuidade capítulos adiante em “Um missionário”. Há frequentes referências de uma estória para outra, feitas tanto por Alexandre quanto por Cesária, e o leitor, de tempos em tempos, é apresentado a um advogado, dr. Silva, que atua na cidade, e acaba passando para dentro da última invenção de Alexandre, ao figurar em pesadelo. Comprovando o caráter cambiante da arte da escrita, que é feito de avanços e recuos, afirmações e negaças, com o propósito de sugerir as camadas de imprecisão e aparência de contradição da própria realidade, o romancista, depois de anunciar na epígrafe do livro que “As histórias de Alexandre não são originais: pertencem ao folclore do Nordeste...”, no falso prefácio em que trabalha exatamente com a estratégia da narrativa, deixará registrado: “Alexandre ficou satisfeito e começou a referir-se ao olho enviesado com orgulho. O defeito desapareceu e a história do espinho foi nascendo, como tinham nascido todas as histórias dele, com a colaboração de Cesária.”

Meninos

A segunda narrativa que integra o volume *Alexandre e outros heróis*, escrita para concorrer a prêmio de literatura infantil do Ministério da Educação, não foge à abordagem do tema que persegue Graciliano através do conjunto de suas obras. O desajuste do ser que habita um mundo onde a adaptação não passa de quimera é o drama fundamental que move, de livro para livro, os personagens do autor. Em *Caetés*, João Valério entrega-se aos sonhos, na esperança de superar as limitações da existência provinciana de pouca valia, e termina por encontrar a fatalidade, ao reconhecer-se na pele de nada menos do que um selvagem. *S. Bernardo* é a aventura do homem que se acredita investido de poderes

extraordinários, em condições de dobrar o mundo à sua maneira, porém vai terminar em crise existencial, ao verificar que a vontade férrea, a tenacidade e a violência são apenas um caminho a mais para a derrota das nossas ilusões. Luís da Silva, movendo-se dentro da atmosfera irrespirável de *Angústia*, sente-se prisioneiro no círculo das derrotas diárias da classe média, e o desespero diante da falta de perspectiva o conduzirá até o crime. A família de retirantes de *Vidas Secas*, em meio ao flagelo infindável, não passa de cruel retrato de inadaptação ao sertão adverso. Em "Alexandre", como vimos, foi através da fuga para a evasão, para o sonho, que o problema se colocou. E não seria outro o tratamento que aparece em "A terra dos meninos pelados". Só que, então, houve completo rompimento com a realidade objetiva. O ficcionista passou a trabalhar com arquétipos e ambientação onírica, para surpresa de quantos imaginavam jamais seria quebrada a fidelidade ao contexto nordestino, de tantos resultados enriquecedores de sua criação.

Movimentando elementos de pura fantasia — que não têm nada a ver com suprarrealismo ou realismo mágico — a estória mostra que a inadaptação do ser humano, constrangido no meio em que vive, prevalece mesmo num plano em que o condicionamento cultural foi abolido. O desajuste, no caso, seria insolúvel, por resultar de erro que não depende do indivíduo, por se tratar de deformação de origem. Raimundo, que nasceu com a cabeça pelada, o olho direito preto e o esquerdo azul, para escapar à perseguição dos companheiros que não lhe perdoam a diferença congênita, refugia-se no mundo da imaginação, onde vai encontrar Fringo, garoto que, por ser sardento, difere dos demais e se sente desajustado. Mirando-se sempre nas poças de água, ele alimenta um projeto. Diz: "podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto. Não ficava bom?" Quando Raimundo quer saber para quê, Fringo responde: "Ficava mais certo, ficava tudo igual." O problema da inadaptação assim apresentado, como resultante de um erro da natureza, implica um desvio de orientação ideológica de Graciliano, que sempre condenou a deficiência da organização social, mas acreditava no aperfeiçoamento do homem como solução.

República

Mais um texto escrito para concorrer a prêmio, desta vez da revista *Diretrizes*. Abordando a queda do Império e a evolução da chamada República Velha, é uma espécie de crônica histórica. Vale pelo tom irreverente, acentuado na primeira parte, muito semelhante ao do famoso relatório do prefeito de Palmeira dos Índios, dirigido ao governador do estado, que iria possibilitar a descoberta, pelo editor Augusto Frederico Schmidt, do escritor Graciliano Ramos.

O esquema das motivações político-sociais, a princípio mostrado em suas linhas amplas, esbate-se à medida que sucedem os períodos governamentais, em meio a sucessivas tropelias militares e estado de sítio quase permanente, com as autoridades escolhidas por meio das falcatruas do voto de cabresto sendo substituídas ou depostas, sempre com desonra para o país. As personalidades surgem em cena quase sem pano de fundo e atuam como pedras de xadrez de um jogo de certa forma arbitrário.

Tudo isso fica grandemente exposto quando é abordada a guerra de Canudos, entendida como mera resultante do fanatismo de um louco que conseguiu reunir, em torno de si, “a pior canalha da roça”. A perspectiva do autor para compreender os fatos anormais acontecidos no sertão da Bahia parece ser a mesma do governo da época, que acreditando estar diante de um fenômeno de pura rebeldia se limitou a enviar, para a área do conflito, expedições militares sucessivas, cada vez mais armadas. É como se a epopeia de Antônio Conselheiro não tivesse passado para dentro da cultura brasileira na condição de episódio que, sacudindo a consciência do país, a escancarou para uma compreensão nova de nós mesmos. Como se Euclides da Cunha não tivesse escrito *Os Sertões*.

Publicado *Vidas Secas*, Graciliano Ramos havia encerrado um ciclo. A pesquisa que viera desenvolvendo havia atingido limite difícil de ser superado. Nesse último romance, a linguagem produzira verdadeira simbiose da camada

linguística com a realidade a ser expressa e a estrutura narrativa evoluíra no sentido do despojamento, produzindo a desmontagem de todos os artifícios. O resultado se consumou numa obra revolucionária que se situou no plano da mais absoluta contemporaneidade, refletindo o que há de descontínuo e inconcluso na percepção do homem atual. *Vidas Secas* criaria, para o escritor, uma situação de impasse. Avançar além daquele ponto, lhe parecia empreitada quase impossível. Talvez valesse tentar uma mudança de rota. Recomeçar do zero, pondo de lado o que fizera até ali. Optando por um campo de experimentações que lhe permitiria talvez maior descontração, decidiu realizar experiências de literatura para jovens.

Como nessa fase nem mesmo a narrativa mais longa e mais ambiciosa, "Alexandre", deve ter-lhe inspirado confiança, a solução que finalmente entreviu seria a do retorno à linha de pesquisa anterior. Continuar trabalhando a linguagem de escritor, perseguindo se possível crescente exigência, para o entendimento do mundo. Foi quando se entregou à memorialística. Caminhar nesse sentido significava, além do mais, uma retomada da obra anterior, na medida em que iria aprofundar resíduos de experiência pessoal que haviam impregnado, por exemplo, *Angústia*. Daí para a frente, Graciliano se concentraria no trabalho de produzir *Infância* e *Memórias do cárcere*, este publicado postumamente.

Vida e obra de Graciliano Ramos

Cronologia

1892 Nasce a 27 de outubro em Quebrangulo, Alagoas.

1895 O pai, Sebastião Ramos, compra a Fazenda Pintadinho, em Buíque, no sertão de Pernambuco, e muda com a família. Com a seca, a criação não prospera e o pai acaba por abrir uma loja na vila.

1898 Primeiros exercícios de leitura.

1899 A família se muda para Viçosa, Alagoas.

1904 Publica o conto "Pequeno pedinte" em *O Dilúculo*, jornal do internato onde estudava.

1905 Muda-se para Maceió e passa a estudar no colégio Quinze de Março.

1906 Redige o periódico *Echo Viçosense*, que teve apenas dois números.

Publica sonetos na revista carioca *O Malho*, sob o pseudônimo Feliciano de Olivença.

1909 Passa a colaborar no *Jornal de Alagoas*, publicando o soneto "Céptico", como Almeida Cunha. Nesse jornal, publicou diversos textos com vários pseudônimos.

1910-1914 Cuida da casa comercial do pai em Palmeira dos Índios.

1914 Sai de Palmeira dos Índios no dia 16 de agosto, embarca no navio *Itassucê* para o Rio de Janeiro, no dia 27, com o amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho. Entra para o *Correio da Manhã*, como revisor. Trabalha também nos jornais *A Tarde* e *O Século*, além de colaborar com os jornais *Paraíba do Sul* e *O*

Jornal de Alagoas (cujos textos compõem a obra póstuma *Linhas tortas*).

1915 Retorna às pressas para Palmeira dos Índios. Os irmãos Otacílio, Leonor e Clodoaldo, e o sobrinho Heleno, morrem vítimas da epidemia da peste bubônica.

Casa-se com Maria Augusta de Barros, com quem tem quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria Augusta.

1917 Assume a loja de tecidos A Sincera.

1920 Morte de Maria Augusta, devido a complicações no parto.

1921 Passa a colaborar com o semanário *O Índio*, sob os pseudônimos J. Calisto e Anastácio Anacleto.

1925 Inicia *Caetés*, concluído em 1928, mas revisto várias vezes, até 1930.

1927 É eleito prefeito de Palmeira dos Índios.

1928 Toma posse do cargo de prefeito.

Casa-se com Heloísa Leite de Medeiros, com quem tem outros quatro filhos: Ricardo, Roberto, Luiza e Clara.

1929 Envia ao governador de Alagoas o relatório de prestação de contas do município. O relatório, pela sua qualidade literária, chega às mãos de Augusto Schmidt, editor, que procura Graciliano para saber se ele tem outros escritos que possam ser publicados.

1930 Publica artigos no *Jornal de Alagoas*.

Renuncia ao cargo de prefeito em 10 de abril.

Em maio, muda-se com a família para Maceió, onde é nomeado diretor da Imprensa Oficial de Alagoas.

1931 Demite-se do cargo de diretor.

1932 Escreve os primeiros capítulos de *S. Bernardo*.

1933 Publicação de *Caetés*.

Início de *Angústia*.

É nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo equivalente a Secretário Estadual de Educação.

1934 Publicação de *S. Bernardo*.

1936 Em março, é preso em Maceió e levado para o Rio de Janeiro.

Publicação de *Angústia*.

1937 É libertado no Rio de Janeiro.

Escreve *A terra dos meninos pelados*, que recebe o prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação.

1938 Publicação de *Vidas secas*.

1939 É nomeado Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro.

1940 Traduz *Memórias de um negro*, do norte-americano Booker Washington.

1942 Publicação de *Brandão entre o mar e o amor*, romance em colaboração com Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Aníbal Machado, sendo a sua parte intitulada “Mário”.

1944 Publicação de *Histórias de Alexandre*.

1945 Publicação de *Infância*.

Publicação de *Dois dedos*.

Filia-se ao Partido Comunista Brasileiro.

1946 Publicação de *Histórias incompletas*.

1947 Publicação de *Insônia*.

1950 Traduz o romance *A peste*, de Albert Camus.

1951 Torna-se presidente da Associação Brasileira de Escritores.

1952 Viaja pela União Soviética, Tchecoslováquia, França e Portugal.

1953 Morre no dia 20 de março, no Rio de Janeiro.

Publicação póstuma de *Memórias do cárcere*.

1954 Publicação de *Viagem*.

1962 Publicação de *Linhas tortas* e *Viventes das Alagoas*.

Vidas secas recebe o Prêmio da Fundação William Faulkner como o livro representativo da literatura brasileira contemporânea.

1980 Heloísa Ramos doa o Arquivo Graciliano Ramos ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, reunindo manuscritos, documentos pessoais, correspondência, fotografias, traduções e alguns livros.

Publicação de *Cartas*.

1992 Publicação de *Cartas de amor a Heloísa*.

Bibliografia de autoria de Graciliano Ramos

Caetés
Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. 6ª ed. São Paulo: Martins, 1961. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1973. [32ª ed., 2012]

S. Bernardo
Rio de Janeiro: Ariel, 1934. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 7ª ed. São Paulo: Martins, 1964. 24ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [93ª ed., 2012]

Angústia
Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936. 8ª ed. São Paulo: Martins, 1961. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [67ª ed., 2012]

Vidas secas
Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938. 6ª ed. São Paulo: Martins, 1960. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [119ª ed., 2012]

A terra dos meninos pelados
Ilustrações de Nelson Boeira Faedrich. Porto Alegre: Globo, 1939. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro, INL, 1975. 4ª ed. Ilustrações de Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1981. 24ª ed. Ilustrações de Roger Mello. Rio de Janeiro: Record, 2000. [43ª ed., 2012]

Histórias de Alexandre
Ilustrações de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Leitura, 1944. Ilustrações de André Neves. Rio de Janeiro: Record, 2007. [7ª ed., 2011]

Dois dedos

Ilustrações em madeira de Axel de Leskoschek. R. A., 1945. Conteúdo: Dois dedos, O relógio do hospital, Paulo, A prisão de J. Carmo Gomes, Silveira Pereira, Um pobre-diabo, Ciúmes, Minsk, Insônia, Um ladrão.

Infância (memórias)
Rio de Janeiro: J. Olympio, 1945. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1961. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [47ª ed., 2012]

Histórias incompletas
Rio de Janeiro: Globo, 1946. Conteúdo: Um ladrão, Luciana, Minsk, Cadeia, Festa, Baleia, Um incêndio, Chico Brabo, Um intervalo, Venta-romba.

Insônia
Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. 5ª ed. São Paulo: Martins, 1961. Ed. Crítica. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1973. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [30ª ed., 2010]

Memórias do cárcere
Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953. 4 v. Conteúdo: v. 1 Viagens; v. 2 Pavilhão dos primários; v. 3 Colônia correcional; v. 4 Casa de correção. 4ª ed. São Paulo: Martins, 1960. 2 v. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. 2 v. Conteúdo: v. 1, pt. 1 Viagens; v. 1, pt. 2 Pavilhão dos primários; v. 2, pt. 3 Colônia correcional; v. 2, pt. 4 Casa de correção. [45ª ed., 2011]

Viagem
Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1961. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [21ª ed., 2007]

Contos e novelas (organizador)
Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1957. 3 v. Conteúdo: v. 1 Norte e Nordeste; v. 2 Leste; v. 3 Sul e Centro-Oeste.

Linhas tortas
São Paulo: Martins, 1962. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975. 280 p. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. [21ª ed., 2005]

Viventes das Alagoas
Quadros e costumes do Nordeste. São Paulo: Martins, 1962. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. [19ª ed., 2007]

Alexandre e outros heróis
São Paulo: Martins, 1962. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1978. [57ª ed., 2012]

Cartas
Desenhos de Portinari... [et al.]; caricaturas de Augusto Rodrigues, Mendez, Alvarus. Rio de Janeiro: Record, 1980. [8ª ed., 2011]

Cartas de amor a Heloísa
Edição comemorativa do centenário de Graciliano Ramos. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. [3ª ed., 1996]

O estribo de prata
Ilustrações de Floriano Teixeira. Rio de Janeiro: Record, 1984. (Coleção Abre-te Sésamo). 5ª ed. Ilustrações de Simone Matias. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2012.

Antologias, entrevistas e obras em colaboração

CHAKER, Mustafá (Org.). *A literatura no Brasil*. Graciliano Ramos ... [et al.]. Kuwait: [s. n.], 1986. 293 p. Conteúdo: Dados biográficos de escritores brasileiros: Castro Alves, Joaquim de Souza Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Haroldo de Campos, Manuel Bandeira, Manuel de Macedo, José de Alencar, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Jorge Amado, Clarice Lispector e Zélia Gattai. Texto e título em árabe.

FONTES, Amando et al. *10 romancistas falam de seus personagens*. Amando Fontes, Cornélio Penna, Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Geraldo Vieira, José Lins do Rego, Lucio Cardoso, Octavio de Faria, Rachel de Queiroz; prefácio de Tristão de Athayde; ilustradores: Athos Bulcão, Augusto Rodrigues, Carlos Leão, Clóvis Graciano, Cornélio Penna, Luís Jardim, Santa Rosa. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1946. 66 p., il., folhas soltas.

MACHADO, Aníbal M. et al. *Brandão entre o mar e o amor*. Romance por Aníbal M. Machado, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. São Paulo: Martins, 1942. 154 p. Título da parte de autoria de Graciliano Ramos: “Mário”.

QUEIROZ, Rachel de. *Caminho de pedras*. Poesia de Manuel Bandeira; Estudo de Olívio Montenegro; Crônica de Graciliano Ramos. 10ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1987. 96 p. Edição comemorativa do Jubileu de Ouro do Romance.

RAMOS, Graciliano. *Angústia 75 anos*. Edição comemorativa organizada por Elizabeth Ramos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 384 p.

RAMOS, Graciliano. *Coletânea*: seleção de textos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. 315 p. (Coleção Fortuna Crítica, 2).

RAMOS, Graciliano. “Conversa com Graciliano Ramos”. *Temário* — Revista de Literatura e Arte, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 24-29, jan.-abr., 1952. “A entrevista foi conseguida desta forma: perguntas do suposto repórter e respostas literalmente dos romances e contos de Graciliano Ramos.”

RAMOS, Graciliano. *Graciliano Ramos*. Coletânea organizada por Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. 316 p. (Coleção Fortuna Crítica, 2). Inclui bibliografia. Contém dados biográficos.

RAMOS, Graciliano. *Graciliano Ramos*. 1ª ed. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por: Vivina de Assis Viana. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 111 p., il. (Literatura Comentada). Bibliografia: p. 110-111.

RAMOS, Graciliano. *Graciliano Ramos*. Seleção e prefácio de João Alves das Neves. Coimbra: Atlântida, 1963. 212 p. (Antologia do Conto Moderno).

RAMOS, Graciliano. *Graciliano Ramos*: trechos escolhidos. Por Antonio Candido. Rio de Janeiro: Agir, 1961. 99 p. (Nossos Clássicos, 53).

RAMOS, Graciliano. *Histórias agrestes*: contos escolhidos. Seleção e prefácio de Ricardo Ramos. São Paulo: Cultrix, [1960]. 201 p. (Contistas do Brasil, 1).

RAMOS, Graciliano. *Histórias agrestes*: antologia escolar. Seleção e prefácio Ricardo Ramos; ilustrações de Quirino Campofiorito. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1967]. 207 p., il. (Clássicos Brasileiros).

RAMOS, Graciliano. “Ideias Novas”. Separata de: *Rev. do Brasil*, [s. l.], ano 5, n. 49, 1942.

RAMOS, Graciliano. *Para gostar de ler*: contos. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1988. 95 p., il.

RAMOS, Graciliano. *Para gostar de ler*: contos. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1994. 95 p., il. (Para Gostar de Ler, 8).

RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. [Organização de Mário Hélio Gomes de Lima.] Rio de Janeiro: Editora Record, 1994. 140 p. Relatórios e artigos publicados entre 1928 e 1953.

RAMOS, Graciliano. *Seleção de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1966. 3 v. (333 p.), il. (Contos brasileiros).

RAMOS, Graciliano. [Sete] *7 histórias verdadeiras*. Capa e ilustrações de Percy Deane; [prefácio do autor]. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1951. 73 p. Contém índice. Conteúdo: Primeira história verdadeira. O olho torto de Alexandre, O estribo de prata, A safra dos tatus, História de uma bota, Uma canoa furada, Moqueca.

RAMOS, Graciliano. “Seu Mota”. *Temário* — Revista de Literatura e Arte, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 21-23, jan.-abr., 1952.

RAMOS, Graciliano et al. *Amigos*. Ilustrações de Zeflávio Teixeira. 8ª ed. São Paulo: Atual, 1999. 66 p., il. (Vínculos), brochura.

RAMOS, Graciliano (Org.). *Seleção de contos brasileiros*. Ilustrações de Cleo. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1981]. 3 v.: il. (Ediouro. Coleção Prestígio). “A apresentação segue um critério geográfico, incluindo escritores antigos e modernos de todo o país.” Conteúdo: v. 1 Norte e Nordeste; v. 2 Leste; v. 3 Sul e Centro-Oeste.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas 70 anos*: Edição especial. Fotografias de Evandro Teixeira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 208 p.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Introdução de Paulo Rónai; poema de Carlos Drummond de Andrade; nota biográfica de Renard Perez; crônica de Graciliano Ramos. 5ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. 176 p.

WASHINGTON, Booker T. *Memórias de um negro*. [Tradução de Graciliano Ramos.] São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940. 226 p.

Obras traduzidas

Alemão
Angst [Angústia]. Surkamp Verlag, 1978.
Nach eden ist es weit [Vidas secas]. Horst Erdmann Verlag, 1965.
São Bernardo: roman. Frankfurt: Fischer Bucherei, 1965.
Karges Leben [Vidas secas]. 1981.
Raimundo im Land Tatipirún [A terra dos meninos pelados].
Zürich: Verlag Nagel & Kimche. 1996.

Búlgaro
Cyx Knbot [Vidas secas]. 1969.

Catalão
Vides seques. Martorell: Adesiara Editorial, 2011.

Dinamarquês
Tørke [Vidas secas]. 1986.

Espanhol
Angustia. Madri: Ediciones Alfaguara, 1978.
Angustia. México: Páramo Ediciones, 2008.
Angustia. Montevidéu: Independencia, 1944.
Infancia. Buenos Aires, Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2010.
Infancia. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1948.
San Bernardo. Caracas: Monte Avila Editores, 1980.
Vidas secas. Buenos Aires: Editorial Futuro, 1947.
Vidas secas. Buenos Aires: Editora Capricornio, 1958.

Vidas secas. Havana: Casa de las Américas, [1964].
Vidas secas. Montevidéu: Nuestra América, 1970.
Vidas secas. Madri: Espasa-Calpe, 1974.
Vidas secas. Buenos Aires: Corregidor, 2001.
Vidas secas. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 2004.

Esperanto
Vivoj Sekaj, [Vidas secas]. El la portugala tradukis Leopoldo H. Knoedt. Fonto (Gersi Alfredo Bays), Chapecó, SC — Brazilo, 1997.

Finlandês
São Bernardo. Helsinki: Porvoo, 1961.

Flamengo
De Doem van de Droogte [Vidas secas]. 1971.
Vlucht Voor de Droogte [Vidas secas]. Antuérpia: Nederlandse vertaling Het Wereldvenster, Bussum, 1981.

Francês
Angoisse [Angústia]. Paris: Gallimard, 1992.
Enfance [Infância]. Paris: Gallimard.
Insomnie: Nouvelles [Insônia]. Paris: Gallimard, 1998.
Mémoires de Prison [Memórias do Cárcere]. Paris: Gallimard.
São Bernardo. Paris: Gallimard, 1936, 1986.
Secheresse [Vidas secas]. Paris: Gallimard, 1964.

Húngaro
Aszaly [Vidas secas]. Budapeste: Europa Könyvriadó, 1967.
Emberfarkas [S. Bernardo]. Budapeste, 1962.

Holandês
Dorre Levens [Vidas secas]. Amsterdam: Coppens & Frenks, Uitgevers, 1998.
São Bernardo. Amsterdam: Coppens & Frenks, Uitgevers, 1996.
Angst [Angústia]. Amsterdam: Coppens & Frenks, Uitgevers, 1995.

Inglês
Anguish [Angústia]. Nova York: A. A. Knopf, 1946; Westport, Conn.: Greenwood Press, 1972.
Barren Lives [Vidas secas]. Austin: University of Texas Press, 1965; 5ª ed, 1999.
Childhood [Infância]. Londres: P. Owen, 1979.
São Bernardo: a novel. Londres: P. Owen, 1975.

Italiano
Angoscia [Angústia]. Milão: Fratelli Bocca, 1954.
Insonnia [Insônia]. Roma: Edizioni Fahrenheit 451, 2008.
San Bernardo. Turim: Bollati Boringhieri Editore, 1993.
Siccità [Vidas secas]. Milão: Accademia Editrice, 1963.
Terra Bruciata [Vidas secas]. Milão: Nuova Accademia, 1961.
Vite Secche [Vidas secas]. Roma: Biblioteca Del Vascello, 1993.

Polonês
Zwiedle Zycie [Vidas secas]. 1950.

Romeno
Vieti Seci [Vidas secas]. 1966.

Sueco
Förtorkade Liv [Vidas secas]. 1993.

Tcheco
Vyprahlé Zivoty [Vidas secas]. Praga, 1959.

Turco
Kiraç [Vidas secas]. Istambul, 1985.

Bibliografia sobre Graciliano Ramos

Livros, dissertações, teses e artigos de periódicos

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *A escrita neorrealista*: análise socioestilística dos romances de Carlos de Oliveira e Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1981. xii, 127 p. Bibliografia: p. [120]-127 (Ensaios, 73).

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos, cidadão e artista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983. 357 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos, cidadão e artista*. Brasília, DF: Editora UnB, c1997. 384 p. Bibliografia: p. [375]-384.

ABREU, Carmem Lucia Borges de. *Tipos e valores do discurso citado em* Angústia. Niterói: UFF, 1977. 148 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

ALENCAR, Ubireval (Org.). *Motivos de um centenário*: palestras — programação centenária em Alagoas — convidados do simpósio internacional. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas: Instituto Arnon de Mello: Estado de Alagoas, Secretaria de Comunicação Social, 1992. 35 p., il.

ALMEIDA FILHO, Leonardo. *Graciliano Ramos e o mundo interior*: o desvão imenso do espírito. Brasília, DF: Editora UnB, 2008. 164 p.

ANDREOLI-RALLE, Elena. *Regards sur la littérature brésilienne*. Besançon: Faculté des Lettres et Sciences Humaines; Paris: Diffusion, Les Belles Lettres, 1993. 136 p., il. (Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 492). Inclui bibliografia.

AUGUSTO, Maria das Graças de Moraes. *O absurdo na obra de Graciliano Ramos*, ou, de como um

marxista virou existencialista. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 1981. 198 p.

BARBOSA, Sonia Monnerat. *Edição crítica de* Angústia *de Graciliano Ramos*. Niterói: UFF, 1977. 2 v. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

BASTOS, Hermenegildo. Memórias do cárcere, *literatura e testemunho*. Brasília: Editora UnB, c1998. 169 p. Bibliografia: p. [163]-169.

BASTOS, Hermenegildo. *Relíquias de la casa nueva. La narrativa Latinoamericana: El eje Graciliano-Rulfo*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. Centro Coordinador Difusor de Estúdios Latinoamericanos. Traducción de Antelma Cisneros. 160 p. Inclui bibliografia.

BASTOS, Hermenegildo. BRUNACCI, Maria Izabel. ALMEIDA FILHO, Leonardo. *Catálogo de benefícios*: O significado de uma homenagem. Edição conjunta com o livro *Homenagem a Graciliano Ramos*, registro do jantar comemorativo do cinquentenário do escritor, em 1943, quando lhe foi entregue o Prêmio Filipe de Oliveira pelo conjunto da obra. Reedição da publicação original inclui os discursos pronunciados por escritores presentes ao jantar e artigos publicados na imprensa por ocasião da homenagem. Brasília: Hinterlândia Editorial, 2010. 125 p.

BISETTO, Carmen Luc. *Étude quantitative du style de Graciliano Ramos dans* Infância. [S.l.], [s.n.]: 1976.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32ª ed. Editora Cultrix, São Paulo: 1994. 528 p. Graciliano Ramos. p. 400-404. Inclui bibliografia.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Graciliano Ramos*: ensaio. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1969. 160 p., il. Bibliografia: p. 153-156. Inclui índice.

BRAYNER, Sônia. *Graciliano Ramos*: coletânea. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 316 p. (Coleção Fortuna Crítica).

BRUNACCI, Maria Izabel. *Graciliano Ramos*: um escritor personagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Crítica e interpretação. 190 p. Inclui bibliografia.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. 712 p. Graciliano Ramos, p. 597-664. Inclui bibliografia.

BUENO-RIBEIRO, Eliana. *Histórias sob o sol*: uma interpretação de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. 306 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Literatura em campo minado*: a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição brasileira. São Paulo: Annablume, FAPESP, 1999.

BUMIRGH, Nádia R.M.C. S. Bernardo *de Graciliano Ramos*: proposta para uma edição crítica. São Paulo: USP, 1998. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. 83 p.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 108 p., il. Bibliografia: p. [110]-[111].

CARVALHO, Castelar de. *Ensaios gracilianos*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, Faculdades Integradas Estácio de Sá, 1978. 133 p. (Universitária, 6).

CARVALHO, Elizabeth Pereira de. *O foco movente em Liberdade*: estilhaço e ficção em Silviano Santiago. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. 113 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARVALHO, Lúcia Helena de Oliveira Vianna. *A ponta do novelo*: uma interpretação da “mise en abîme” em *Angústia* de Graciliano Ramos. Niterói: UFF, 1978. 183 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

CARVALHO, Lúcia Helena de Oliveira Vianna. *A ponta do novelo*: uma interpretação de *Angústia*, de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1983. 130 p. (Ensaios, 96). Bibliografia: p. [127]-130.

CARVALHO, Lúcia Helena de Oliveira Vianna. *Roteiro de leitura*: *São Bernardo* de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1997. 152 p. Brochura.

CARVALHO, Luciana Ribeiro de. *Reflexos da Revolução Russa no romance brasileiro dos anos trinta*: Jorge Amado e Graciliano Ramos. São Paulo, 2000. 139 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CARVALHO, Sônia Maria Rodrigues de. *Traços de continuidade no universo romanesco de Graciliano Ramos*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990. 119 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho.

CASTELLO, José Aderaldo. *Homens e intenções*: cinco escritores modernistas. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1959. 107 p. (Coleção Ensaio, 3).

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira. Origens e Unidade (1500-1960)*. Dois vols. Editora da Universidade de São Paulo, SP, 1999. Graciliano Ramos, autor-síntese. Vol. II, p. 298-322.

CENTRE DE RECHERCHES LATINO-AMÉRICAINES. *Graciliano Ramos: Vidas secas*. [S.l.], 1972. 142 p.

CERQUEIRA, Nelson. *Hermenêutica e literatura*: um estudo sobre *Vidas secas* de Graciliano Ramos e *Enquanto agonizo* de William Faulkner. Salvador: Editora Cara, 2003. 356 p.

CÉSAR, Murilo Dias. *São Bernardo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997. 64 p. Título de capa: *Adaptação teatral livre de* São Bernardo, *de Graciliano Ramos*.

[CINQUENTA] 50 anos do romance *Caetés*. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais, 1984. 106 p. Bibliografia: p. [99]-100.

COELHO, Nelly Novaes. *Tempo, solidão e morte*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, [1964]. 75 p. (Coleção Ensaio, 33). Conteúdo: O "eterno instante" na poesia de Cecília Meireles; Solidão e luta em Graciliano Ramos; O tempo e a morte: duas constantes na poesia de Antônio Nobre.

CONRADO, Regina Fátima de Almeida. *O mandacaru e a flor*: a autobiografia *Infância* e os modos de ser Graciliano. São Paulo: Arte & Ciência, 1997. 207 p. (Universidade Aberta, 32. Literatura). Parte da dissertação do autor (Mestrado) — UNESP, 1989. Bibliografia: p. [201]-207.

CORRÊA JUNIOR, Ângelo Caio Mendes. *Graciliano Ramos e o Partido Comunista Brasileiro*: as memórias do cárcere. São Paulo, 2000. 123 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

COURTEAU, Joanna. *The World View in the Novels of Graciliano Ramos*. Ann Arbor: Univ. Microfilms Int., 1970. 221 f. Tese (Doutorado) — The University of Wisconsin. Ed. Fac-similar.

COUTINHO, Fernanda. *Imagens da infância em Graciliano Ramos e Antoine de Saint-Exupéry*. Recife: UFPE, 2004. 231 f. Tese (doutorado) — Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Inclui bibliografia.

COUTINHO, Fernanda. *Lembranças pregadas a martelo*: breves considerações sobre o medo em *Infância* de Graciliano Ramos. In Investigações: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFPE. Recife: vol. 13 e 14, dezembro, 2001.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos*: estrutura e valores de um modo de narrar. Rio de Janeiro: Ed. Brasília; Brasília: INL, 1975. 330 p. il. (Coleção Letras, 3). Inclui índice. Bibliografia: p. 311-

328.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos*: estrutura e valores de um modo de narrar. 2ª ed., rev. Rio de Janeiro: Ed. Brasília/Rio, 1977. xiv, 247 p., il. (Coleção Letras). Bibliografia: p. 233-240.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos*: estrutura e valores de um modo de narrar. Prefácio de Gilberto Mendonça Teles. 3ª ed., rev. e il. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. xxxiii, 374 p., il. (Coleção Documentos Brasileiros, 202). Bibliografia: p. 361-374. Apresentado originalmente como tese do autor (Doutorado em Literatura Brasileira) — Universidade Clássica de Lisboa. Brochura.

CRUZ, Liberto; EULÁLIO, Alexandre; AZEVEDO, Vivice M. C. *Études portugaises et brésiliennes*. Rennes: Faculté des Lettres et Sciences Humaines, 1969. 72 p. facsims. Bibliografia: p. 67-71. Estudo sobre: Júlio Dinis, Blaise Cendrars, Darius Milhaud e Graciliano Ramos. Travaux de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Rennes, Centre d'Études Hispaniques, Hispano-Américaines et Luso-Brésiliennes (Series, 5), (Centre d'Études Hispaniques, Hispano-américaines et Luso-Brésiliennes. [Publications], 5).

DANTAS, Audálio. *A infância de Graciliano Ramos*: biografia. Literatura infantojuvenil. São Paulo: Instituto Callis, 2005.

DIAS, Ângela Maria. *Identidade e memória*: os estilos Graciliano Ramos e Rubem Fonseca. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. 426 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Conto brasileiro*: quatro leituras (Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Osman Lins). Petrópolis: Vozes, 1979. 123 p.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Graciliano revisitado*: coletânea de ensaios. Natal: Ed. Universitária, UFRN, 1995. 227 p. (Humanas letras).

ELLISON, Fred P. *Brazil's New Novel*: Four Northeastern Masters: José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos [and] Rachel de Queiroz. Berkeley: University of California Press, 1954. 191 p. Inclui bibliografia.

ELLISON, Fred P. *Brazil's New Novel*: Four Northeastern Masters: José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1979 (1954). xiii, 191 p. Reimpressão da edição publicada pela University of California Press, Berkeley. Inclui índice. Bibliografia: p. 183-186.

FABRIS, M. "Função Social da Arte: Cândido Portinari e Graciliano Ramos". *Rev. do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 38, p. 11-19, 1995.

FARIA, Viviane Fleury. *Um fausto cambembe*: Paulo Honório. Tese (Doutorado) — Brasília: UnB, 2009. Orientação de Hermenegildo Bastos. Programa de Pós-Graduação em Literatura, UnB.

FÁVERO, Afonso Henrique. *Aspectos do memorialismo brasileiro*. São Paulo, 1999. 370 p. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Graciliano Ramos é um dos três autores que “figuram em primeiro plano na pesquisa, com *Infância* e *Memórias do cárcere*, duas obras de reconhecida importância dentro do gênero”.

FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos*: eine Untersuchung zur Selbstdarstellung in seinem epischen Werk. Genève: Droz, 1965. 135 p. facsims. (Kölner romanistische Arbeiten, n.F., Heft 32). Bibliografia: p. 129-135. Vita. Thesis — Cologne.

FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos*: reflexos de sua personalidade na obra. [Tradução de Luís Gonzaga Mendes Chaves e José Gomes Magalhães.] Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. 227 p. (Coleção Carnaúba, 4). Bibliografia: p. [221]-227.

FELINTO, Marilene. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 78 p., il. “Outros heróis e esse Graciliano”. Lista de trabalhos de Graciliano Ramos incluída em “Cronologia”: p. 68-75. (Encanto Radical, 30).

FERREIRA, Jair Francelino; BRUNETI, Almir de Campos. *Do meio aos mitos*: Graciliano Ramos e a tradição religiosa. Brasília, 1999. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília. 94 p.

FISCHER, Luis Augusto; GASTAL, Susana; COUTINHO, Carlos Nelson (Org.). *Graciliano Ramos*. [Porto Alegre]: SMC, 1993. 80 p. (Cadernos Ponto & Vírgula). Bibliografia: p. 79-80.

FONSECA, Maria Marília Alves da. *Análise semântico-estrutural da preposição “de” em* Vidas secas, S. Bernardo *e* Angústia. Niterói: UFF, 1980. 164 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

FRAGA, Myriam. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Moderna, 2007. Coleção Mestres da Literatura. (Literatura infantojuvenil).

FREIXIEIRO, Fábio. *Da razão à emoção II*: ensaios rosianos e outros ensaios e documentos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971. 192 p. (Temas de Todo o Tempo, 15).

GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim. *Graciliano Ramos*. Participação especial, Antonio Candido [et al.]. São Paulo: Ática, 1987. 480 p., il. (Coleção Autores Brasileiros. Antologia, 38. Estudos, 2). Bibliografia: p. 455-480.

GIMENEZ, Erwin Torralbo. *O olho torto de Graciliano Ramos: metáfora e perspectiva*. Revista USP, São Paulo, nº 63, p. 186-196, set/nov, 2004.

GUEDES, Bernadette P. *A Translation of Graciliano Ramos' Caetes*. Ann Arbor: Univ. Microfilms Int, 1976. 263 f. Tese (Doutorado) — University of South Carolina. Ed. fac-similar.

GUIMARÃES, José Ubireval Alencar. *Graciliano Ramos*: discurso e fala das memórias. Porto Alegre: PUC/RS, 1982. 406 f. Tese (Doutorado) — Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GUIMARÃES, José Ubireval Alencar. *Graciliano Ramos e a fala das memórias*. Maceió: [Serviços Gráficos de Alagoas], 1988. 305 p., il. Bibliografia: p. [299]-305.

GUIMARÃES, José Ubireval Alencar. Vidas secas: um ritual para o mito da seca. Maceió: EDICULTE, 1989. 160 p. Apresentado originalmente como dissertação de Mestrado do autor. — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bibliografia: p. [155]-157.

HAMILTON JUNIOR, Russell George. *A arte de ficção de Graciliano Ramos*: a apresentação de personagens. Ann Arbor: Univ. Microfilms Int., 1965. Tese (Doutorado) — Yale University. Ed. Fac-similar, 255 f.

HESSE, Bernard Hermann. *O escritor e o infante*: uma negociação para a representação em *Infância*. Brasília, 2007. Tese (Doutorado) — Orientação de Hermenegildo Bastos. Programa de Pós-graduação de Literatura — Universidade de Brasília.

HILLAS, Sylvio Costa. *A natureza interdisciplinar da teoria literária no estudo sobre* Vidas secas. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 105 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio*: *Vidas secas* e *O estrangeiro*. São Paulo: EDUSP, 1992. 91 p. Bibliografia: p. [89]-91. (Criação & Crítica, 8).

LEBENSZTAYN, Ieda. *Graciliano Ramos e a novidade*: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis. São Paulo: Ed. Hedra em parceria com a Escola da Cidade (ECidade), 2010. 524 p.

LEITÃO, Cláudio Correia. *Origens e fins da memória*: Graciliano Ramos, Joaquim Nabuco e Murilo Mendes. Belo Horizonte, 1997. 230 f. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Minas Gerais.

LEITÃO, Cláudio. *Líquido e incerto*; memória e exílio em Graciliano Ramos. Niterói: EdUFF, São João del Rei: UFSJ, 2003. 138 p.

LIMA, Valdemar de Sousa. *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. [Brasília]: Livraria-Editora Marco [1971]. 150 p., il. 2ª ed. Civilização Brasileira, 1980.

LIMA, Yêdda Dias; REIS, Zenir Campos (Coord.). *Catálogo de manuscritos do arquivo Graciliano Ramos*. São Paulo: EDUSP, [1992]. 206 p. (Campi, 8). Inclui bibliografia.

LINS, Osman. *Graciliano, Alexandre e outros*. Vitral ao sol. Recife, Editora Universitária da UFPE, p. 300-307, julho, 2004.

LOUNDO, Dilip. *Tropical rhymes, topical reasons*. An Antology of Modern Brazilian Literature. National Book Trust, Índia. Nova Délhi, 2001.

LUCAS, Fabio. *Lições de literatura nordestina*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2005. Coleção Casa de Palavras, 240 p. "Especificações de *Vidas secas*", p. 15-35, "A textualidade contida de Graciliano Ramos", p. 39-53, "Graciliano retratado por Ricardo Ramos", p. 87-98. Inclui bibliografia.

MAGALHÃES, Belmira. Vidas secas: os desejos de sinha Vitória. HD Livros Editora Curitiba, 2001.

MAIA, Ana Luiza Montalvão; VENTURA, Aglaeda Facó. *O contista Graciliano Ramos*: a introspecção como forma de perceber e dialogar com a realidade. Brasília, 1993. 111 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília.

MAIA, Pedro Moacir. *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro*. Salvador: EDUFBA, 2008. 164 p.: il.

MALARD, Letícia. *Ensaio de literatura brasileira*: ideologia e realidade em Graciliano Ramos. Belo Horizonte: Itatiaia, [1976]. 164 p. (Coleção Universidade Viva, 1). Bibliografia: p. 155-164. Apresentado originalmente como tese de Doutorado da autora — Universidade Federal de Minas Gerais, 1972.

MANUEL Bandeira, Aluisto [i.e. Aluisio] Azevedo, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna: [recueil de travaux présentés au séminaire de 1974]. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers, 1974. 167 p. (Publications du Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers). Francês ou português. Conteúdo: Roig, A. Manuel Bandeira, ou l'enfant père du poète, Garbuglio, J. C. Bandeira entre o Beco e Pasárgada, Vilhena, M. da C. Duas cantigas medievais de Manuel Bandeira, Mérian, J.-Y. Un roman inachevé de Aluisio Azevedo, Alvès, J. Lecture plurielle d'un passage de *Vidas secas*, David-Peyre, Y. Les personnages et la mort dans *Relíquias de Casa Velha*, de Machado de Assis, Moreau, A. Remarques sur le dernier acte de l'*Auto da Compadecida*, Azevedo-Batard, V. Apports inédits à l'oeuvre de Graciliano Ramos.

MARINHO, Maria Celina Novaes. *A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos*: uma análise da

heterogeneidade discursiva nos romances *Angústia* e *Vidas secas*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2000. 110 p. Apresentado originalmente como dissertação do autor (Mestrado) — Universidade de São Paulo, 1995. Bibliografia: p. [105]-110.

MAZZARA, Richard A. *Graciliano Ramos*. Nova York: Twayne Publishers, [1974]. 123 p. (Twayne's World Authors Series, TWAS 324. Brazil). Bibliografia: p. 121-122.

MEDEIROS, Heloísa Marinho de Gusmão. *A mulher na obra de Graciliano Ramos*. Maceió, Universidade Federal de Alagoas/Deptº de Letras Estrangeiras, 1994.

MELLO, Marisa Schincariol de. *Graciliano Ramos*: criação literária e projeto político (1930-1953). Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado). História Contemporânea. Universidade Federal Fluminense (UFF).

MERCADANTE, Paulo. *Graciliano Ramos*: o manifesto do trágico. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. 167 p. Inclui bibliografia.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992. 174 p. Apresentado originalmente como tese do autor (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 1987. Bibliografia: p. [159]-174.

MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004. 96 p.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992. xxiii, 407 p., il. Subtítulo de capa: Uma biografia de Graciliano Ramos. Bibliografia: p. 333-354. Inclui índice. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. 2ª ed., 360 p.

MOTTA, Sérgio Vicente. *O engenho da narrativa e sua árvore genealógica*: das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. São Paulo: UNESP, 2006.

MOURÃO, Rui. *Estruturas*: ensaio sobre o romance de Graciliano. Belo Horizonte: Edições Tendências, 1969. 211 p. 2ª ed., Arquivo, INL, 1971. 3ª ed., Ed. UFPR, 2003.

MUNERATTI, Eduardo. *Atos agrestes*: uma abordagem geográfica na obra de Graciliano Ramos. São Paulo, 1994. 134 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MURTA, Elício Ângelo de Amorim. *Os nomes (próprios) em* Vidas secas. Concurso monográfico "50 anos de Vidas secas". Universidade Federal de Alagoas, 1987.

NASCIMENTO, Dalma Braune Portugal do. *Fabiano, herói trágico na tentativa do ser*. Rio de Janeiro:

UFRJ, 1976. 69 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Dalma Braune Portugal do. *Fabiano, herói trágico na tentativa do ser*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1980. 59 p. Bibliografia: p. 55-59.

NEIVA, Cícero Carreiro. Vidas secas *e* Pedro Páramo: tecido de vozes e silêncios na América Latina. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. 92 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NERY, Vanda Cunha Albieri. *Graça eterno*. No universo infinito da criação. (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

NEVES, João Alves das. *Graciliano Ramos*. Coimbra: Atlântida, 1963. 212 p.

NOGUEIRA, Ruth Persice. *Jornadas e sonhos*: a busca da utopia pelo homem comum: estudo comparativo dos romances *As vinhas da ira* de John Steinbeck e *Vidas secas* de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. 228 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NUNES, M. Paulo. *A lição de Graciliano Ramos*. Teresina: Editora Corisco, 2003.

OLIVEIRA, Celso Lemos de. *Understanding Graciliano Ramos*. Columbia, S.C.: University of South Carolina Press, 1988. 188 p. (Understanding Contemporary European and Latin American Literature). Inclui índice. Bibliografia: p. 176-182.

OLIVEIRA NETO, Godofredo de. *A ficção na realidade em* São Bernardo. 1ª ed. Belo Horizonte: Nova Safra; [Blumenau]: Editora da FURB, c1990. 109 p., il. Baseado no capítulo da tese do autor (Doutorado — UFRJ, 1988), apresentado sob o título: *O nome e o verbo na construção de* São Bernardo. Bibliografia: p. 102-106.

OLIVEIRA, Jurema José de. *O espaço do oprimido nas literaturas de língua portuguesa do século XX*: Graciliano Ramos, Alves Redol e Fernando Monteiro de Castro Soromenho. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. 92 p. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Luciano. *O bruxo e o rabugento*. Ensaios sobre Machado de Assis e Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes. *Cacos de Memória*: Uma leitura de *Infância*, de Graciliano Ramos. Belo Horizonte, 1992. 115 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais.

PALMEIRA DOS ÍNDIOS. Prefeitura. *Dois relatórios ao governador de Alagoas*. Apresentação de

Gilberto Marques Paulo. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1992. 44 p. "Edição comemorativa ao centenário de nascimento do escritor Graciliano Ramos (1892-1953)." Primeiro trabalho publicado originalmente: Relatório ao Governador do Estado de Alagoas. Maceió: Impr. Official, 1929. Segundo trabalho publicado originalmente: 2º Relatório ao Sr. Governador Álvaro Paes. Maceió: Impr. Official, 1930.

PEÑUELA CAÑIZAL, Eduardo. *Duas leituras semióticas*: Graciliano Ramos e Miguel Ángel Asturias. São Paulo: Perspectiva, 1978. 88 p., il.

PEÑUELA CAÑIZAL, Eduardo. *Duas leituras semióticas*: Graciliano Ramos e Miguel Ángel Asturias. São Paulo: Perspectiva, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. 88 p. (Coleção Elos, 21).

PEREGRINO JÚNIOR. *Três ensaios*: modernismo, Graciliano, Amazônia. Rio de Janeiro: São José, 1969. 134 p.

PEREIRA, Isabel Cristina Santiago de Brito; PATRIOTA, Margarida de Aguiar. *A configuração da personagem no romance de Graciliano Ramos.* Brasília, 1983. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília. 83 p.

PINTO, Rolando Morel. *Graciliano Ramos, autor e ator*. [São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1962.] 189 p. fac-sím. Bibliografia: p. 185-189.

PÓLVORA, Hélio. "O conto na obra de Graciliano." Ensaio p. 53-61. *Itinerários do conto: interfaces críticas e teóricas de modern short stories.* Ilhéus: Editus, 2002. 252 p.

PÓLVORA, Hélio. *Graciliano, Machado, Drummond e outros*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975. 158 p.

PÓLVORA, Hélio. "Infância: A maturidade da prosa." "Imagens recorrentes em *Caetés*." "O anti-herói trágico de *Angústia*." Ensaios p. 81-104. *O espaço interior*. Ilhéus: Editora da Universidade Livre do Mar e da Mata, 1999. 162 p.

PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos*: relações entre ficção e realidade. São Paulo: Edições Quíron, 1975. xvii, 147 p. (Coleção Escritores de Hoje, 3). "Originalmente a dissertação de Mestrado *Graciliano Ramos — figura e fundo*, apresentada em 1972 na disciplina de Sociologia da Literatura à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo." Bibliografia: p. 145-146.

RAMOS, Clara. *Cadeia*. Rio de Janeiro: J. Olympio, c1992. 213 p., il. Inclui bibliografia.

RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano*: confirmação humana de uma obra. [Capa, Eugênio Hirsch]. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 272 p., il. (Coleção Retratos do Brasil, 134). Inclui bibliografia.

RAMOS, Elizabeth S. *Histórias de bichos em outras terras*: a transculturação na tradução de Graciliano Ramos. Salvador: UFBA, 1999. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

RAMOS, Elizabeth S. Vidas Secas *e The Grapes of Wrath — o implícito metafórico e sua tradução*. Salvador: UFBA, 2003. 162 f. Tese (Doutorado) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

RAMOS, Elizabeth S. *Problems of Cultural Translation in Works by Graciliano Ramos*. Yale University-Department of Spanish and Portuguese, Council on Latin American and Iberian Studies. New Haven, EUA, 2004.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano*: retrato fragmentado. São Paulo: Globo, 2011. 2ª ed. 270 p.

REALI, Erilde Melillo. *Itinerario nordestino di Graciliano Ramos*. Nápoles [Itália]: Intercontinentalia, 1973. 156 p. (Studi, 4).

REZENDE, Stella Maris; VENTURA, Aglaeda Facó. *Graciliano Ramos e a literatura infantil*. Brasília, 1988. 101 p. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília.

RIBEIRO, Magdalaine. *Infância de Graciliano Ramos*. Autobiografia ou radiografia da realidade nordestina? In: Identidades e representações na cultura brasileira. Rita Olivieri-Gadot, Lícia Soares de Souza (Org.). João Pessoa: Ideia, 2001.

RIBEIRO, Maria Fulgência Bomfim. *Escolas da vida e grafias de má morte*: a educação na obra de Graciliano Ramos. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.

RISSI, Lurdes Theresinha. *A expressividade da semântica temporal e aspectual em* S. Bernardo *e* Angústia. Niterói: UFF, 1978. 142 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *A face oculta de Graciliano Ramos*. Maceió: Secretaria de Comunicação Social: Arquivo Público de Alagoas, 1992. 106 p., il. Subtítulo de capa: Os 80 anos de um inquérito literário. Inclui: "A arte e a literatura em Alagoas", do *Jornal de Alagoas*, publicado em 18/09/1910 (p. [37]-43). Inclui bibliografia.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Graciliano Ramos*: achegas biobibliográficas. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, SENEC, 1973. 92 p., il. Inclui bibliografias.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Graciliano Ramos*: vida e obra. Maceió: Secretaria de Comunicação Social, 1992. 337 p., il. ret., fac-símiles. Dados retirados da capa. Bibliografia: p. 115-132.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Graciliano Ramos antes de* Caetés: catálogo da exposição biobibliográfica de Graciliano Ramos, comemorativa dos 50 anos do romance *Caetés*, realizada pelo Arquivo Público de Alagoas em novembro de 1983. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1983. 42 p., il. Título de capa: Catálogo, Graciliano Ramos antes de *Cahetés*. Inclui bibliografia. Contém dados biográficos.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *História do romance* Caetés. Maceió: Arquivo Público: Subsecretaria de Comunicação Social, 1983. 38 p., il. Inclui bibliografia.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *O romance* S. Bernardo. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1984. 25 p. "Catálogo da Exposição Bibliográfica 50 Anos de *S. Bernardo*" realizada pelo Arquivo Público de Alagoas em dezembro de 1984. Contém dados biográficos. Bibliografia: p. 17-25.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Vidas secas: história do romance. Recife: Sudene, 1999. 150 p., il. "Bibliografia sobre *Vidas secas*": p. [95]-117.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*: uma ficção de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 235 p. (Coleção Literatura e Teoria Literária, 41).

SANTOS, Valdete Pinheiro. *A metaforização em* Vidas secas: a metáfora de base animal. Rio de Janeiro: UFRJ, 1979. 65 f. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SÉMINAIRE GRACILIANO RAMOS, 1971, Poitiers. *Graciliano Ramos*: *Vidas secas*. Poitiers [França]: Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers, 1972. 142 p. (Publications du Centre de Recherches Latino-Américaines de l'Université de Poitiers). Seminários: fev.-jun. de 1971. Inclui bibliografia.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Análise histórica de* Vidas secas *de Graciliano Ramos*. Brasília, 1980. 17 f.

SILVA, Bélchior Cornelio da. *O pio da coruja*: ensaios literários. Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1967. 170 p.

SILVA, Enaura Quixabeira Rosa e outros. Angústia *70 anos depois*. Maceió: Ed. Catavento, 2006. 262 p.

SILVA, Hélcio Pereira da. *Graciliano Ramos*: ensaio crítico-psicanalítico. Rio de Janeiro, Aurora, 1950. 134 p., 2ª ed. rev., Ed. G. T. L., 1954.

SILVEIRA, Paulo de Castro. *Graciliano Ramos*: nascimento, vida, glória e morte. Maceió: Fundação Teatro Deodoro, 1982. 210 p.: il.

SOUZA, Tânia Regina de. *A infância do velho Graciliano*: memórias em letras de forma. Editora da UFSC. Florianópolis, 2001.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2ª ed., 2004. 744 p. "O Nordeste em ponta seca: Graciliano Ramos." p. 531-533. Inclui bibliografia.

TÁTI, Miécio. "Aspectos do romance de Graciliano Ramos". *Temário* — Revista de Literatura e Arte, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1-19, jan.-abr., 1952.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Roteiro de* Vidas secas: seminário sobre o livro de Graciliano Ramos e o filme de Nelson Pereira dos Santos. Brasília, 1965. 63 p.

UNIVERSITÉ DE POITIERS. *Manuel Bandeira, Aluísio Azevedo, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna*. Poitiers, 1974. Texto em francês e português. 167 p.

VENTURA, Susanna Ramos. *Escritores revisitam escritores*: a leitura de Fernando Pessoa e Ricardo Reis, por José Saramago, e de Graciliano Ramos e Cláudio Manuel da Costa, por Silviano Santiago. São Paulo, 2000. 194 p. Anexos. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VERDI, Eunaldo. *Graciliano Ramos e a crítica literária*. Prefácio de Edda Arzúa Ferreira. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989. 184 p., il. Apresentado originalmente como dissertação de Mestrado do autor — Universidade Federal de Santa Catarina, 1983. Bibliografia: p. 166-180.

VIANA, Vivina de Assis. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Nova Cultural, 1990. 144 p.

VIANNA, Lúcia Helena. *Roteiro de leitura: São Bernardo* de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1997. 152 p., il.

ZILBERMAN, Regina. São Bernardo *e os processos da comunicação*. Porto Alegre: Movimento, 1975. 66 p. (Coleção Augusto Meyer: Ensaios, 8). Inclui bibliografia.

Produções cinematográficas

Vidas secas — Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1963.

São Bernardo — Direção, adaptação e roteiro de Leon Hirszman, 1972.

Memórias do cárcere — Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1983.

Produção para rádio e TV

São Bernardo — novela em capítulos baseada no romance, adaptado para a Rádio Globo do Rio de Janeiro por Amaral Gurgel, em 1949.

São Bernardo — *Quarta Nobre* baseada no romance, adaptado em um episódio para a TV Globo por Lauro César Muniz, em 29 de junho de 1983.

A terra dos meninos pelados — musical infantil baseado na obra homônima, adaptada em quatro episódios para a TV Globo por Cláudio Lobato e Márcio Trigo, em 2003.

Graciliano Ramos — Relatos da Sequidão. DVD — Vídeo. Direção, roteiro e entrevistas de Maurício Melo Júnior. TV Senado, 2010.

Prêmios literários

Prêmio Lima Barreto, pela *Revista Acadêmica* (conferido a *Angústia*, 1936).

Prêmio de Literatura Infantil, do Ministério da Educação (conferido a *A terra dos meninos pelados*, 1937).

Prêmio Felipe de Oliveira (pelo conjunto da obra, 1942).

Prêmio Fundação William Faulkner (conferido a *Vidas secas*, 1962).

Por iniciativa do governo do Estado de Alagoas, os Serviços Gráficos de Alagoas S.A. (SERGASA) passaram a se chamar, em 1999, Imprensa Oficial Graciliano Ramos (Iogra).

Em 2001 é instituído pelo governo do Estado de Alagoas o ano Graciliano Ramos, em decreto de 25 de outubro. Neste mesmo ano, em votação popular, Graciliano é eleito o alagoano do século.

Medalha Chico Mendes de Resistência, conferida pelo grupo Tortura Nunca Mais, em 2003.

Prêmio Recordista 2003, Categoria Diamante, pelo conjunto da obra.

Exposições

Exposição Graciliano Ramos, 1962, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.

Exposição Retrospectiva das Obras de Graciliano Ramos, 1963, Curitiba (10º aniversário de sua morte).

Mestre Graça: “Vida e Obra” — comemoração ao centenário do nascimento de Graciliano Ramos, 1992. Maceió, Governo de Alagoas.

Lembrando Graciliano Ramos — 1892-1992. Seminário em homenagem ao centenário de seu nascimento. Fundação Cultural do Estado da Bahia. Salvador, 1992.

Semana de Cultura da Universidade de São Paulo. Exposição Interdisciplinar Construindo Graciliano Ramos: *Vidas secas*. Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 2001-2002.

Colóquio Graciliano Ramos — Semana comemorativa de homenagem pelo cinquentenário de sua morte. Academia de Letras da Bahia, Fundação Casa de Jorge Amado. Salvador, 2003.

Exposição O Chão de Graciliano, 2003, São Paulo, sesc Pompeia. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

Exposição O Chão de Graciliano, 2003, Araraquara, SP. SESC — Apoio UNESP. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

Exposição O Chão de Graciliano, 2003/04, Fortaleza, CE. SESC e Centro Cultural Banco do Nordeste. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

Exposição O Chão de Graciliano, 2003, Maceió, sesc São Paulo e Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

Exposição O Chão de Graciliano, 2004, Recife, SESC São Paulo, Fundação Joaquim Nabuco e Banco do Nordeste. Projeto e curadoria de Audálio Dantas.

4º Salão do Livro de Minas Gerais. Graciliano Ramos — 50 anos de sua morte, 50 anos de *Memórias do cárcere*, 2003. Câmara Brasileira do Livro. Prefeitura de Belo Horizonte.

Entre a morte e a vida. Cinquentenário da morte: Graciliano Ramos. Centenário do nascimento: Domingos Monteiro, João Gaspar Simões, Roberto Nobre. Exposição Bibliográfica e Documental. Museu Ferreira de Castro. Portugal, 2003.

Home page
http://www.graciliano.com.br

http://www.gracilianoramos.com.br

Alexandre e outros heróis

Análise do livro
http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/
analises_completas/a/alexandre_e_outros_herois

Página do livro na Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Alexandre_e_
Outros_Her%C3%B3is

Resumo do livro
http://www.sosestudante.com/resumos-a/alexandre-e-outros-herois.html

Página do livro no Skoob
http://www.skoob.com.br/livro/9292-alexandre-e-outros-herois

Site do autor
http://graciliano.com.br/site/

Graciliano Ramos na Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Graciliano_Ramos

Biografia do autor
http://www.infoescola.com/literatura/graciliano-ramos/